Anderson Braga Horta

TRADUZIR POESIA

SUMÁRIO

Palavras Prévias
Traduzir Poesia
Dois Mestres-Poetas
Dilemas de um Tradutor
Traduzindo um Soneto Ilustre
Outros Sonetos de Quevedo
Um Madrigal do *Siglo de Oro*
Sor Juana Inés de la Cruz
Três Rimas de Gustavo Adolfo Bécquer
Rubén Darío
Um Poema de Pedro Salinas
Vicente Huidobro
Razões de Traduzir
Um Soneto de Petrarca
Mais uma Tradução do Soneto de Arvers
De Gérard de Nerval
François Coppée
Paul Verlaine
Jules Laforgue
Des Fleurs du Mal de Baudelaire
Marítima Embriaguez
Outros Poemas de Rimbaud
Alain Borne
Rilke
Um Soneto de Shakespeare
O *Tygre* de Blake
Breve Notícia dos Poetas
Índice dos Poetas com os Poemas Traduzidos

PALAVRAS PRÉVIAS

Desde 1957, ano de minhas primeiras incursões no território nebuloso, ambíguo, mas volúpico da tradução de poesia, tenho acumulado um volume razoável de versos transpostos de diferentes idiomas — nenhum dos quais, preciso logo confessá-lo, chego a dominar.

Nesse amatório mister, associei-me, para algumas empreitadas, a poetas amigos, nomeadamente Fernando Mendes Vianna e José Jeronymo Rivera, com os quais preparei as coletâneas bilíngües *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, publicada pela Embaixada de Espanha, com o selo da Thesaurus (Brasília, 2000), *Victor Hugo: Dois Séculos de Poesia* (Thesaurus, 2002), *O Sátiro e Outros Poemas* (novamente Victor Hugo), a cargo da Edições Galo Branco, de Waldir Ribeiro do Val (Rio de Janeiro, 2002), e *Antologia de Poesia Ibero-Americana*, iniciativa da Associação de Adidos Culturais Ibero-Americanos, ainda em processo de edição. (Havia, nesta, poemas do Haiti, em francês, e brasileiros e portugueses que tivemos de passar para o castelhano.)

Com Rivera e, ainda, José Antonio Pérez, Kori Bolivia, Manuel Graña Etcheverry e Rumen Stoyanov, verti para o espanhol, atrevidamente, poetas brasileiros desde o Simbolismo até João Cabral. (Para a representação de *Cobra Norato*, de Raul Bopp, aproveitou-se tradução deixada por Ángel Crespo.) A obra, iniciativa do então embaixador português em Buenos Aires, o poeta José Augusto Seabra, que a organiza e faz o estudo introdutório, abrange poesia lusa do mesmo período, essa a cargo do argentino Rodolfo Alonso. A edição, bilíngüe, foi realizada pela Thesaurus (Brasília, 2002) para o Instituto Camões e a Embaixada de Portugal na Argentina.

Rivera, Seabra e eu nos reunimos mais uma vez, na mesma editora, para a tradução da *Antologia Pessoal* de Rodolfo Alonso (2003).

Publicados esses tomos, em amigável e prestigiosa parceria, restavam-me na gaveta dezenas de traduções, cuja reunião em livro passou a me ocupar a imaginação.

Estas traduções não surgiram subordinadas a nenhum programa, porém ao sabor das circunstâncias e da motivação interior. Deram origem a ensaios e palestras que lhes assinalaram esse e outros aspectos, além de abrigarem disquisições que, sem pretensão a originalidade, menos ainda a esgotar o assunto ou a bibliografia (que,

entre nós, ostenta nomes da estatura de Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Onestaldo de Pennafort, José Paulo Paes, entre outros mestres da teoria e da prática da tradução de poesia), nasceram de vividas perplexidades ante os problemas que me ofereceram. Sem o levar às últimas conseqüências, a fim de não cansar o leitor, mostro-as aqui não apenas na conformação final, mas também com os andaimes da construção.

Preferi, pois, a secamente ordená-las consoante critérios de língua, nacionalidade e cronologia, dispô-las, neste volume, livre e diferenciadamente, com as considerações que me suscitaram umas, as versões em que se desdobraram outras. E porque, ainda que minimamente, dizem algo de como penso deva comportar-se a tradução de poesia, resolvi precedê-las dos textos com que apresentei ilustres traduções realizadas por dois amigos diletos, Domingos Carvalho da Silva e José Jeronymo Rivera.

Penso, com isso, acrescentar um pouco de variedade e vivacidade a estas páginas.

Que o julgue o leitor.

ABH

TRADUZIR POESIA

Prefácio a *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilíngüe*, de José Jeronymo Rivera – Thesaurus Editora, Brasília, 1998.

Por que traduzir poesia?

A pergunta pode parecer provocativa, mas a provocação está longe de ser novidade. Não é de hoje haver quem afirme a falácia não só da tradução poética, mas da tradução em geral... Quanto a esta absurda generalização de uma suposta impossibilidade —em que breve nos deteremos—, é fácil refutá-la: sem tradução, como tomar conhecimento de quanto escrito em língua que não a nossa? Teríamos de ler, pelo menos, em inúmeras outras, e é excepcionalíssimo quem o faça em mais de uma... *hélas!* quem sequer o faça na própria! O argumento justifica também a tradução de poesia, mas este é um caso que deve ser tratado à parte. A cruel e tão bem-achada expressão italiana *traduttore, traditore* não se aplica tão-só aos que se atrevem a traduzir poemas, mas, decerto, a eles melhor do que a ninguém.

As dificuldades do tradutor são de vária ordem. Paulo Rónai, em *A Tradução Vivida*,[1] depois de ilustrar com a garimpagem de cincadas curiosas o problema da tradução dita "literal", afirma que não se traduzem "palavras, mas sentenças"; e conclui: "o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante idéia seria naturalmente vazada".

É algo diferente a tradução do poema, em que o som — e, pois, a palavra— costuma desempenhar papel relevantíssimo. Rónai retoma o assunto, sob esse prisma; como, porém, não é, a que estamos citando, obra especificamente destinada à tradução poética, deixamos com o leitor a curiosidade de conversá-la mais extensivamente.[2]

Vem, talvez, de Alexander Fraser Tytler o asserto de que o texto traduzido deve soar como escrito originalmente na língua-meta, ou língua de destino.[3] Para tanto, porém, o tradutor será forçado a sacrificar algo: ou deixará perderem-se alguns aspectos formais ou —que remédio!— alguma coisa substancial. (Mas, em se tratando de poesia, como discernir entre forma e substância, ou conteúdo?)

Referindo-se a traduções poéticas para o húngaro, efetuadas por um grupo de compatriotas, diz Paulo Rónai:[4]

> "Na impossibilidade de reproduzir *todos* os valores do original, os intérpretes se conformavam com o sacrifício do sentido exato, tentando suscitar, pela maior fidelidade possível na transposição dos elementos musicais, impressão de conjunto análoga."

Posição rigorosamente antípoda haveriam de assumir os tradutores, caso lidassem com textos científicos ou de mera informação...

Permitam-me os leitores de José Jeronymo Rivera, a mim, aprendiz-tradutor do primeiro ano, uma autocitação, neste passo. Em tentativa de passar para o português a extraordinária beleza do "Hymne à la Beauté", de Baudelaire, vi-me obrigado a um procedimento nada ortodoxo (não falemos em traição...), que assim procurei justificar, em nota: "A tradução da última estrofe, 1.º verso, é literalmente contrária ao original, sem prejuízo, porém, para o conjunto." Liberem-me de apresentar o produto... Afinal, o tradutor, aqui, é Rivera, e não Anderson. A passagem é recordada apenas para sugerir a que extremos conflitos interiores pode sentir-se levado um pobre tradutor de poesia, aprendiz ou não. Mas o exemplo deve ser tomado *cum grano salis*. Cabe, a propósito, menear a cabeça e dizer, como nossos avós: "Nem tanto ao mar, nem tanto à terra..."

Voltando a Rónai: suscita o nosso húngaro-brasileiro o dilema de procurar a tradução exercer no leitor efeito semelhante ao que o original devia exercer sobre seus contemporâneos — ou o efeito que exerceria texto semelhante, mas atual, sobre os leitores de hoje.[5] Penso que a resposta há de variar conforme se trate de teatro, por exemplo, ou de poesia. O teatro, por sua natureza cênica, exige inteligibilidade imediata. Geir Campos,[6] citando o norte-americano Eugene Nida, exemplifica: uma tradução do *Hamlet* em versos "e com palavras da língua portuguesa do século XVI" será preferível para o estudioso "do teatro ou da linguagem ou dos costumes da Inglaterra seiscentista"; já a tradução em linguagem contemporânea convirá melhor à encenação.

Em *Teoría y Práctica de la Traducción*,[7] Valentín García Yebra expõe o que seria a "regra de ouro" do tradutor: dizer tudo o que está dito no original, evitando dizer o que quer que dele não conste, e fazê-lo com o máximo de naturalidade e correção que permita a língua para a qual se traduz. Na prosa, muito bem. Mas — e na poesia?

Tornemos, ainda uma vez, a Paulo Rónai. A propósito de um poema de Petöfi, diz ele que "os tradutores teriam de transigir: cometeriam infidelidades de pormenor, porém manteriam 'a verdade essencial: a de um belo poema que canta'".[8] O que sugere deva o tradutor, antes de mais nada, definir a "verdade essencial" do poema que traduz, a qual pode ser o ritmo, ou a imagem, ou o conceito...

Ora, na poesia, em que, o mais das vezes, importa antes o *clima* que a *informação*, a *sugestão* que o *conceito*, e em que a *música* e a *imagem* sobrelevam a *lógica*, é preciso não apenas traduzir (ou verter): é preciso, sobretudo, *recriar*; ou *transcriar*, como querem os irmãos Campos.[9]

Voltamos, feita essa longa digressão, à pergunta inicial, e lhe damos resposta que, a esta altura, parecerá óbvia:

—Por que se traduz poesia?

—Pela mesma razão por que se faz poesia.

Com efeito, há de ser poeta o tradutor de poemas, e para tanto há de dominar sua própria língua.[10]

Tudo isso bem o sabe José Jeronymo Rivera. E sabe, pois, que a alegada intraduzibilidade do poema não deve ser aceita como um absoluto. Não é fácil, mas é possível recriar o poema de modo que, na língua de destino, ele soe como original e suscite um conjunto de sensações-emoções-sentimentos-idéias que se assemelhe ao da matriz.

Rivera está, como poucos, aparelhado para essa tarefa. Na cidade mineira de Leopoldina, terminando ele o ginásio, começando eu o clássico, no abençoado ano de 1950, iniciamo-nos simultaneamente nos mistérios da poesia. (E, seja dito entre parênteses, fundamos uma amizade que já vai completando meio século.) Não persistiu ele no fazer poético, mas a estrutura do verso, então dominada, foi uma conquista para sempre. Aluno brilhante, inteligência rara, memória privilegiada, concluiu o curso de humanidades com excepcional proveito. Os de Engenharia, Economia e Administração, em que viria a se diplomar, pareceriam contradizer aquelas primícias poéticas. Mas não passa de superstição a idéia de que a aptidão para as ciências exatas e as ciências sociais coarctem a sensibilidade. (*Memento* Joaquim Cardozo, por exemplo.) Leitor compulsivo, melômano invulgar, amante das artes plásticas, construiu um cabedal com que poucos intelectuais e poucos artistas poderiam emparelhar. Assim, quando, há pouco mais de três anos, resolveu dedicar-se à tradução de poesia (do francês e do castelhano, para começar), já se iniciou como mestre. A prova está contida neste volume, em que vence desafios que vão desde os versos antigos de Guillaume de Machaut até as estrofes modernas, obscuras e

cintilantes de *Le Cimetière Marin*, de Paul Valéry, bem como na tradução integral de *Les Villes Tentaculaires*, de Émile Verhaeren, que espero ver também, em breve, publicada. Passados pelo crivo de seu lavor meticuloso, incansável, e apaixonado, os versos desses notáveis transfundem-se num português que se lhes faz congenial.

Brasília, dezembro de 1997.

NOTAS

1. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2.ª ed., 1981, p. 58.
2. V. *op. cit.*, pp. 129 e ss.
3. *Apud* John Milton (não confundir com o do *Paradise Lost*...), *O Poder da Tradução*, Ars Poetica, São Paulo, 1993, pp. 34-35.
4. *Op. cit.*, p. 152.
5. *Op. cit.*, pp. 114 e 116.
6. *O que É Tradução*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, pp. 72-73.
7. Editorial Gredos, Madri, 1982; *apud* Geir Campos, *op. cit.*, p. 85.
8. *Op. cit.*, p. 154.
9. V. Haroldo de Campos, "Tradução, Ideologia e História", *in: Remate de Males*, n.º 4 (número subordinado ao título *Território da Tradução*), Campinas, dezembro de 1984, pp. 239 e ss.
10. "No puede ser buen traductor quien no sea maestro en su propia lengua." — Valentín García Yebra, *apud* Paulo Rónai, *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações* (verbete "tradutor"), 3.ª ed., Rio de Janeiro, 1985.

DOIS MESTRES-POETAS

Dobras da capa de *Poemas Necessários*, de Ángel Crespo, tradução de Domingos Carvalho da Silva – Clube de Poesia e Crítica, Brasília, 1979.

É a de Ángel Crespo uma poesia do homem no seu espaço — a terra com suas plantas e animais, a rua, a casa e seus objetos. Uma poesia *gregária* — mas com o adjetivo não desejaria obscurecer a íntima solidão (o íntimo silêncio) que é fulcro necessário ao trânsito do mistério, presente nela. Pois não é poesia das que se gastam no descritivo, senão das que se propõem o difícil —porém, no caso, profícuo— perquirir de essencialidades. O que melhor a caracteriza, porque onde mais amorosamente mergulha, é, em nosso entender, algo que nos não expõe diretamente, mas dela transparece: a comunhão profunda entre o homem e a natureza — e sua nostalgia, numa civilização que a oculta e dissipa. Formalmente, salienta-se por uma linguagem forte, não raro veemente, para usar expressão ouvida a seu tradutor brasileiro. Ritmicamente, diríamos que o decassílabo é seu nível, seu tônus, em torno dele construindo-se e oscilando os outros metros, especialmente seu companheiro natural, o heróico quebrado. Se acrescentarmos que a obscuridade é uma de suas freqüências, teremos esboçado o quadro das dificuldades que antepõe à tradução.

Haverá quem pense que a grande semelhança entre o português e o espanhol reduz os obstáculos normais com que se defronta o tradutor de poemas. Engano — algumas vezes, multiplica-os. A tentativa de transpor poesia para idioma tão próximo redunda, se não a empreendem mãos de mestre, em grotesco arremedo, e tem-se a penosa impressão de que a língua segunda não passa de tosco dialeto da primeira. A semelhança leva à *facilidade*, e esta à contrafação. Mais do que nunca, é então preciso *recriar*.

Domingos Carvalho da Silva é o mestre que se poderia cometer, sem riscos, essa empresa. Poeta notável, tanto pela criação

original —nos dez volumes que tem publicado, desde *Bem-Amada Ifigênia* (1943) até *Vida Prática* (1976)— quanto pela recriação de obras alheias —destacadamente a dos *20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, de Neruda—, ademais de notável estudioso de poesia, as traduções-recriações que ora nos oferece são límpidas e frescas como se originalmente compostas em português.

Temos, assim, com a publicação destes *Poemas Necessários*, a felicidade de poder conhecer, ou reconhecer, uma excelente poesia, pela voz não de um, mas de dois dos mais destacados mestres-poetas contemporâneos.

DILEMAS DE UM TRADUTOR

Palestra pronunciada na Associação
Nacional de Escritores – ANE, em 26-6-2001.

É de todos sabido que o tradutor, esse espécime de uma raça de sofredores injuriada com o delicioso —para os outros!— trocadilho italiano: *Traduttori, traditori...* é um trabalhador intelectual sujeito permanentemente a duas pressões poderosíssimas: a da fidelidade à forma e a da sujeição ao conteúdo. (Falo, é claro, do tradutor literário, pois o que se dedica a outras áreas tem que se ater mesmo ao assunto, merecendo-lhe a forma, no habitual, não mais que o tratamento requerido pela gramática e, se tanto, umas pitadas de estilo.) Essas duas e, quase sempre, opostas pressões bastariam para infernizar-lhe a vida. Se se trata de um tradutor de poesia, como em meu caso, ponham inferno nisso!... Se você, embora poeta, e dos bons! ainda não tentou traduzir um poema, não imagina em que enrascada *não* se meteu. Se o poema é metrificado e rimado, então, o trabalho vai requerer um bom tirocínio versífico e muita paciência, sem garantia de resultado satisfatório.

Cedo experimentei o gosto de traduzir poesia. É uma volúpia semelhante à de compor, mesmo porque, afinal, é um modo de compor, só que limitado, balizado, determinado por uma fórmula prévia, alheia e imperativa. Não pensem que estou tentando pintar um quadro antipático. São obstáculos que é gostoso vencer, quando se consegue.

A hesitação entre forma e conteúdo —permitam-me empregar essas palavras na acepção usual, compreendida por todos, sem me perder em considerações teóricas que não vêm ao caso— é uma das dificuldades e um dos sabores picantes da arte de traduzir. Tenho algumas idéias a respeito. Entendo, por exemplo, que o conteúdo propriamente semântico de um poema, ou de partes dele, é algumas vezes mero suporte para sua função encantatória, isto é, para sua essência mesma... Em tal hipótese —e isso ocorre mais freqüentemente com poesia de recorte simbolista ou afim— penso que pode (ou deve!) o tradutor sacrificar o sentido aparente ou ostensivo para tentar recriar na língua-meta a música, o clima, a magia do artefato original, que são o seu verdadeiro sentido. Para ilustrá-lo, tenho uma historinha.

Traduzindo um poema, "Spleen", de **Baudelaire**, ia eu muito bem quando se me depara uma estrofe decisiva, porque final:

— Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme; l'Espoir,
Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.

Depois de muito apanhar, cheguei a este resultado absurdo:

— E em longa procissão fúnebre um coro canta
Surdamente em minha alma: é a Esperança que parte,
Vencida, morta. E a Angústia, a Angústia atroz, implanta
No meu crânio pendido o seu negro estandarte.

Assim justifiquei, em nota, a absurdidade:

A tradução da última estrofe, 1.º verso, é literalmente contrária ao original, sem prejuízo, porém, para o conjunto.

Curto e grosso. Mas é, realmente, o que me parece. Acho que a pior traição que se pode fazer a um poeta, ao traduzi-lo, é transcrever o suporte discursivo do poema *em forma tosca, ou antimusical, ou desencantatória*!

Mas... *modus in rebus*! Na maioria dos casos, esse *sentido ostensivo* é inseparável da *alma* do poema, e aí não há como ignorá-lo.

(Aos que detestam oradores que abusam da primeira pessoa peço desculpas. Terei de ir com ela até o fim, já que falo de *minha* experiência *tradutória* — passe a palavrinha. Não tenho elementos para falar de outra.)

Muitas vezes, na tentativa de alcançar o ideal, isto é, a dupla fidelidade (à forma e ao conteúdo...), embaraça-se o poeta-tradutor em versões às vezes muito próximas, mas entre as quais não consegue decidir-se. Tenho, a propósito, outra historinha.

Minha primeira experiência nessa modalidade criativa (ou recriativa, ou transcriativa...) data de 1957. Cursava a Faculdade Nacional de Direito, e o CACO (Centro Acadêmico Cândido de Oliveira), pela revista que editava, *A Época*, instituiu concurso de traduções de um poeminha de **Jean Cocteau**. Que era o seguinte:

J'ai trop aimé, j'ai trop souffert
Trop perdu ce qui m'était cher
Je n'en peux plus respirer l'air
Et j'habite au fond d'une mer
Une mer faite de mes larmes
Où silences sont les vacarmes
Où pourrissent de vieilles armes
Et dont l'amertume a ses charmes.

Resolvi encarar o desafio. E vi-me a braços com o meu primeiro dilema. Na verdade, um trilema! É que fiz logo três versões, e, indeciso entre elas, inscrevi-as todas. Peço aos amigos paciência para ouvi-las. Leio-as na ordem inversa de seu surgimento:

EU MUITO AMEI – III

Eu muito amei, muito sofri
Tudo o que quis — tudo perdi
Já não lhe posso o ar respirar
E habito no fundo de um mar
Mar todo feito de meus prantos
Onde silêncios são os alarmas
Onde apodrecem velhas armas
E cujo fel tem seus encantos.

EU MUITO AMEI – II

Eu muito amei, muito sofri
Tudo o que quis ficou atrás
O ar não lhe posso aspirar mais
E no fundo de um mar me vi
Um mar formado de meus prantos
Onde silêncios são os alarmas
Onde apodrecem velhas armas
E cujo fel tem seus encantos.

EU MUITO AMEI – I

Eu muito amei, muito sofri
Tudo o que quis, tudo, perdi
Nem mais lhe sorvo o hálito, e
No fundo de um mar eu me vi
Um mar que fiz com os meus prantos
Onde silêncios são os cantos
Onde apodrecem brasões tantos
E cujo fel tem seus encantos.

A última versão lida, que foi a primeira surgida, acabou sendo a primeira mesmo. Ganhei o prêmio, com o voto de Carlos Drummond de Andrade! Para aparar um pouco do orgulho com que o digo, vou confessar que não foi tão grande coisa assim: concorri comigo mesmo, mais uns poucos gatos pingados...

O sucesso me faria tomar gosto pelas traduções. Mas com efeito retardado. Só quatro anos depois voltei a traduzir, dessa vez Victor Hugo; em seguida François Coppée, mais tarde Laforgue, Rimbaud, e outros, e passei do francês para o espanhol, e tentei o italiano, com Petrarca, e me arrisquei no inglês, com Shakespeare, Blake e Swinburne. E Rilke, embora...

Bem, Rilke pede um parêntese. Cultiva-se o mito de que para bem traduzir (poesia, em particular) é indispensável conhecer a fundo o

idioma-fonte. Não é. Desejável, sim. Indispensável, não. Indispensável é, em primeiro lugar, conhecer intimamente a língua-meta, isto é, dominar o tradutor a própria língua; além disso, é obviamente necessário compreender em profundidade o poema original, para o que, além da leitura própria, concorrerão outras, em quaisquer línguas — sob a forma de traduções literais ou não, de análises e interpretações, enfim, de tudo o de que se possa valer o candidato a tradutor. Se se trata de poesia metrificada, acrescente-se a exigência de cabais conhecimentos específicos.

Voltemos ao poeta das *Elegias de Duíno*. Peguei uma edição francesa, bilíngüe (versão de Claude Vigée), e, com um olho cá e o outro lá, fui traduzindo. Leio bem direitinho o alemão, só que não entendo patavina... Mas a consulta ao original me norteou quanto a ritmo e rima, pelo menos.

Traduzi, em 1973, dez poemas do genial criador das "Correspondances", e reuni-os, em opúsculo mimeografado (depois xerocado), para distribuição aos amigos, sob o título *Des Fleurs du Mal de Baudelaire*. Dois desses poemas tiveram dupla tradução: "La Musique" e "La Destruction". O primeiro, pela mesma razão que me levara a *tresduzir* o poeminha de Cocteau. Mas o segundo ganhou, em português, uma versão alexandrina (consoante o original) e outra decassilábica. Vamos ver?

Eis o original de **Baudelaire**:

LA DESTRUCTION

Sans cesse à mes côtés s'agite le Démon;
Il nage autour de moi comme un air impalpable;
Je l'avale et le sens qui brûle mon poumon
Et l'emplit d'un désir éternel et coupable.

Parfois il prend, sachant mon grand amour de l'Art,
La forme de la plus séduisante des femmes,
Et, sous de spécieux prétextes de cafard,
Accoutume ma lèvre à des philtres infâmes.

Il me conduit ainsi, loin du regard de Dieu,
Haletant et brisé de fatigue, au milieu
Des plaines de l'Ennui, profondes et désertes,

Et jette dans mes yeux pleins de confusion
Des vêtements souillés, des blessures ouvertes,
Et l'appareil sanglant de la Destruction!

Vamos à primeira versão (como a segunda, sob o título "A Destruição"):

Sempre o Diabo a agitar-se e a me estender a mão,
Nadando-me em redor como um ar impalpável;
Eu o respiro e o sinto abrasar-me o pulmão
E enchê-lo de um desejo infinito e culpável.

Sabendo o meu amor pela Arte, ele não falha:
Toma a forma da mais sedutora mulher,
E, com sofismas, com pretextos de canalha,
Acostuma-me o lábio aos filtros que bem quer.

Assim, longe do olhar de Deus, ele me leva
Arquejante, alquebrado, até o núcleo de treva
Das planícies do Tédio, imensas e desertas,

E atira em meu olhar cheio de confusão
Sujas vestes, cruor de feridas abertas,
E o aparelho de sangue e horror da Destruição!

A segunda versão, fi-la (não, não votei nele...) por pura fantasia. Como disse, é decassilábica (com um verso de gaita galega):

Sempre o Diabo me estende a torva mão,
Nada-me em torno como ar impalpável;
Respiro-o e sinto-o queimar-me o pulmão
E enchê-lo de um desejo indesculpável.

Do meu amor pela Arte tece a malha:
Toma a forma da mais bela mulher,
E, com pretextos dobles de canalha,
Acostuma-me aos filtros que bem quer.

Conduz-me assim, do olhar de Deus distante,
Alquebrado, sonâmbulo, ofegante,
Às planícies do Tédio, amplas, desertas,

E atira-me no olhar em confusão
Sujas vestes, feridas descobertas,
E a máquina bestial da Destruição!

Com o "Bateau Ivre", de **Rimbaud**, a coisa foi diferente. Numa primeira versão, admiti, em cada quadra, uma rima toante (algumas vezes nem tanto, apenas uma rima imperfeita) ao lado de outra consoante. Mas não por fantasia, e sim pela dificuldade da empreitada. Gastei todo um mês nesse trabalho. Depois, consumi outro tanto na faina de repor as rimas perfeitas do original. E depois ainda tive o trabalho de confrontar o resultado com outras traduções preexistentes. Com "Les Assis", também de **Rimbaud**, a coisa foi pior: uma versão inicial com rimas toantes, outra

idem, e terceira (não sei ainda se definitiva) com toantes e consoantes. Para encerrar o assunto **Rimbaud**, relato o caso do soneto das "Vogais": fiz nada menos de seis traduções. E não estou satisfeito. Em nenhuma das versões empreguei o adjetivo "violáceo"... Transcrevo, no suporte escrito desta palestra, as seis versões; mas não as lerei todas, para não perder os amigos.

VOYELLES

A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu: voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes:
A, noir corset velu des mouches éclatantes
Qui bombinent autour des puanteurs cruelles,

Golfes d'ombre; E, candeurs des vapeurs et des tentes,
Lances des glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombelles;
I, pourpres, sang craché, rire des lèvres belles
Dans la colère ou les ivresses pénitentes;

U, cycles, vibrements divins des mers virides,
Paix des pâtis semés d'animaux, paix des rides
Que l'alchimie imprime aux grands fronts studieux;

O, suprême Clairon plein des strideurs étranges,
Silences traversés des Mondes et des Anges:
—O l'Oméga, rayon violet de Ses Yeux!

VOGAIS – 1

A negro, E branco, I rubro, U verde, O azul: vogais,
Ainda vos direi as origens latentes:
A, piloso negror do ventre de esplendentes
Moscas zumbindo em torno às podridões mortais,

Golfos de sombra; E, alvor dos vapores, nitentes
Lanças de gelo, reis brancos, fremir de umbelas;
I, púrpuras, golfar de sangue, rir de belas
Bocas na ira ou nas ebriezas penitentes;

U, divino ondular dos mares, paz dos pastos
Semeados de animais, paz desses sulcos vastos
Que a alquimia imprimiu na fronte do poeta;

O, supremo Clarim de estridores profundos,
Silêncios que atravessa um coro de Anjos, Mundos:
— O, o Ômega, o clarão dos Seus Olhos violeta!

2

A negro, E branco, I rubro, U verde, O azul: vogais,
Ainda vos direi as origens latentes:
A, piloso negror do ventre de esplendentes
Moscas zumbindo em torno às podridões mortais,

Golfos de sombra; E, alvor dos vapores, nitentes
Lanças de gelo, reis brancos, fremir de ervais;
I, púrpuras, golfar de sangue, rir de ideais
Lábios em ira ou nas ebriezas penitentes;

U, divino ondular dos mares, paz dos pastos
Semeados de animais, paz desses sulcos vastos
Que a alquimia imprimiu na fronte do poeta;

O, supremo Clarim de estridores profundos,
Silêncios que atravessa um céu de Anjos, de Mundos:
— O, o Ômega, clarão dos Seus Olhos violeta!

3

A negro, E branco, I rubro, O azul, U verde. Delas
Ainda vos direi as origens latentes:
A, piloso negror do ventre de esplendentes
Moscas zumbindo em torno às pútridas mazelas,

Golfos de sombra; E, alvor dos vapores, nitentes
Lanças de gelo, reis brancos, fremir de umbelas;
I, púrpuras, golfar de sangue, rir de belas
Bocas na ira ou nas ebriezas penitentes;

U, divino ondular dos mares, paz dos pastos
Semeados de animais, paz desses sulcos vastos
Que a alquimia imprimiu na fronte do poeta;

O, supremo Clarim de estridores profundos,
Silêncios que atravessa um céu de Anjos, de Mundos:
— O, o Ômega, clarão dos Seus Olhos violeta!

4

A, o atro; E, o branco; I, o rubro, U, o verde; O, o céu:
vogais,
Ainda vos direi as origens latentes:

A, negro véu ventral das moscas resplendentes
Que zumbem ao redor dos fedores mortais,

Golfos de sombra; E, alvor de vapor, de insolentes
Lanças de gelo, reis brancos, tremor de umbelas;
I, púrpuras, golfar de sangue, rir de belas
Bocas em ira ou em ebriezas penitentes;

U, ciclos, ir-e-vir do verde mar em fugas,
Paz de animais semeando os pastos, paz das rugas
Que a alquimia imprimiu na ampla fronte do poeta;

O, supremo Clarim de estridores ousados,
Silêncios de Anjos e de Mundos transpassados:
— O, o Ômega, o clarão dos Seus Olhos violeta!

5

A, o atro; E, branco; I, rubro; U, verde; O, o céu: vogais,
Um dia vos direi as origens latentes:
A, viloso avental das moscas resplendentes
Que zumbem ao redor dos fedores mortais,

Mar de sombra; E, candor de vapor, de insolentes
Lanças de alto glaciar, reis brancos, uis florais;
I, púrpuras, golfar de sangue, rir de ideais
Lábios em ira ou em ebriezas penitentes;

U, ciclos, ir-e-vir do verde mar divino,
Paz de animais semeando o val, dos sulcos finos
Que a alquimia imprimiu na ampla fronte do poeta;

O, supremo Clarim de estridores ousados,
Silêncios de Anjos e de Mundos transpassados:
— O, o Ômega, clarão de Seus Olhos violeta!

6

A negro, E branco, I rubro, O azul, U verde. Delas,
Vogais, ainda direi as origens latentes:
A, piloso negror do ventre de esplendentes
Moscas zumbindo em torno às pútridas mazelas,

Golfos de sombra; E, alvor dos vapores, nitentes
Lanças de gelo, reis brancos, fremir de umbelas;
I, púrpuras, golfar de sangue, rir de belas
Bocas na ira ou nas ebriezas penitentes;

U, paz dos animais semeando o vale e os montes,
Dos sulcos que a alquimia abriu nas sábias frontes,
Ciclos, divino ondear de mares sem abrolhos;

O, supremo Clarim de estridores profundos,
Silêncios que atravessa um céu de Anjos, de Mundos:
— O, o Ômega, o clarão violeta de Seus Olhos!

"A Ballade of Dreamland", de **Swinburne**, foi um caso de amor à primeira vista. Li-a e me apaixonei; e firmei o propósito de traduzi-la, apesar do inglês deficiente. Amigos me ajudaram na compreensão literal do poema, e lancei mãos à obra. Fiz uma versão alexandrina; e, a partir dela, uma decassilábica, para ficar mais perto do original. Talvez o tenha conseguido, mas o embalo do alexandrino ficou em meus ouvidos. Publiquei as duas, no livro *Pulso*.

A BALLADE OF DREAMLAND

I hid my heart in a nest of roses,
Out of the sun's way, hidden apart;
In a softer bed than the soft white snow's is,
Under the roses I hid my heart.
Why would it sleep not? Why should it start,
When never a leaf of rose-tree stirred?
What made sleep flutter his wings and part?
Only the song of a secret bird.

Lie still, I said, for the wind's wing closes,
And mild leaves muffle the keen sun's dart;
Lie still, for the wind on the warm seas dozes,
And the wind is unquieter yet than thou art.
Does a thought in thee still as a thorn's wound smart?
Does the fang still fret thee of hope deferred?
What bids the lips of thy sleep dispart?
Only the song of a secret bird.

The green land's name that a charm encloses,
It never was writ in the traveller's chart,
And sweet on its trees as the fruit that grows is;
It never was sold in the merchant's mart.
The swallows of dreams through its dim fields dart,
And sleep's are the tunes in its tree-tops heard;
No hound's note wakens the wildwood hart,
Only the song of a secret bird.

ENVOY

In the world of dreams I have chosen my part,
To sleep for a season and hear no word
Of true love's truth or of light love's art,
Only the song of a secret bird.

BALADA DO PAÍS DO SONHO

Deitei meu coração em um ninho de rosas,
Longe da luz do sol; num leito o pus então
De mais brilho e maciez que as montanhas nivosas;
Sob as rosas guardei, guardei meu coração.
Donde, pois, donde vem essa palpitação,
Se nem mesmo uma folha estremece no ar quieto?
Quem fez alar-se o sono e voar para a amplidão?
Apenas a canção de um pássaro secreto.

Dorme em paz, lhe disse eu, que as asas poderosas
Recolhe o vento, e tens nas folhas proteção
Contra os dardos do sol; dorme que entre as calmosas,
Mornas ondas do mar repousa a viração.
Ainda o espinho te dói de uma desilusão?
Rasga a adiada esperança ainda o teu seio inquieto?
Que segredos do sono os lábios te abrirão?
Apenas a canção de um pássaro secreto.

O virente país que em teus anseios gozas,
Em carta de marear não lhe vês inscrição.
Como o fruto a pender das ramagens frondosas,
Doce é seu nome. Nunca o verás em leilão.
Por seus campos de sombra arremetendo vão
Andorinhas de sonho. Em seu bosque o requieto
Cervo, nunca o desperta o ladrido de um cão.
Apenas a canção de um pássaro secreto.

ENVIO

Nesse mundo de sonho escolhi meu quinhão:
Dormir sem escutar sequer o mais discreto
Falar de amor, fosse ele o mais vero ou o mais vão.
Apenas a canção de um pássaro secreto.

BALADA DO PAÍS DO SONHO
(2.ª versão)

Guardei meu coração em meio a rosas,
Longe da luz do sol: ninho à feição
Da alva maciez das solidões nevosas.
Sob as rosas guardei meu coração.
Mas donde vem essa palpitação,
Se nem se agita no ar folha ou inseto?
Que faz o sono alar-se e voar então?
Só o canto de um pássaro secreto.

—Dorme! que o vento as asas poderosas
Repousa, e tens nas folhas proteção
Contra os dardos do sol. Entre as calmosas
Ondas do mar cochila a viração...
Rasga-te ainda o espinho da ilusão,
De uma adiada esperança, o seio inquieto?
Quem do teu sono os lábios abre em vão?
Só o canto de um pássaro secreto.

Do áureo país que em devaneios gozas
No mapa do viajor não há menção.
Mais que as pendentes frutas saborosas
Doce é seu nome, que outros não dirão.
Andorinhas de sonho em bandos vão
Por seus campos nublados. Nunca o quieto
Cervo o latido o despertou de um cão.
Só o canto de um pássaro secreto.

ENVIO

Nesse país escolho o meu quinhão:
Dormir sem escutar o mais discreto
Falar de amor, fosse real ou não.
Só o canto de um pássaro secreto.

Há casos raros em que ao tradutor de poesia o caminho se oferece reto, pavimentado e sem obstáculos. Sem dilemas. O mais óbvio me parece esta famosa composição do cubano **José Martí**:

CULTIVO UNA ROSA BLANCA

Cultivo una rosa blanca,
en julio como en enero,

para el amigo sincero
que me da su mano franca.

Y para el cruel que me arranca
el corazón con que vivo,
cardo ni ortiga cultivo:
cultivo una rosa blanca.

É só ir copiando, quase. Um acento aqui, uma letra ali, no máximo a substituição ou a transposição de uma palavra, e pronto:

CULTIVO UMA ROSA BRANCA

Cultivo uma rosa branca,
em julho como em janeiro,
para o amigo verdadeiro
que me dá sua mão franca.

E para o cruel que me arranca
o coração com que vivo,
cardo, urtiga não cultivo:
cultivo uma rosa branca.

Fácil, não? Mas essa facilidade é rara. Traduzir poemas do espanhol tem problemas insuspeitados. A semelhança mesma dos idiomas nos deixa inconsoláveis ante a necessidade de mudar versos e versos, que à primeira vista seriam praticamente idênticos em português, por causa de um simples artigo (*el*, *lo*, *la*...) ou um mero pronome possessivo (*mi*, *mía*, *tu*, *suyo*, *tuya*...) que, tendo uma consoante no começo ou no fim, ou uma sílaba a mais ou a menos, ou terminação completamente diversa do equivalente nosso, nos obrigam às vezes a uma volta imensa.

Mas não estamos aqui para falar de dificuldades, e sim de perplexidades. Vamos, pois, à que me acometeu ao trabalhar sobre estes belos versos de **Jorge Luis Borges** (do livro *El Otro, el Mismo*):

SONETO DEL VINO

¿En qué reino, en qué siglo, bajo qué silenciosa
Conjunción de los astros, en qué secreto día
Que el mármol no ha salvado, surgió la valerosa
Y singular idea de inventar la alegría?
Con otoños de oro la inventaron. El vino
Fluye rojo a lo largo de las generaciones
Como el río del tiempo y en el arduo camino
Nos prodiga su música, su fuego y sus leones.
En la noche del júbilo o en la jornada adversa
Exalta la alegría o mitiga el espanto

Y el ditirambo nuevo que este día le canto
Otrora lo cantaron el árabe y el persa.
Vino, enséñame el arte de ver mi propia historia
Como si ésta ya fuera ceniza en la memoria.

Ao fazer a transposição, adotei o alexandrino francês, com aquelas regrinhas relativas à cesura medial que fazem dele um verso composto de dois hexassílabos, cuja soma silábica perfaz um dodecassílabo, em nosso sistema de contagem métrica:

SONETO DO VINHO

Em que reino, em que tempo e sob que silenciosa
Conjunção planetária, em que secreto dia
Que o mármor não guardou, surgiu a generosa
E única inspiração de inventar a alegria?

Ah! com outonos de ouro a inventaram. O vinho
Vermelho e ardente flui banhando as gerações
Como o rio do tempo, e em seu árduo caminho
Seu cântico nos doa, e seu fogo e seus leões.

Na jubilosa noite e na jornada adversa
Ele exalta a alegria ou suaviza o espanto.
E o ditirambo que hoje, efusivo, lhe canto

Disse-o o árabe uma vez, cantou-o outrora o persa.
Vinho, ensina-me a ver a minha própria história
Como se fora já cinza e pó na memória.

Depois pensei: Ora, estou querendo ser mais realista que o rei. Se traduzo do castelhano, por que não usar o chamado alexandrino espanhol (justaposição de dois hexassílabos, sem mais exigências), bastante praticado entre nós por Castro Alves, por exemplo? E assim refiz o trabalho:

SONETO DO VINHO
(2.ª versão)

Em que reino, em que século, sob que silenciosa
Conjunção astrológica, em que secreto dia
Que não salvou o mármore, surgiu a valorosa
E singular idéia de inventar a alegria?

Foi com outonos de ouro que a inventaram. O vinho
Vai fluindo vermelho, banhando as gerações

Como o rio do tempo, e em seu árduo caminho
Dá-nos a sua música, o seu fogo e os seus leões.

Quer na noite do júbilo, quer na jornada adversa,
Ele exalta a alegria ou suaviza o espanto
E o ditirambo novo que este dia lhe canto

Igualmente o cantaram outrora o árabe e o persa.
Ó vinho, ensina-me a arte de ver a própria história
Como se esta já fosse em cinzas na memória.

Da mexicana **Sor Juana Inés de la Cruz**, também um soneto:

ESTE QUE VES, ENGAÑO COLORIDO

Este que ves, engaño colorido,
que del arte ostentando los primores,
con falsos silogismos de colores
es cauteloso engaño del sentido;

éste, en quien la lisonja ha pretendido
excusar de los años los horrores,
y venciendo del tiempo los rigores
triunfar de la vejez y del olvido,

es un vano artificio del cuidado,
es una flor al viento delicada,
es un resguardo inútil para el hado:

es una necia diligencia errada,
es un afán caduco y, bien mirado,
es cadáver, es polvo, es sombra, es nada.

Assim ficou:

ESTE, QUE VÊS, ENGANO COLORIDO

Este, que vês, engano colorido,
que, ostentando das artes os primores,
com silogismos pérfidos de cores
é cauteloso engano dos sentidos;

este, em quem a lisonja pretendido
tem escusar dos anos os horrores,
e, ao tempo subjugando-lhe os rigores,
triunfar sobre a velhice e sobre o olvido,

é um vão artifício do cuidado,
é uma flor ao vento delicada,
é um resguardo inútil contra o fado:

é uma néscia diligência errada,
é afã caduco e, bem considerado,
é cadáver, é pó, é sombra, é nada.

Talvez acabe preferindo, entretanto, a seguinte alternativa para os tercetos:

é vazio artifício do cuidado,
é flor exposta ao vento, delicada,
é inútil resguardo contra o fado:

é apenas néscia diligência errada,
afã caduco, e, bem considerado,
é cadáver, é pó, é sombra, é nada.

Bem considerado —pego a deixa de Sor Juana—, este discurso o que tem de bom são os poemas de cuja leitura é pretexto, variados e de elevado nível. Não quero encerrá-lo sem a apresentação desta bem-humorada peça do espanhol **Baltasar del Alcázar**:

TRES COSAS ME TIENEN PRESO

Tres cosas me tienen preso
de amores el corazón:
la bella Inés, y jamón
y berenjenas con queso.

Una Inés, amantes, es
quien tuvo en mi tal poder
que me hizo aborrecer
todo lo que no era Inés.
Trájome un año sin seso,
hasta que en una ocasión
me dio a merendar jamón
y berenjenas con queso.

Fue de Inés la primer palma;
pero ya juzgarse ha mal
entre todos ellos cuál
tiene más parte en mi alma.
En gusto, medida y peso
no les hallo distinción:

ya quiero Inés, ya jamón,
ya berenjenas con queso.

Alega Inés su beldad:
el jamón que es de Aracena;
el queso y la berenjena,
su andaluza antigüedad.
Y está tan en fiel el peso
que, juzgando sin pasión,
todo es uno: Inés, jamón
y berenjenas con queso.

Servirá este nuevo trato
destos mis nuevos amores
para que Inés sus favores
nos los venda más barato,
pues tendrá por contrapeso,
si no hiciere razón,
una lonja de jamón
y berenjenas con queso.

Assim o traduzi, para o livro *Poetas do Século de Ouro Espanhol*, que fiz com Fernando Mendes Vianna e José Jeronymo Rivera:

TRÊS COISAS

Três coisas me trazem preso
de amores o coração:
a bela Inês, e leitão
e berinjelas com queijo.

Uma Inês, amantes, eis
que teve em mim tal poder
que me fez aborrecer
tudo o que não era Inês.
Sem siso um ano me vejo,
até que certa ocasião
deu-me a merendar leitão
e berinjelas com queijo.

Leva Inês primeiro a palma;
mas julgar como, afinal,
dentre todos esses, qual
tem melhor parte em minha alma.
Em gosto, medida e peso
não lhes acho distinção:

já quero Inês, já leitão,
já berinjelas com queijo.

Alega Inês a beldade;
o leitão que é de Aracena;
queijo e berinjela acena
de andaluza antiguidade.
E tão no fiel está o peso
que, julgando sem paixão,
tudo é um: Inês, leitão
e berinjelas com queijo.

Servirá o novo trato
destes meus novos amores
para que Inês seus favores
no-los venda mais barato,
pois terá por contrapeso,
se não agir com razão,
uma manta de leitão
e berinjelas com queijo.

Acontece que a tradução de *jamón* é, propriamente, *presunto*. Se pudesse empregar a palavra, daria mais fidelidade à minha versão, e sobretudo mais graça. Comecei, meio de brincadeira, a fazê-lo, mas, como já previa, tropecei em dificuldades que não consegui superar... senão depois de editado o livro. Vejam como ficou:

TRÊS COISAS
(2.ª versão)

Três coisas me ardem sem pejo
o coração e o bestunto:
a bela Inês, e presunto
e berinjelas com queijo.

Uma Inês, amantes, eis
que teve em mim tal poder
que me fez aborrecer
tudo o que não fosse Inês.
Sem siso um ano me vejo,
té que, esse tempo consunto,
deu-me a merendar presunto
e berinjelas com queijo.

Leva Inês primeiro a palma;
mas julgar como, afinal,
dentre todos esses, qual

tem melhor parte em minha alma?
Se gosto e peso cotejo,
não sinto um de outro disjunto:
já quero Inês, já presunto,
já berinjelas com queijo.

Alega Inês a beldade;
presunto, ser de Aracena;
queijo-e-berinjela acena
de andaluza antiguidade.
E tão no alto é o fiel no ensejo
que, bem pesado este assunto,
tudo é um: Inês, presunto
e berinjelas com queijo.

Servirá o novo trato
destes meus novos amores
a que Inês os seus favores
no-los venda mais barato,
para não dar no varejo, *{pra não ter que no varejo*
por não agir com o bestunto, *{dar, por falta de bestunto,*
de contrapeso, presunto *{*de contrapeso presunto
e berinjelas com queijo.

Estamos em fim de papo... Para concluir, quero referir-me a uma nova e mais ambiciosa aventura em que me meti, juntamente com Rivera, José Antonio Pérez, Kori Bolivia, Rumen Stoyanov e José Santiago Naud: percorrer caminho inverso, isto é, traduzir poetas brasileiros —do Simbolismo até a Geração de 45— para o castelhano (o trabalho inclui autores portugueses, estes a cargo do poeta argentino Rodolfo Alonso; Manuel Graña Etcheverry traduziu Drummond), sob a coordenação do Embaixador de Portugal em Buenos Aires, o poeta José Augusto Seabra. Atrevimento indesculpável de quem, como eu, apenas arranha o espanhol. Mas os companheiros estão aí para corrigir os meus deslizes.

É de **Cecília Meireles** esta maravilhosa canção:

REINVENÇÃO

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas

que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.

Só — na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Beleza, não?

O terceto intermediário vem a calhar para entendermos melhor a dificuldade e o encanto da arte de traduzir poesia. A tradução literal da primeira linha é: *Pero la vida, la vida, la vida*... A adversativa podemos substituir por *mas*. Mas o artigo... O jeito é reinventar — como quereria Cecília, aliás. E então algumas veredas se nos oferecem: *Mas la vida, vida, vida*... Ou: *Mas la vida, oh, vida, oh, vida*... Ou ainda: *Pero la vida, la vida*... E decerto haverá outras, mais ou menos ocultas...

Preferi a última. Espero não ter feito grande injúria ao poema de **Cecília** — mas, cuidado! ainda não submeti minha versão aos amigos *hispanohablantes*:

REINVENCIÓN

La vida sólo es posible
reinventada.

Anda el sol por las campiñas,
pasa la mano dorada
por las aguas, por las hojas...
¡Ah! todo pompas

que vienen de hondas piscinas
de ilusionismo... — sin nada.

Pero la vida, la vida,
la vida sólo es posible
reinventada.

Viene la luna y retira
las cadenas de mis brazos.
Me proyecto a unos espacios
llenados de tu Figura.
¡Todo mentira! Mentira
de la luna, en noche oscura.

No te alcanzo, no te encuentro...
En el tiempo equilibrada,
del columpio me desprendo
que afuera del tiempo lleva.

Sola, sola — en la tiniebla, *{Sola — en nieblas,*
quedo: recibida y dada.

Porque la vida, la vida,
la vida sólo es posible
reinventada.

Valha a homenagem à nossa grande poetisa.
Boa noite, amigos.

NOTAS

1. Rilke: "traduzir não é cingir-se à pura troca de palavras; é necessário manter o movimento interior, o ritmo e a música do original, sem o quê seria substituir um corpo vivo por uma imagem de cera, um frio cadáver". (Pinço a citação em Geir Campos, em sua tradução de *Poemas de Rainer Maria Rilke* — José Olympio, Rio, 1953.)

2. Não era... Acrescentei-lhe uma quarta. (Q.v. adiante, em "Outros Poemas de Rimbaud".)

TRADUZINDO UM SONETO ILUSTRE

Em geral, não lemos com toda a atenção. Ao fim de algumas páginas, senão de umas poucas linhas, o olhar automatiza-se na decifração dos caracteres, a mente deixa-se levar pelos caminhos da imaginação, à do autor não raro se somando a de quem lê, ou treslê, e o ouvido interior vai-se embalando na música das palavras, a ponto de se tocarem, de se imbricarem, no simples ato de leitura, dois universos irmãos. O que mais verdade é se se lida com poesia. Mas o tradutor, especialmente o de poesia, não se pode permitir tais devaneios, — não no momento de traduzir. É que, mesmo na translação entre idiomas tão próximos como o espanhol e o português, não é toda hora que se tem a felicidade de poder verter palavra por palavra; a regra é ter de captar o sentido, as imagens, o ritmo, a música do original e tentar reproduzi-los, recriá-los, caso necessário, na língua meta. Assim, o tradutor tem de esmiuçar o texto, analisá-lo, interpretá-lo, até bem o compreender (ou julgar que...), antes de partir para a escrita final. E isso, em certos casos, pode-se revelar tarefa bem árdua.

Um dos poemas espanhóis que primeiro me despertaram o interesse de tradutor amador —sem embargo de já outros o terem traduzido, e alguns, provavelmente, melhor do que eu o poderia— foi um ultrafamoso soneto de Quevedo: "Amor Constante más allá de la Muerte". Cedo percebi que entre a mera fruição dos versos e a tarefa que me propunha havia um fosso.

Já não sei em que publicação relera o soneto; sei que, tendo acedido ao desejo de transpô-lo ao português, decidi consultar fonte mais fidedigna; assim, procurei pela obra de D. Francisco de Quevedo na Biblioteca da Câmara dos Deputados, onde trabalhava, encontrando um volume intitulado *El Parnaso Español y Musas Castellanas*, edição datada de Barcelona, 1866, que se declara "*sacada de la antigua Edicion impresa á últimos del siglo XVI*".[1] Deparei-me com o seguinte texto, que transcrevo sem tirar nem pôr:

"*Amor constante mas allá de la muerte.*

XXXI.

Cerrar podrá mis ojos la postrera
Sombra que me llevare el blanco dia;

Y podrá desatar esta alma mia
Ora á su afan ansioso lisonjera:
Mas no de esotra parte en la ribera
Dejará la memoria en donde ardia;
Nadar sabe mi llama la agua fria,
Y perder el respeto á ley severa.
Alma á quien todo un Dios prision ha sido,
Venas, que humor á tanto fuego han dado,
Médulas, que han gloriosamente ardido:
Su cuerpo dejarán, no su cuidado;
Serán ceniza, mas tendrá sentido;
Polvo serán, mas polvo enamorado."[2]

De pronto, uma discrepância relativamente a todas as mais edições a que tenho tido acesso:[3] a palavra que inicia o quarto verso está grafada "Ora", e não "Hora". Não se argua eventual indiferenciação: o texto do volume abriga, distintamente, um e outro vocábulo. "Hora", como substantivo, o percorre, de fio a pavio, sempre com o *h* inicial.[4] O caso mais significativo é o dos "Tercetos" sob a epígrafe "Sátira a una dama", em que os dois vocábulos se confrontam. No quinto terceto (página 559) se lê: "La causa yo la sufro, e tú la sabes, / Aunque en callarla pienso ser eterno, / Ora me vituperes ó me alabes." Já na penúltima estrofe (página 566): "Buscaré tu amistad en todas horas".

Voltemos ao soneto. Uma e outra versão permitem leitura coerente. Com "ora", advérbio,[5] o sujeito de "podrá desatar" será "la postrera sombra ...."; objeto direto, "esta alma mia". Desse modo, a "postrera sombra" seria, "ora", isto é, *neste momento*, "lisonjera" (= agradável) ao "afan ansioso" de "esta alma mia".

Com "hora", seria este substantivo o sujeito.[6]

Em minha tentativa de transposição, dou preferência à fonte mais antiga. Não por julgá-la isenta de erros, que certamente os tem. (Por exemplo: na página 201, no soneto XLIV, quase vizinho do que nos ocupa, o primeiro quarteto se encerra com o verso "Llama por las médulas estendidas", sendo o proparoxítono incompatível com o ritmo.[7] Outro exemplo: na página 509, soneto VII de "Poesias Amorosas", ao verso primeiro —"A fugitivas sombras doy brazos"— falta uma sílaba: provavelmente o pronome "les" acoplado a "doy", se bem que estranhe a repetição de "brazos" no verso quarto.) Assim procedo por ser essa a fonte mais próxima do poeta (salvo documentação de que eu não tenha conhecimento) e, no particular, não aparentar engano.

Há mais discordâncias entre as edições. Algumas registram "dejará", em vez de "dejarán", no verso 12. Com isso, o sujeito deixa de ser composto —"alma", "venas" e "médulas"— para ser simplesmente "alma". "Venas" e "médulas" entender-se-iam como sujeito de "serán".[8]

Há-as também que põem "tendrán" por "tendrá", no penúltimo verso. Afigura-se-me bem mais defensável o singular, subentendendo-se um elíptico "eso" como sujeito (não creio que pudesse ser "alma").

Diferenças menores são as de pontuação, nos versos 2 (vírgula, em vez de ponto-e-vírgula, em "dia"), 4 (ponto-e-vírgula pelos dois-pontos), 5 ("de esotra parte" entre vírgulas; vírgula no fim), 6 (vírgula em "memoria"; dois-pontos, e não ponto-e-vírgula, no fim), 10 (omissão da vírgula em "venas"), 11 (omissão da vírgula em "médulas"; ponto-e-vírgula em "ardido").

Assinale-se, afinal, que "Dios", no verso nono, está, na edição trazida à baila, com inicial maiúscula.

Em meu trabalho, apenas acato a modernização de abolir a obrigatoriedade da letra capital no começo de cada verso, além de adotar a separação estrófica.

Assim ficou:[9]

AMOR CONSTANTE PARA ALÉM DA MORTE

Cerrar meus olhos pode a derradeira
sombra que me levar o branco dia,
e desatar esta alma poderia,
ora a sua ansiedade lisonjeira;

mas não dessoutra parte na ribeira
a memória deixar, na qual ardia;
nadar sabe esta chama na água fria,
à lei que rege as coisas sobranceira.

Alma a quem todo um Deus prisão tem sido,
veias que humor a tanto fogo hão dado,
medulas que hão gloriosamente ardido:

seu corpo hão de deixar, não seu cuidado;
e serão cinza, mas terá sentido;
e serão pó, mas pó enamorado.

Pode-se-lhe objetar (entre tantas coisas) que o fecho do segundo quarteto é passível de tradução literal (quase transcrição letra por letra: "E perder o respeito a lei severa"). Retrucaria que a condescendência para uma rima toante, no contexto, seria aceitar uma

imperfeição, ainda que passável, na reconfiguração lingüística de obra tão perfeita.

A mudança da regência do verbo *nadar*, de transitivo direto, que me parece mais forte, para transitivo indireto, acarretou alguma perda. Minha primeira versão procurou obviá-la com o recurso a *flâmula*, vocábulo que, proparoxítono, compensava a perda de uma sílaba métrica, decorrente da substituição do *el* espanhol pelo *a* português: "nadar sabe esta flâmula a água fria". Grande tradutor de Quevedo, o poeta Fernando Mendes Vianna, em conversa amigável, criticou veementemente a solução, e um de seus argumentos era que o termo, entre nós, costuma ser usado antes com o sentido de *bandeirola*, *bandeira*. De início, entretanto, finquei pé no meu laborioso achado.

Para o tradutor que teima em conformar seu trabalho a extremos de rigor —o que é sempre desejável, mas nem sempre possível— haveria um reparo a prevenir: o anacronismo lingüístico; mas, informa Antônio Geraldo da Cunha,[10] minimizando essa possibilidade, *flâmula* entrou para o acervo da língua no século XVII. Pareceu-me ter encontrado a solução ideal. Soava bem, ainda por cima. Só que a forma diminutiva, convenci-me por último, não condiz com aquele arroubo flamejante... *Hélas!*

Finalmente, aos que me indagassem por que tanta celeuma em torno de miudezas, diria simplesmente: É que miudezas determinam, às vezes, a fortuna do poema; e não convém facilitar com este, que é um dos mais belos sonetos de todos os tempos, digno de ombrear com um "Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono" (Petrarca), um "Mientras por competir con tu cabello" (Gôngora), um "Sete anos de pastor Jacó servia" (cito de propósito, de Camões, um que nosso autor traduziu — páginas 518-519 da edição em foco), para lembrar apenas alguns de uma ilustre linhagem.

NOTAS

1. No que, decerto, há equívoco, pois Quevedo nasceu justamente "á últimos del siglo XVI", em 1580, e morreu em 1645, sabendo-se que a publicação de sua obra em livro se deu postumamente. Confusão entre a expressão "os Seiscentos" e "século XVI"?

2. Pág. 194. O soneto integra a "Musa IV", no título "Carta Sola á Lisi, y la Amorosa Pasion de su Amante". Transcrevo-o, insisto, respeitando rigorosamente termos, disposição e grafia.

3. Não as arrolarei, visto que não pude levar muito longe a pesquisa. Apenas menciono, por sua reputação, a de Manuel Becua (*Poemas Escogidos*, Clásicos

Castalia, Madri, 1989), que diverge da de 1866 ao lançar "hora", no quarto verso, e "dejará", no décimo segundo, e ainda em nove itens de pontuação.

4. Cito, quase *à vol d'oiseau*, as páginas 49, 76 e 88 ("Musa IV", sonetos XXIII, LXXXV e CIX), 100-101 (terceto 14 da "Epístola Satírica"), 114-115 ("Musa III", sonetos XVIII e XXI), 132 e 172 ("Musa IV", soneto VII e "Romance II", penúltima quadra), 182 e 204 ("Carta Sola á Lisi", soneto V e "Idilio IV", ainda em "Musa IV"), 265 e 269 ("Musa V", "Bailes", IV, verso 11, e V, várias vezes), 288 e 367 ("Musa VI", soneto XXIII e "Romance XXVI", penúltimo verso), 489 ("Musa VII", "Cancion"), 604-652 ("Musa VIII", "Silvas", II, v. 9, III, quase *in fine*, IV, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XVII e XVIII) e 733 ("Musa IX", "Cantar de Cantares de Salomon").

5. É como se deve ler, embora o dicionário da Real Academia (21.ª ed., Madri, 1992) não contemple *ora* como advérbio, apenas como conjunção (pode ser este o caso no exemplo da pág. 559).

6. Amado Alonso, em *Materia y Forma en Poesía* (Gredos, Madri, 1969, pág. 14), numa transcrição sem capitais obrigatórias no início de verso, registra "Horas", com maiúscula, seguido de vírgula; as mitológicas Horas, todavia, não aparentam relação com o tema do soneto. Dâmaso Alonso, em *Poesia Espanhola* (trad. de Darcy Damasceno, Instituto Nacional do Livro, 1960, págs. 395-396), consigna "horas", sem vírgula, e, ao contrário de Amado, flexiona no plural os verbos *dejar* e *tener* do segundo terceto.

7. Por intermédio do lingüista espanhol José Antonio Pérez Gutiérrez, fico sabendo que a ortografia usada na edição não é a original do poeta.

8. É a leitura, aliás, de Amado Alonso (*op. cit.*, págs. 15-16).
Rechaço a possibilidade, que a mim mesmo aventara, de o primeiro terceto —"alma", "venas" e "médulas", com os respectivos atributos— ser tomado no todo, e não parte por parte, funcionando como sujeito único, porque tal não apresenta coerência com o plural de "serán ceniza" e "polvo serán".

9. A tradução foi publicada na revista *Cerrados*, ano 3, n.° 3, 1994, e na *Revista de Poesia e Crítica*, n.° 20, outubro de 1996 (ambas de Brasília).

10. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio, 1982.

OUTROS SONETOS DE QUEVEDO

FUE SUEÑO AYER, MAÑANA SERÁ TIERRA

Fue sueño ayer, mañana será tierra:
poco antes nada, y poco después humo,
¡y destino ambiciones, y presumo,
apenas punto al cerco que me cierra!

Breve combate de importuna guerra,
en mi defensa soy peligro sumo:
y mientras con mis armas me consumo,
menos me hospeda el cuerpo que me entierra.

Ya no es ayer, mañana no ha llegado,
hoy pasa, y es, y fue, con movimiento,
que a la muerte me lleva despeñado.

Azadas son la hora, y el momento,
que a jornal de mi pena, y mi cuidado,
cavan en mi vivir mi monumento.

ONTEM FOI SONHO, LOGO SERÁ TERRA

Ontem foi sonho, logo será terra:
pouco antes nada, e pouco depois fumo,
e ainda, pejado de ambições, presumo
apenas ponto o circo[1] que me encerra.

Breve combate de importuna guerra,
no defender-me sou perigo sumo:
mentre com minhas armas me consumo,
menos me hospeda o corpo que me enterra.

Foi-se ontem, amanhã não é chegado,
hoje passa, e é, e foi, com movimento,
que à morte me conduz precipitado.

Enxadas são a hora, e o momento,
que em paga de meu mal, e meu cuidado,
cavam em meu viver meu monumento.[2]

EXHORTA A LOS QUE AMAREN, QUE NO SIGAN LOS PASOS POR DONDE HA HECHO SU VIAJE

Cargado voy de mí: veo delante
muerte que me amenaza la jornada;
ir porfiando por la senda errada
más de necio será que de constante.

Si por su mal me sigue ciego amante
(que nunca es sola suerte desdichada),
¡ay!, vuelva en sí y atrás: no dé pisada
donde la dio tan ciego caminante.

Ved cuán errado mi camino ha sido;
cuán solo y triste, y cuán desordenado,
que nunca ansí le anduvo pie perdido;

pues, por no desandar lo caminado,
viendo delante y cerca fin temido,
con pasos que otros huyen le he buscado.

EXORTA OS QUE AMAREM A NÃO SEGUIREM OS PASSOS POR ONDE TEM FEITO SUA VIAGEM

Carregado de mim caminho: adiante
vejo a morte ameaçando-me a jornada;
ir porfiando pela senda errada
mais de néscio será que de constante.

Se por seu mal me segue cego amante
(que nunca é só a sorte desditada),
ai! volte e caia em si: não dê pisada
por onde a deu tão cego caminhante

Vê que errado o caminho me tem sido;
quão só e triste, e quão desordenado,
que nunca assim o andara pé perdido;

pois, por não desandar o caminhado,
vendo adiante e bem perto o fim temido,
com passos que outros fogem o hei buscado.

AMOR ME OCUPA EL SESO Y LOS SENTIDOS

Amor me ocupa el seso y los sentidos;
absorto estoy en éxtasi amoroso;
no me concede tregua ni reposo
esta guerra civil de los nacidos.

Explayóse el raudal de mis gemidos
por el grande distrito y doloroso
del corazón, en su penar dichoso,
y mis memorias anegó en olvidos.

Todo soy ruinas, todo soy destrozos,
escándalo funesto a los amantes,
que fabrican de lástimas sus gozos.

Los que han de ser, y los que fueron antes,
estudien su salud en mis sollozos,
y envidien mi dolor, si son constantes.

AMOR A MENTE OCUPA-ME E OS SENTIDOS

Amor a mente ocupa-me e os sentidos;[3]
absorto estou em êxtase amoroso;
não me concede trégua nem repouso
esta guerra civil entre os nascidos.

Espraiou-se o caudal de meus gemidos
pelo grande distrito e doloroso
do coração, em seu penar ditoso,
e afogou-me as memórias em olvidos.

Todo hoje sou destroços, ruinaria,
escândalo fatal para os amantes,
que fazem do penar sua alegria.

Os que hão de ser, como os que foram antes,
estudem seu vigor nesta agonia,
e invejem minha dor, se são constantes.[4]

NOTAS

1. *Circo*, ou *cerco*: o mesmo que *círculo*.
2. Sepultura.
3. Alternativa:

Amor me ocupa o cérebro e os sentidos.

4. Versão talvez mais fiel às palavras do original, mas afastada em razão da homofonia:

Todo sou ruínas, todo sou quebrantos,
escândalo fatal para os amantes,
que fabricam de lástimas seus cantos.

Os que hão de ser, como os que foram antes,
sua saúde estudem nos meus prantos,
e invejem minha dor, se são constantes.

UM MADRIGAL DO *SIGLO DE ORO*

(Gutierre de Cetina)

MADRIGAL

Ojos claros, serenos,
si de un dulce mirar sois alabados,
¿por qué, si me miráis, miráis airados?
Si cuanto más piadosos
más bellos parecéis a aquél que os mira,
no me miréis con ira,
porque no parezcáis menos hermosos.
¡Ay tormientos rabiosos!
Ojos claros, serenos,
ya que así me miráis, miradme al menos.

MADRIGAL

Olhos claros, serenos,
se de um doce mirar sois tão louvados,
por quê, se me fitais, fitais irados?
Se quanto mais piedosos
mais belos pareceis a quem vos mira,
não me fiteis com ira,
porque não pareçais menos formosos.
Ai tormentos raivosos!
Olhos claros, serenos,
já que assim me fitais, fitai-me ao menos.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ

AL QUE INGRATO ME DEJA, BUSCO AMANTE

Al que ingrato me deja, busco amante;
al que amante me sigue, dejo ingrata;
constante adoro a quien mi amor maltrata,
maltrato a quien mi amor busca constante.

Al que trato de amor hallo diamante,
y soy diamante al que de amor me trata,
triunfante quiero ver al que me mata
y mato al que me quiere ver triunfante.

Si a éste pago, padece mi deseo;
si ruego a aquél, mi pundonor enojo;
de entrambos modos infeliz me veo.

Pero yo por mejor partido escojo,
de quien no quiero, ser violento empleo,
que de quien no me quiere, vil despojo.

O QUE INGRATO ME DEIXA BUSCO AMANTE

O que ingrato me deixa busco amante;
o que amante me segue deixo ingrata;
adoro fiel quem meu amor maltrata;
firo quem meu amor busca constante.

O que trato de amor, acho-o diamante,
e sou diamante ao que de amor me trata;
triunfante quero ver o que me mata,
e mato o que quer ver-me triunfante.

Se a este acedo, padece o meu desejo;
se rogo àquele, o pundonor enojo;
de ambos os modos infeliz me vejo.

Assim, prefiro, por menor antojo,
de quem não quero, ser cruel motejo
a, de quem não me queira, vil despojo.

TRÊS RIMAS DE GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER

RIMAS

V

Espíritu sin nombre,
indefinible esencia,
yo vivo con la vida
sin forma de la idea.

Yo nado en el vacío,
del sol tiemblo en la hoguera,
palpito entre las sombras
y floto con las nieblas.

Yo soy el fleco de oro
de la lejana estrella;
yo soy de la alta luna
la luz tibia y serena.

Yo soy la ardiente nube
que en el ocaso ondea;
yo soy del astro errante
la luminosa estela.

Yo soy nieve en las cumbres,
soy fuego en las arenas,
azul onda en los mares
y espuma en las riberas.

En el laúd soy nota,
perfume en la violeta,
fugaz llama en las tumbas,
y en las ruïnas hiedra.

Yo canto con la alondra
y zumbo con la abeja,
yo imito los ruïdos
que en la alta noche suenan.

RIMAS

V

Espírito sem nome,
inefável essência,
eu vivo com a vida
sem forma que é a idéia.

Eu nado no vazio,
tremo do sol na ardência,
palpito em meio às sombras
e flutuo entre as névoas.

Eu sou a franja de ouro
da mais longínqua estrela;
sou da argêntea, alta lua
a luz tíbia e serena.

Eu sou a ardente nuvem
que no ocidente ondeia;
sou do cometa errante
a luminosa esteira.

Eu sou neve nos cumes,
sou fogo nas areias,
onda azul nos oceanos
e espuma nas ribeiras.

Eu sou no alaúde nota,
perfume na violeta,
flama fugaz nas tumbas,
e nas ruínas, hera.

Eu canto com a calhandra
e zumbo com as abelhas,
eu imito os ruídos
que a alta noite ponteiam.

Yo atrueno en el torrente,
y silbo en la centella,
y ciego en el relámpago,
y rujo en la tormenta.

Yo río en las alcores,
susurro en la alta yerba,
suspiro en la onda pura
y lloro en la hoja seca.

Yo ondulo con los átomos
del humo que se eleva
y al cielo lento sube
en espiral inmensa.

Yo, en los dorados hilos
que los insectos cuelga,
me mezco entre los árboles
en la ardorosa siesta.

Yo corro tras las ninfas
que en la corriente fresca
del cristalino arroyo
desnudas juguetean.

Yo, en bosques de corales
que alfombran blancas perlas,
persigo en el Océano
las náyades ligeras.

Yo, en las cavernas cóncavas,
do el sol nunca penetra,
mezclándome a los gnomos,
contemplo sus riquezas.

Yo busco de los siglos
las ya borradas huellas,
y sé de esos imperios
de que ni el nombre queda.

Yo sigo en raudo vértigo
los mundos que voltean,
y mi pupila abarca
la creación entera.

Eu trôo na torrente,
e silvo na centelha,
e cego no relâmpago,
e rujo na tormenta.

Eu rio nas colinas,
choro na folha seca,
na onda pura suspiro
e sussurro entre a erva.

Eu ondulo com os átomos
do fumo que se eleva
e lento aos céus ascende
em espiral imensa.

Eu, nos dourados fios
que os insetos sustentam,
embalo-me entre as árvores
na calorenta sesta.

Eu corro atrás das ninfas
que na corrente fresca
do cristalino arroio
desnudas jogueteiam.

Eu, nos corais frondosos
que alfombram brancas pérolas,
persigo no Oceano
as náiades ligeiras.

Eu, nas cavernas côncavas
em que o sol não penetra,
misturando-me aos gnomos,
miro as suas riquezas.

Eu dos séc'los procuro
as delidas esteiras,
e sei desses impérios
de que nem nome resta.

Eu persigo a vertigem
dos mundos que volteiam;
minha pupila abarca
a criação inteira.

Yo sé de esas regiones
a do un rumor no llega,
y donde informes astros
de vida un soplo esperan.

Yo soy sobre el abismo
el puente que atraviesa;
yo soy la ignota escala
que el cielo une a la tierra.

Yo soy el invisible
anillo que sujeta
el mundo de la forma
al mundo de la idea.

Yo, en fin, soy ese espíritu,
desconocida esencia,
perfume misterioso
de que es vaso el poeta.

Eu sei desses espaços
a que um rumor não chega,
e onde estrelas informes
de vida um sopro esperam.

Eu sou pelos abismos
a ponte que atravessa;
eu sou a ignota escada
que o céu reúne à terra.

Eu sou essa invisível
corrente que sujeita
ao domínio da forma
o domínio da idéia.

Eu sou, enfim, o espírito,
desconhecida essência,
misterioso perfume,
de que é vaso o poeta.

XXI

"¿Qué es poesía?", dices mientras clavas
en mi pupila tu pupila azul.
"¿Qué es poesía? ¿Y tú me lo preguntas?
Poesía... eres tú."

XXI

Que é poesia? — perguntando cravas
em meu olhar o teu olhar azul.
Que é poesia? e ainda me perguntas?
Poesia... és tu!

XXXVIII

Los suspiros son aire y van al aire.
Las lágrimas son agua y van al mar.
Dime, mujer: cuando el amor se olvida,
¿sabes tú adónde va?

XXXVIII

Os suspiros são ar e vão-se ao ar.
As lágrimas são água e vão-se ao mar.
Diz-me, mulher: quando se esquece o amor,
sabes para onde vai?

RUBÉN DARÍO

MACHADO D'ASSIS

Dulce anciano que vi, en su Brasil de fuego
y de vida y de amor, todo modestia y gracia.
Moreno que de la India tuvo su aristocracia;
aspecto mandarino, lengua de sabio griego.

Acepta este recuerdo de quien oyó una tarde
en tu divino Río tu palavra salubre,
dando al orgullo todos los harapos en que arde,
y a la envidia ruin lo que apenas la cubre.

(Rio de Janeiro, 1906.)

A MACHADO DE ASSIS

Doce ancião que vi, em seu Brasil repleno
de fogo e vida e amor, todo graça e eutimia.
Moreno que da Índia teve a aristocracia;
aspecto mandarino, língua de sábio heleno.

Aceita esta lembrança de quem ouviu uma tarde
em teu divino Rio tua palavra nobre,
dando ao orgulho todos os farrapos em que arde,
e à inveja ruim o que apenas a cobre.

LA VICTORIA DE SAMOTRACIA

La cabeza abolida aun dice el día sacro
en que, al viento del triunfo, las multitudes plenas
desfilaron ardientes delante el simulacro
que hizo hervir a los griegos en las calles de Atenas.

Esta egregia figura no tiene ojos y mira;
no tiene boca, y lança el más supremo grito;
no tiene brazos y hace vibrar toda la lira,
¡y las alas pentélicas abarcan lo infinito!

(Barcelona, 21-1-1914.)

A VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA

A cabeça abolida diz ainda o dia sacro
em que, ao vento do triunfo, as multidões helenas
desfilaram ardentes diante do simulacro
que fez ferver os gregos pelas ruas de Atenas.

Esta egrégia figura não tem olhos e mira;
boca não tem, e lança o mais supremo grito;
não tem braços e faz vibrar inteira a lira,
e coas asas pentélicas abarca o infinito!

VISIÓN

Tras la misteriosa selva extraña
vi que se levantaba al firmamento,
horadada y labrada, una montaña,

que tenía en la sombra su cimiento.
Y en aquella montaña estaba el nido
del trueno, del relámpago y del viento.

Y tras sus arcos negros el rugido
se oía del león, y cual obscura
catedral de algún dios desconocido,

aquella fabulosa arquitectura
formada de prodigios y visiones,
visión monumental, me dió pavura.

A sus pies habitaban los leones;
y las torres y flechas de oro fino
se juntaban con las constelaciones.

Y había un vasto domo diamantino
donde se alzaba un trono extraordinario
sobre sereno fondo azul marino.

Hierro y piedra primero, y mármol pario
luego, y arriba mágicos metales.
Una escala subía hasta el santuario

de la divina sede. Los astrales
esplendores, las gradas repartidas
de tres en tres bañaban. Colosales

águilas con las alas extendidas
se contemplaban en el centro de una
atmósfera de luces y de vidas.

Y en una palidez de oro de luna
una paloma blanca se cernía,
alada perla en mística laguna.

VISÃO

Atrás da misteriosa selva estranha
vi que se levantava ao firmamento,
perfurada e lavrada, uma montanha,

que pousava na sombra o fundamento.
E na montanha estava o ninho erguido
do trovão, do relâmpago e do vento.

Dentre os seus arcos negros o rugido
se ouvia do leão, e, qual escura
catedral de algum deus desconhecido,

aquela fabulosa arquitetura
formada de prodígios e visões,
visão monumental, me deu tremura.

A seus pés habitavam os leões;
suas torres e flechas de ouro fino
se juntavam com as constelações.

E havia um vasto domo diamantino
onde se alçava um trono extraordinário
sobre sereno fundo azul marino.

Ferro e pedra primeiro, e mármor pário
depois, e ao alto mágicos metais.
Uma escada subia ao santuário

divino. Os esplendores siderais
as divisões da escada repartidas
de três em três banhavam. Colossais

águias coas grandes asas estendidas
contemplavam-se ao centro de estelar
atmosfera de luzes e de vidas.

E numa palidez de ouro lunar
uma alva pomba as álulas batia,
pérola alada em misterioso mar.

La montaña, labrada parecía
por un majestüoso Piraneso
babélico. En sus flancos se diría

que hubiese cincelado el bloque espeso
el rayo; y en lo alto, enorme friso
de la luz recibía un áureo beso,

beso de luz de aurora y paraíso.
Y yo grité en la sombra: —¿En qué lugares
vaga hoy el alma mía?— De improviso

surgió ante mí, ceñida de azahares
y de rosas blanquísimas, Estela,
la que suele surgir en mis cantares.

Y díjome con voz de filomela:
—No temas: es el reino de la lira
de Dante; y la paloma que revuela

en la luz, es Beatrice. Aquí conspira
todo al supremo amor y alto deseo.
Aquí llega el que adora y el que admira.

—¿Y aquel trono, le dije, que allá veo?
—Ese es el trono en que su gloria asienta,
ceñido el lauro, el gibelino Orfeo.

Y abajo es donde duerme la tormenta.
Y el lobo y el león entre lo obscuro
enciende su pupila, cual violenta

brasa. Y el vasto y misterioso muro
es piedra y hierro; luego las arcadas
del medio son de mármol; de oro puro

la parte superior, donde en gloriosas
albas eternas se abre al infinito
la sacrosanta Rosa de las rosas.

—¡Oh, bendito el Señor!—clamé—; bendito,
que permitió al arcángel de Florencia
dejar tal mundo de misterio escrito

A montanha lavrada parecia
por algum Piranesi arquipotente,
babélico. Em seus flancos dir-se-ia

que houvera cinzelado o bloco ingente
o raio; e no alto, enfim, enorme friso
um áureo beijo recebia ardente,

beijo de luz de aurora e paraíso.
E eu na sombra gritei: —Em que lugares
hoje vaga minha alma?— De improviso,

entre cítricas flores, e colares
de branquíssimas rosas, surge Estela,
a que sói habitar os meus cantares.

E disse-me com voz de filomela:
—Não temas, não: no reino estás da lira
de Dante; e a pomba que revoa bela

na luz é Beatriz. Aqui conspira
tudo ao supremo amor e alto desejo.
Aqui chega o que adora e o que admira.

—E aquele trono, disse-lhe, que vejo?
—Nele, entre louros, é que a glória assenta
O gibelino Orfeu.— E aquém do adejo,

abaixo, é onde dormir sói a tormenta.
É onde o lobo e o leão por entre o escuro
acendem a pupila, qual violenta

brasa. E o vasto e misterioso muro
é de pedra e de ferro; essas arcadas
do meio são de mármor; de ouro puro

a parte superior, onde em gloriosas
albas eternas se abre ao infinito
a sacrossanta Flor, Rosa das rosas.

—Oh, bendito o Senhor! —clamei—; bendito,
que ao florentino arcanjo azou potência
para tal mundo de mistério escrito

con lengua humana y sobrehumana ciencia,
y crear este extraño imperio eterno
y ese trono radiante en su eminencia,

ante el cual abismado me prosterno.
¡Y feliz quien al Cielo se levanta
por las gradas de hierro de su Infierno!

Y ella: —Que este prodigio diga y cante
tu voz.— Y yo: —Por el amor humano
he llegado al divino. ¡Gloria al Dante!

Ella, en acto de gracia, con la mano
me mostró de las águilas los vuelos,
y ascendió como um lirio soberano

hasta Beatriz, paloma de los cielos.
Y en el azul dejaba blancas huellas
que eran a mí delicias y consuelos.

¡Y vi que me miraban las estrellas!

com língua humana e sobre-humana ciência
deixar, e criar estranho império eterno
e esse trono de rútila eminência,

ante o qual abismado me prosterno.
E feliz quem ao Céu a alma levante
pelos férreos degraus de seu Inferno!

E ela: —Que este prodígio diga e cante
a tua voz.— E eu: —Pelo amor humano
eis que chego ao divino. Glória ao Dante!

Ela, em ato de graça, o vôo arcano
das águias me apontando na lonjura,
ascendeu como um lírio soberano

até Beatriz, pomba da etérea altura.
Brancas marcas no azul deixava, e vê-las
a minha alma consola e transfigura.

E vi que me fitavam as estrelas!

COLOQUIO DE LOS CENTAUROS

A Paul Groussac

En la isla en que detiene su esquife el argonauta
del inmortal Ensueño, donde la eterna pauta
de las eternas liras se escucha: —Isla de Oro
en que el tritón erige su caracol sonoro
y la sirena blanca va a ver el sol—, un día
se oye un tropel vibrante de fuerza y de harmonía.

Son los Centauros. Cubren la llanura. Les siente
la montaña. De lejos, forman son de torrente
que cae; su galope al aire que reposa
despierta, y estremece la hoja del laurel-rosa.

Son los Centauros. Unos, enormes, rudos; otros
alegres y saltantes como jóvenes potros;
unos, con largas barbas como los padres-ríos;
otros, imberbes, ágiles y de piafantes bríos,
y de robustos músculos, brazos y lomos, aptos
para portar las ninfas rosadas en los raptos.

Van en galope rítmico. Junto a un fresco boscaje,
frente al gran Océano, se paran. El paisaje
recibe, de la urna matinal, luz sagrada
que el vasto azul suaviza con límpida mirada.
Y oyen seres terrestres y habitantes marinos
la voz de los crinados cuadrúpedos divinos.

QUIRÓN

Calladas las bocinas a los tritones gratas,
calladas las sirenas de labios escarlatas,
los carrillos de Eolo desinflados, digamos
junto al laurel ilustre de florecidos ramos
la gloria inmarcesible de las Musas hermosas
y el triunfo del terrible misterio de las cosas.
He aqui que renacen los lauros milenarios;
vuelvel a dar su luz los viejos lampadarios;
y anímase en mi cuerpo de Centauro inmortal
la sangre del celeste caballo paternal.

COLÓQUIO DOS CENTAUROS

A Paul Groussac

Na ilha em que conserva seu esquife o argonauta
do imorredouro Sonho —Ilha de Ouro, em que à pauta
das liras eternais se escuta o fluir canoro,
em que o tritão levanta seu caracol sonoro
e onde a sereia branca vai ver o sol—, um dia,
se ouve um tropel vibrante de força e de harmonia.

São os Centauros. Cobrem a planície, e os pressente
a montanha. De longe, formam sons de torrente
que tomba; seu galope a aragem preguiçosa
desperta, e faz tremer a folha ao louro-rosa.

São os Centauros. Uns, enormes, rudes; outros
alegres, saltitantes — adolescentes potros;
com grandes barbas uns, assim como os pais-rios;
outros, imberbes, ágeis e de piafantes brios,
e de robustos músculos, braços e lombos, aptos
a carregar as belas, róseas ninfas nos raptos.

Vão em galope rítmico. Junto a fresca boscagem,
em frente ao grande Oceano, param. A paisagem
recebe em face, da urna matinal, luz sagrada
que o vasto azul suaviza com límpida mirada.
E ouvem seres terrestres e habitantes marinos
o vozear dos comados quadrúpedes divinos.

QUÍRON

Calada a voz das trompas, que aos tritões tanto é grata,
caladas as sereias de lábios de escarlata,
as bochechas de Eolo desinfladas, digamos,
junto ao loureiro ilustre de florescidos ramos,
das Musas harmoniosas a imarcescível glória,
do mistério terrível das coisas a vitória.
Eis aqui renascentes os louros milenários;
de novo fazem luz os velhos lampadários;
e anima-se em meu corpo de Centauro imortal
o sangue do celeste cavalo paternal.

RETO

Arquero luminoso, desde el Zodíaco llegas;
aún presas en las crines tienes abejas griegas;
aún del dardo herakleo muestras la roja herida
por do salir no pudo la esencia de tu vida.
¡Padre y Maestro excelso! Eres la fuente sana
de la verdade que busca la ltriste raza humana:
aún Esculapio sigue la vena de tu ciencia;
siempre el veloz Aquiles sustenta su existencia
con el manjar salvaje que le ofreciste un día,
y Herakles, descuidando su maza, en la harmonía
de los astros, se eleva bajo el cielo nocturno...

QUIRÓN

La ciencia es flor del tiempo: mi padre fue Saturno.

ABANTES

Himnos a la sagrada Naturaleza; al vientre
de la tierra y al germen que entre las rocas y entre
las carnes de los árboles, y dentro humana forma,
es un mismo secreto y es una misma norma:
potente y sutilísimo, universal resumen
de la suprema fuerza, de la virtud del Numen.

QUIRÓN

¡Himnos! Las cosas tienen un ser vital: las cosas
tienen raros aspectos, miradas misteriosas;
toda forma es un gesto, una cifra, un enigma;
en cada átomo existe un incógnito estigma;
cada hoja de cada árbol canta un propio cantar
y hay una alma en cada una de las gotas del mar;
el vate, el sacerdote, suele oír el acento
desconocido; a veces enuncia el vago viento
un misterio, y revela una inicial la espuma
o la flor; y se escuchan palabras de la bruma.
Y el hombre favorito del numen, en la linfa
o la ráfaga, encuentra mentor: —demonio o ninfa.

RETO

Arqueiro luminoso, do Zodíaco chegas;
ainda presas nas crinas trazes abelhas gregas;
do heráclio dardo mostras ainda a rubra ferida
por onde sair não pôde a essência de tua vida.
Excelso Pai e Mestre! És a fonte que mana
a verdade que busca a triste raça humana:
ainda Esculápio segue o veio a tua ciência;
sempre o veloz Aquiles sustenta a existência
com o selvagem manjar que lhe ofertaste um dia,
e Héracles, descuidando a maça, na harmonia
das estrelas, se eleva sob o pálio noturno...

QUÍRON

A ciência é flor do tempo: o meu pai foi Saturno.

ABANTE

Hinos à Natureza sagrada; hinos ao ventre
da terra e hinos ao gérmen que entre os rochedos e entre
as carnes vegetais e sob a humana forma
é um mesmo segredo e é uma mesma norma:
possante e sutilíssimo universal, resume
a suprema potência, a virtude do Nume.

QUÍRON

Hinos! As coisas têm um ser vital: ciosas,
têm aspectos ocultos, miradas misteriosas;
toda forma é um gesto, uma cifra, um enigma;
em cada átomo existe um incógnito estigma;
na árvore, cada folha canta um próprio cantar
e tem uma alma, enfim, cada gota do mar;
o vate, o sacerdote costuma ouvir o acento
desconhecido; às vezes profere o vago vento
um mistério, e revela uma inicial a espuma
ou a flor; e palavras escutam-se na bruma.
E o homem favorito do nume, em meio à linfa
ou à lufada, encontra mentor: — demônio ou ninfa.

FOLO

El biforme ixionida comprende de la altura.
por la materna gracia, la lumbre que fulgura,
la nube que se anima de luz y que decora
el pavimento en donde rige su carro Aurora,
y la banda de Iris que tiene siete rayos
cual la lira en sus brazos siete cuerdas; los mayos
en la fragante tierra llenos de ramos bellos,
y el Polo coronado de cándidos cabellos.
El ixionida pasa veloz por la montaña,
rompiendo con el pecho de la maleza huraña
los erizados brazos, las cárceles hostiles;
escuchan sus orejas los ecos más sutiles;
sus ojos atraviesan las intrincadas hojas,
mientras sus manos toman para sus bocas rojas
las frescas bayas altas que el sátiro codicia;
junto a la oculta fuente su mirada acaricia
las curvas de las ninfas del séquito de Diana;
pues en su cuerpo corre también la esencia humana,
unida a la corriente de la savia divina
y a la salvaje sangre que hay en la bestia equina.
Tal el hijo robusto de Ixión y de la Nube.

QUIRÓN

Sus cuatro patas, bajan; su testa erguida, sube.

ORNEO

Yo comprendo el secreto de la bestia. Malignos
seres hay y benignos. Entre ellos hacen signos
de bien y mal, de odio o de amor, o de pena
o gozo; el cuervo es malo y la torcaz es buena.

QUIRÓN

Ni es la torcaz benigna ni es el cuervo protervo:
son formas del Enigma la paloma y el cuervo.

ASTILO

El Enigma es el solo que hace cantar la lira.

FOLO

O biforme ixiônida compreende da altura,
pela materna graça, o lume que fulgura,
a nuvem que se anima de luz e que decora
o pavimento em que alta rege o seu carro Aurora,
mais a banda de Íris, que conta sete raios
qual a lira em seus braços sete cordas; os maios
na odorífera terra cheios de ramos belos,
e o Pólo coroado de cândidos cabelos.
O ixiônida passa veloz pela montanha,
com o peito rompendo das ervas más a sanha
— os eriçados braços, os cárceres hostis;
escutam-lhe as orelhas os ecos mais sutis;
seus olhos atravessam a intrincada folhagem,
enquanto as mãos agarram para a boca selvagem
as frescas bagas altas que o sátiro cobiça;
junto de oculta fonte o olhar se lhe espreguiça
sobre as curvas das ninfas do séquito de Diana;
pois em seu corpo corre também a essência humana,
e é uma corrente só com a seiva divina
e com o selvagem sangue que move a besta eqüina.
Tal de Ixião e da Nuvem o robusto rebento.

QUÍRON

As quatro patas baixam; ergue-se a testa ao vento.

ORNEU

Eu compreendo o segredo do animal. Há malignos
seres, e os há benignos. Cruzam-se entre eles signos
de bem e mal, de ódio ou de amor, ou de pena
ou gozo; o corvo é mau e a trocal é serena.

QUÍRON

Não, nem esta é benigna nem é aquele torvo:
formas do Enigma são ambos, a pomba e o corvo.

ÁSTILO

Acho que o Enigma é o sopro que faz cantar a lira.

NESO

¡El Enigma es el rostro fatal de Deyanira!
Mi espalda aún guarda el dulce perfume de la bella;
aún mis pupilas llama su claridad de estrella.
¡Oh aroma de su sexo!, ¡oh rosas y alabastros!,
¡oh envidia de las flores y celos de los astros!

QUIRÓN

Cuando del sacro abuelo la sangre luminosa
con la marina espuma formara nieve y rosa,
hecha de rosa y nieve nació la Anadiomena.
Al cielo alzó los brazos la lírica sirena;
los curvos hipocampos sobre las verdes ondas
levaron los hocicos; y caderas redondas,
tritónicas melenas y dorsos de delfines
junto a la Reina nueve se vieron. Los confines
del mar llenó el grandioso clamor; el universo
sintió que un nombre harmónico, sonoro como un verso,
llenaba el hondo hueco de la altura; ese nombre
hizo gemir la tierra de amor: fue para el hombre
más alto que el de Jove, y los númenes mismos
lo oyeron asombrados; los lóbregos abismos
tuvieron una gracia de luz. ¡VENUS impera!
Ella es entre las reinas celestes la primera,
pues es quien tiene el fuerte poder de la Hermosura.
¡Vaso de miel y mirra brotó de la amargura!
Ella es la más gallarda de las emperatrices,
princesa de los gérmenes, reina de las matrices,
señora de las savias y de las atracciones,
señora de los besos y de los corazones.

EURITO

¡No olvidaré los ojos radiantes de Hipodamia!

HIPEA

Yo sé de la hembra humana la original infamia.
Venus anima artera sus máquinas fatales;
tras los radiantes ojos ríen traidores males;
de su floral perfume se exhala sutil daño;
su cráneo obscuro alberga bestialidad y engaño.
Tiene las formas puras del ánfora, y la risa

NESSO

Eu, que o Enigma é o rosto fatal de Dejanira!
Minha espalda ainda guarda o doce odor da bela;
ainda atrai-me as pupilas o seu clarão de estrela.
O aroma de seu sexo! Oh rosas e alabastros!
oh inveja das flores e ciúme dos astros!

QUÍRON

Quando do sacro avô a essência luminosa
com a marina espuma compôs-se em neve e rosa,
nasceu Anadiomene, de rosa e neve feita.
Ao céu alçou os braços a sirena perfeita;
os curvos hipocampos por sobre as verdes ondas
ergueram os focinhos; e cadeiras redondas,
tritônicas melenas e dorsos de delfins
junto à Rainha nova se viram. Os confins
do mar enche o grandioso clamor; e o universo
sente que um nome harmônico, sonoro como um verso,
enche os espaços vagos, as alturas atroa,
faz a terra gemer de amor, aos homens soa
mais alto que o dos deuses, que sobre os cataclismos
o escutam assombrados. E os lôbregos abismos
tiveram uma graça de luz. VÊNUS impera,
primeira entre as rainhas da celestial esfera!
Pois é quem tem o forte poder da Formosura.
Vaso de mel e mirra germinou da amargura!
Ela é a mais galharda dentre as imperatrizes,
a princesa dos germens, rainha das matrizes,
a regente das seivas, essências, atrações,
a senhora dos beijos e, enfim, dos corações.

ÊURITO

Ah! não esqueço os olhos radiantes de Hipodâmia!

HIPE

Eu sei da fêmea humana a original infâmia.
Vênus lhe anima astuta as máquinas desleais;
sob os radiantes olhos riem males fatais;
de seu floral perfume se exala sutil dano;
seu crânio escuro alberga bestialidade e engano.
As formas puras tem de uma ânfora, eletriza

del agua que la brisa riza y el sol irisa;
mas la ponzoña ingénita su máscara pregona:
mejores son el águila, la yegua y la leona.
De su húmeda impureza brota el calor que enerva
los mismos sacros dones de la imperial Minerva;
y entre sus duros pechos, lirios del Aqueronte,
hay un olor que llena la barca de Caronte.

ODITES

Como una miel celeste hay en su lengua fina;
su piel de flor, aún húmeda está de agua marina.
Yo he visto de Hipodamia la faz encantadora,
la cabellera espesa, la pierna vencedora.
Ella de la hembra humana fuera ejemplar augusto;
ante su rostro olímpico no habría rostro adusto;
las Gracias junto a ella quedarían confusas,
y las ligeras Horas y las sublimes Musas
por ella detuvieran sus giros y su canto.

HIPEA

Ella la causa fuera de inenarrable espanto:
por ella ell ixionida dobló su cuello fuerte.
La hembra humana es hermana del Dolor y la Muerte.

QUIRÓN

Por suma ley, un día llegará el himeneo
que el soñador aguarda: Cinis será Ceneo;
claro será el origen del femenino arcano:
la Esfinge tal secreto dirá a su soberano.

CLITO

Naturaleza tiende sus brazos y sus pechos
a los humanos seres; la clave de los hechos
conócela el vidente: Homero, con su báculo;
en su gruta Deífobe, la lengua del Oráculo.

CAUMANTES

El monstruo expresa un ansia del corazón del Orbe;
en el Centauro bruto la vida humana absorbe;
el sátiro es la selva sagrada y la lujuria:

com um rir de água que frisa a brisa e o sol irisa;
mas a peçonha ingênita sua máscara apregoa:
são melhores, decerto, a águia, a égua e a leoa.
Sua úmida impureza gera o calor que enerva
até os sacros dons da imperial Minerva;
e de seus duros peitos, os lírios do Aqueronte,
sobe um olor que inunda a barca de Caronte.

ODITES

Há como um mel celeste em sua língua fina;
sua pele de flor rora ainda a água marina.
Eu já vi de Hipodâmia a face encantadora,
a cabeleira espessa, a perna vencedora.
Ela da fêmea humana foi augusto exemplar;
ante o seu rosto olímpico não se continha o olhar;
as Graças perto dela ficariam confusas;
tanto as ligeiras Horas quanto as sublimes Musas
por ela deteriam seus giros e seu canto.

HIPE

Ela o motivo foi de indizível espanto:
o ixiônida por ela dobrou a cerviz forte.
Da fêmea humana são irmãs a Dor e a Morte.

QUÍRON

Por suma lei, um dia chegará o himeneu
que o sonhador aguarda: Cênis será Ceneu;
clara será a origem do feminino arcano:
a Esfinge tal segredo dirá a seu soberano.

CLITO

Pródiga, Natureza os seus braços e peitos
tende aos humanos seres; a explicação dos feitos,
sabe-a o vidente: lembro Homero, com seu báculo;
em sua gruta Deífobe lembro, a língua do Oráculo.

CAUMAS

O monstro expressa uma ânsia do coração do Orbe;
nos Centauros o bruto a vida humana absorbe;
o sátiro é a selva sagrada e a luxúria:

une sexuales ímpetus a la harmoniosa furia;
Pan junta la soberbia de la montaña agreste
al ritmo de la imensa mecánica celeste;
la boca melodiosa que atrae en Sirenusa,
es de la fiera alada y es de la suave musa;
con la bicorne bestia Pasifae se ayunta.
Naturaleza sabia, formas diversas junta,
y cuando tiende al hombre la grande Naturaleza,
el monstruo, siendo el símbolo, se viste de belleza.

GRINEO

Yo amo lo inanimado que amó el divino Hesiodo.

QUIRÓN

Grineo, sobre el mundo tiene un ánima todo.

GRINEO

He visto, entonces, raros ojos fijos en mí:
los vivos ojos rojos del alma del rubí;
los ojos luminosos del alma del topacio,
y los de la esmeralda que del azul espacio
la maravilla imitan; los ojos de las gemas
de brillos peregrinos y mágicos emblemas.
Amo el granito duro que el arquitecto labra
y el mármol en que duerme la línea y la palabra.

QUIRÓN

A Deucalión y a Pirra, varones y mujeres,
las piedras aún intactas, dijeron: "¿Qué nos quieres?"

LÍCIDAS

Yo he visto los lemures flotar, en los nocturnos
instantes, cuando escuchan los bosques taciturnos
el loco grito de Atis qu su dolor revela
o la maravillosa canción de Filomela.
El galope apresuro, si en el boscaje miro
manes que pasan, y oigo su fúnebre suspiro.
Pues de la Muerte el hondo, desconocido Imperio,
guarda el pavor sagrado de su fatal misterio.

une ímpetos sexuais à harmoniosa fúria;
Pã junta a soberbia da alta montanha agreste
ao ritmo da sublime mecânica celeste;
a boca melodiosa que atrai em Sirenusa
tanto é da fera alada quanto da suave musa;
com a bicorne besta Pasífaa se ajunta.
Natura sábia formas diversas toma e junta,
e, quando tende ao homem a grande Natureza,
o monstro, sendo o símbolo, se veste de beleza.

GRINEU

Eu amo o inanimado que amou, inda que rudo,
Hesíodo, o divino.

QUÍRON

Tudo tem alma, tudo.

GRINEU

Vi, houve um tempo, raros olhos fixos em mim:
os vivos olhos rubros que é a alma do rubim;
os olhos luminosos da alma das esmeraldas,
e os olhos da safira, que às cérulas grinaldas
a maravilha imitam; ah os olhos das gemas
de brilhos peregrinos e mágicos emblemas!
Amo o granito duro que o arquiteto lavra
e o mármore em que dorme a linha e a palavra.

QUÍRON

A Deucalião, e a Pirra, os varões e as mulheres,
pedras ainda intactas, disseram: “Que nos queres?”

LÍCIDAS

Eu tenho visto os lêmures flutuando, nos noturnos
instantes quando escutam os bosques taciturnos
o louco grito de Átis que a imensa dor revela
ou a maravilhosa canção de Filomela.
O galope acelero se na boscagem miro
manes que passam, e ouço seu fúnebre suspiro.
Pois que da Morte o fundo, desconhecido Império,
guarda o pavor sagrado de seu fatal mistério.

ARNEO

La Muerte es de la Vida la inseparable hermana.

QUIRÓN

La Muerte es la victoria de la progenie humana.

MEDÓN

¡La Muerte! Yo la he visto. No es demacrada y mustia,
ni ase corva guadaña, ni tiene faz de angustia.
Es semejante a Diana, casta y virgen como ella;
en su rostro hay la gracia de la núbil doncella
y lleva una guirnalda de rosas siderales.
En siniestra tiene verdes palmas triunfales,
y en su diestra una copa con agua del olvido.
A sus pies, como um perro, yace un amor dormido.

AMICO

Los mismos dioses buscan la dulce paz que vierte.

QUIRÓN

La pena de los dioses es no alcanzar la Muerte.

EURITO

Si el hombre —Prometeo— pudo robar la vida,
la clave de la Muerte serále concedida.

QUIRÓN

La virgen de las vírgenes es inviolable y pura.
Nadie su casto cuerpo tendrá en la alcoba obscura,
ni beberá en sus labios el grito de victoria,
ni arrancará a su frente las rosas de su gloria.
.....

*

ARNEU

A Morte é inseparável da Vida, a irmã germana.

QUÍRON

A Morte é a vitória da linhagem humana.

MÉDON

A Morte! Eu bem a vi. Não é triste nem seca,
não carrega uma foice, nem tem a face peca.
É semelhante a Diana, casta e virgem como ela;
no rosto o encanto, a graça tem da núbil donzela
e leva uma grinalda de rosas siderais.
Tem na sinistra mão verdes palmas triunfais
e na destra uma taça cheia de água do olvido.
A seus pés, como um cão, jaz um amor dormido.

ÂMICO

Mesmo os deuses quiseram-lhe da doce paz a sorte.

QUÍRON

Esta é a pena dos deuses: não alcançar a Morte.

ÊURITO

Se o homem —Prometeu— pôde roubar a vida,
da Morte um dia a chave ser-lhe-á concedida.

QUÍRON

É a virgem das virgens inviolável e pura.
Ninguém seu casto corpo terá na alcova escura;
ninguém bebe em seus lábios o grito de vitória,
nem lhe arranca da fronte a grinalda de glória.
.....

*

Mas he aquí que Apolo se acerca al meridiano.
Sus truenos prolongados repite el Oceano.
Bajo el dorado carro del reluciente Apolo
vuelve a inflar sus carrillos y sus odres Eolo.
A lo lejos, un templo de mármol se divisa
entre laureles-rosa que hace cantar la brisa.
Con sus vibrantes notas, de Céfiro desgarra
la veste transparente la helénica cigarra,
y por el llano extenso van en tropel sonoro
los Centauros, y al paso, tiembla la Isla de Oro.

Mas aqui eis que Apolo se acerca ao meridiano.
Seus prolongados trons repete o Oceano.
Sob o dourado carro do reluzente Apolo
volta a inflar as bochechas e a encher os odres Eolo.
Ora um templo de mármore ao longe se divisa
por entre louros-rosa que faz cantar a brisa.
Com as vibrantes notas, de Zéfiro desgarra
a veste transparente a helênica cigarra,
e vai no plaino extenso o grupo imorredouro
dos Centauros, e ao passo estremece a Ilha de Ouro.

UM POEMA DE PEDRO SALINAS

PRESAGIOS
41

Estas frases de amor que se repiten tanto
no son nunca las mismas.
Idéntico sonido tienen todas,
pero una vida anima a cada una,
virgen y sola, si es que la percibes.
Y no te canses nunca
de repetir las palabras iguales:
sentirás la emoción que siente el alma
al ver nacer a la estrella primera
y al mirar que se copia, según la noche avanza,
en otras estrellitas
de distinto brillar y de alma única.
Y así al repetir esta
simple frase de amor se van prendiendo
infinitas estrellas en el pecho:
un mismo sol les presta luz a todas,

el sol lejano que vendrá mañana
cuando cesen estrellas y palabras.

PRESSÁGIOS
41

Essas frases de amor que se repetem tanto
não são as mesmas nunca.
Soam todas idênticas, contudo
singular vida a cada uma anima,
virgem e só, se podes percebê-la.
E não te canses nunca
de repetir as palavras iguais:
sentirás a emoção que sente a alma
ao ver a estrela que primeiro nasce
e ao vê-la desdobrar-se, conforme a noite avança,
em outras estrelinhas
de distinto brilhar e de alma única.
E ao repetires essa
simples frase de amor se vão prendendo
infinitas estrelas em teu peito:
um mesmo sol empresta luz a todas,

o sol distante que amanhã virá
quando cessem estrelas e palavras.

VICENTE HUIDOBRO

ARTE POETICA

Que el verso sea como una llave
Que abra mil puertas.
Una hoja cae; algo pasa volando;
Cuanto miren los ojos creado sea,
Y el alma del oyente quede temblando.

Inventa mundos nuevos y cuida tu palavra;
El adjetivo, cuando no da vida, mata.

Estamos en el ciclo de los nervios.
El músculo cuelga,
Como recuerdo, en los museos;
Mas no por eso tenemos menos fuerza:
El vigor verdadero
Reside en la cabeza.

Por qué cantáis la rosa, ¡oh, Poetas!
Hacedla florecer en el poema;

Sólo para nosotros
Viven las cosas bajo el sol.

El Poeta es un pequeño dios.

ARTE POÉTICA

Que o verso seja como uma chave
Que abra mil portas.
Uma folha cai; algo passa voando;
Quanto fitem os olhos criado seja,
E a alma de quem ouve fique tremendo.

Inventa mundos novos e cultiva a palavra;
O adjetivo, quando não dá vida, mata.

Estamos no ciclo dos nervos.
O músculo pende,
Como lembrança, nos museus;
Mas nem por isso temos menos força:
O vigor verdadeiro
Reside na cabeça.

Por que cantais a rosa, ó Poetas!
Fazei-a florescer no poema.

Somente para nós
Vivem as coisas sob o sol.

O Poeta é um pequeno deus.

EL ESPEJO DE AGUA

Mi espejo, corriente por las noches,
Se hace arroyo y se aleja de mi cuarto.

Mi espejo, más profondo que el orbe
Donde todos los cisnes se ahogaron.

Es un estanque verde en la muralla
Y en medio duerme tu desnudez anclada.

Sobre sus olas, bajo cielos sonámbulos,
Mis ensueños se alejan como barcos.

De pie en la popa siempre me veréis cantando.
Una rosa secreta se hincha en mi pecho
Y un ruiseñor ebrio aletea en mi dedo.

O ESPELHO DE ÁGUA

Meu espelho, correndo pelas noites,
Torna-se arroio e foge do meu quarto.

Meu espelho, mais profundo que o orbe
Onde todos os cisnes se afogaram.

É um tanque verde na parede, e nele
Dorme tua desnudez ancorada.

Em suas ondas, sob uns céus sonâmbulos,
Os meus sonhos se afastam como barcos.

De pé na popa sempre me vereis cantando.
Uma rosa secreta intumesce em meu peito
E um rouxinol ébrio esvoaça em meu dedo.

MARES ARTICOS

Los mares árticos
Colgados del ocaso

Entre las nubes se quema un pájaro

Día a día
Las plumas iban cayendo
Sobre las tejas de todos los tejados

Quién ha desarrollado el arco-iris
Ya no hay descanso

Blando de alas
Era mi lecho

Sobre los mares árticos

Busco la alondra que voló de mi pecho

MARES ÁRTICOS

Os mares árticos
Pendurados do ocaso

Por entre as nuvens se queima um pássaro

Dia a dia
As plumas iam caindo
Sobre as telhas de todos os telhados

Quem desembrulhou o arco-íris
Já não há descanso

Brando de asas
Era meu leito

Sobre os mares árticos

Busco a calhandra que voou de meu peito

RAZÕES DE TRADUZIR

Palestra pronunciada na Associação
Nacional de Escritores – ANE, em 3-9-2002.

Aos tradutores de poesia, perguntas há que habitualmente nos fazem, ou que nos fazemos: Afinal, poesia é ou não é traduzível? De um modo ou de outro, por que traduzir poesia?

São essas, decerto, as mais freqüentes; por isso mesmo, as mais respondidas. Também eu tenho algumas precárias respostas, longe de qualquer pretensão professoral.

Quanto à primeira pergunta, alguns autores afirmam que não. Mas os tradutores não acreditam, e traduzem sem parar... Ouso dizer que há algo de pose na negativa, que aliás costuma seguir-se de algum tipo de ressalva, já que, apesar da propalada impossibilidade, tanto se traduz...

Decerto que é possível: atentemos em que traduzir (poesia) não é duplicar; mas é reproduzir, em outra língua (ou noutra linguagem), o conjunto de *conteúdos* do poema, isto é: seu sentido lógico-discursivo (se o tem), seu ritmo, sua música, seus eventuais jogos de palavras, e sobretudo sua *aura*, aquilo que faz dele o que é: um poema, vale dizer, uma construção vocabular, para a qual tem o poeta à disposição a palavra e tudo que ela é capaz de abrigar/ocultar/revelar, vale dizer, um infinito, — com a condição de que o produto não repouse na planície do discurso, mas se alce aos ares do encantatório, seja fundindo pensamento e sentimento, seja criando de outro modo, por exemplo *musical*, um clima em que o leitor tenha de mergulhar, sob pena de não tocar senão a periferia do artefato poemático. Não que o poema traduzido fosse mera reprodução, no sentido de cópia, do original; mas que seja capaz de ao menos dar uma *idéia* deste, seja capaz de lançar o leitor, tão fundo quanto o permita o talento do poeta-tradutor, no universo criado pelo poeta-primeiro.

Se é possível fazê-lo bem é outra questão. Também a ela respondo que sim, apenas advertindo que bem traduzir poesia é quase tão difícil e raro quanto fazer poesia bem...

E por que traduzir poesia? Pelo desafio de fazê-lo. Porque traduzir o poema é quase tão prazeroso quanto criá-lo. Para permitir o acesso, na própria língua, ao que o poeta original criou na sua. Afinal, como disse no prefácio a *Poesia Francesa: Pequena Antologia Bilíngüe*, de José Jeronymo Rivera, "sem tradução, como tomar conhecimento de quanto escrito em língua que não a nossa? Teríamos de ler, pelo menos,

em inúmeras outras, e é excepcionalíssimo quem o faça em mais de uma... *hélas!* quem sequer o faça na própria!". Agora, se o texto original não tem aquelas qualidades que fizessem dele verdadeiramente um poema, aí sim, não há por que traduzir.

Mas outras questões há, como: Por que traduzir poemas do espanhol, língua gêmea da nossa? ou poemas curtos, isolados e, nesta condição, insuficientes para dar uma idéia, ao menos, do contexto donde retirados? E por que retraduzir poetas famosos, mais do que divulgados, quer no original, quer por meio de traduções competentes?

A essas questões não responderei simplesmente, senão que envolvendo-as na aura mesma dos poetas e dos poemas cuja transposição as motivou. E o que disser de cada um deles pode valer para todos.

¡CUBA SÍ!

Traduzir, antes de mais nada, é um ato de amor, de admiração, de homenagem. (Não me refiro, é claro, à tradução por encomenda — caso em que, não obstante, pode coincidir o interesse profissional com o amoroso...)

Em março de 1962, vivíamos um momento efervescente. Criara-se Brasília, entre euforia geral e alguns protestos, mas já os governos seguintes nos traziam o anticlímax de severas preocupações. Não obstante, creio que ninguém previa, então, o golpe de 1964 e sua maré de asfixia das liberdades democráticas, de execuções e torturas, de banimentos e abusões.

Por essa época, já nos havia visitado **Nicolás Guillén**, poeta de Cuba com uma grande aura de simpatia, fosse por suas qualidades pessoais, fosse porque a revolução cubana, assentada no poder, ia de vento em popa, sobretudo no coração do povo, malgrado a violenta oposição dos Estados Unidos.

Era corrente, entre nós, uma poesia *participante*, quando não verdadeiramente *engajada*, de que se tornou veículo prestigioso a série de livros de bolso Violão de Rua, concebida e dirigida por Moacyr Félix e editada pela Civilização Brasileira. Eu também praticava uma poesia assim, de fundo humanista e socializante. Seduzido pela criação exemplar d'"O Operário em Construção", de Vinicius de Moraes, compus um longo poema no mesmo tom, exaltando a revolução de Sierra Maestra e profligando, na esteira de palavras muito anteriores de José Martí, os seus ferrenhos inimigos. Como *leitmotiv* da primeira parte usei o refrão de um sonoro, mântrico poema de Guillén:

un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua.

O poema agradou-me, um amigo o mandou para o Violão de Rua, mas a quartelada sobreveio, a coleção acabou, e as chances de publicar coisa assim *subversiva* foram por longo tempo sufocadas. Não o publiquei. Quando melhoraram os ares, vi que ele ficava fora do contexto de meus livros em pauta. Além disso, o comando cubano insistia, para desgosto meu, num caminho de execuções a meu ver desnecessárias. Engavetei-o, mas não o esqueci. Volta e meia sinto ainda ganas de publicá-lo — sempre que minha atenção retorna sobre o crime que os demais países da América têm praticado contra o povo cubano, sob o manto de um *americanismo* capitaneado por interesses unidirecionais.[1]

Em 1994, finalmente, minha afeição pelo poema de Guillén (integrante de *La Paloma de Vuelo Popular*), se traduziu... numa tradução dele. Oxalá possam os versos de meu esforçado português conservar uma fração razoável do encanto original:

UM GRANDE LAGARTO VERDE

Por esse Mar das Antilhas
(que também Caribe chamam)
batida por ondas duras
e ornada de espumas brandas,
sob este sol que a persegue,
sob o vento que a rechaça,
cantando em lágrima viva
navega Cuba em seu mapa:
um grande lagarto verde,
com olhos de pedra e água.

Alta coroa de açúcar
lhe tecem agudas canas:
não por coroada livre,
mas dessa coroa escrava:
rainha do manto afora,
do manto adentro, vassala,
tão triste quanto a mais triste
navega Cuba em seu mapa:
um grande lagarto verde,
com olhos de pedra e água.

Tu que posto à beira-mar
estás em atenta guarda,
atenta, guardião marinho,
na fina ponta das lanças
e no ribombo das ondas
e no alarido das chamas

e no lagarto desperto
largando as unhas do mapa:
um grande lagarto verde,
com olhos de pedra e água.

OCTAVIO PAZ

Traduzir é um modo de ler sem tresler. É a melhor maneira de buscar compreender o poema escrito em língua estrangeira. Diria, forçando o traço, que seria conveniente ler poemas em português, de Portugal ou do Brasil, *traduzindo-os*, dicionário em punho, para o nosso mesmo idioma... ou melhor — para o nosso entendimento... pelo menos quando sentíssemos o risco de naufragar em leitura superficial. (Por favor, não entendam isso como uma defesa dos que pretendem *modernizar*, por exemplo, Camões, reescrevendo-o em léxico e metros diversos, qual foi o caso do Barão de Paranapiacaba, tão bem satirizado por Sílvio Romero...)

Joanyr de Oliveira trouxe-me dos Estados Unidos, de presente, *The Collected Poems* de Octavio Paz, em edição bilíngüe de Eliot Weinberger. Conhecia-o pouco. Pensava, e ainda penso, sem desamar o poeta, que o sobrelevava o ensaísta. Li-o, então, de ponta a ponta; e, como exercício de leitura, traduzi-lhe uns poucos poemas, escolhidos, naturalmente, dentre os meus preferidos. Leiamos dois ou três deles, na forma que lhes emprestei.

Do livro *Vuelta* (1969–1975):

PALAVRAS EM FORMA DE REDEMOINHO

A José Emilio Pacheco

Abro a janela
que dá
pra nenhuma parte
A janela
que se abre para dentro
O vento
levanta
instantâneas levíssimas
torres de poeira giratória
São
mais altas que esta casa
Cabem
nesta folha

Caem e se levantam
Antes que digam
algo
ao dobrar a folha
se dispersam

Torvelinhos de ecos
aspirados inspirados
por seu próprio girar
Agora
abrem-se noutro espaço
Dizem
não o que dizemos
outra coisa sempre outra
a mesma coisa sempre
Palavras do poema
não as dizemos nunca
O poema nos diz

Disse "exercício de leitura". Mas, obviamente, não é só. É preciso acrescentar: exercício de admiração.

Feito o reparo, leio, de *Árbol Adentro*:

ENTRE O QUE VEJO E O QUE DIGO...

A Roman Jakobson

1

Entre o que vejo e o que digo,
entre o que digo e o que calo,
entre o que calo e o que sonho,
entre o que sonho e o que esqueço,
a poesia.
Desliza
entre o sim e o não:
diz
o que calo,
cala
o que digo,
sonha
o que esqueço.
Não é um dizer:
é um fazer.

É um fazer
que é um dizer.
A poesia
se diz e se ouve:
é real.
E, apenas digo
é real,
se dissipa.
Será assim mais real?

2

Idéia palpável,
palavra
impalpável:
a poesia
vai e vem
entre o que é
e o que não é.
Tece reflexos
e os destece.
A poesia
semeia olhos na página,
semeia palavras nos olhos.
Os olhos falam,
as palavras olham,
os olhares pensam.
Ouvir
os pensamentos,
ver
o que dizemos,
tocar
o corpo da idéia.
Os olhos
se fecham,
as palavras se abrem.

ENTRE IR E FICAR

Entre ir e ficar hesita o dia,
de sua transparência enamorado.

A tarde circular é já baía:
em seu quieto vaivém se mexe o mundo.

Tudo é visível e tudo elusivo,
tudo está perto e tudo é intocável.

O lápis, os papéis, o livro, o vaso
abrigam-se na sombra de seus nomes.

Pulsar do tempo, latejar-me à fonte,
teimosa, a mesma sílaba de sangue.

A luz tece no muro indiferente
um espectral teatro de reflexos.

Bem no centro de um olho me descubro:
não me fita, me fito em seu olhar.

O instante se dissipa. Sem mover-me,
eu me quedo e me vou: sou uma pausa.

AINDA PAZ

Dificilmente haverá línguas tão próximas quanto o português e o espanhol. Daí esta freqüente indagação: Ora, por que traduzir poesia do espanhol?!

—Por todas as razões precedentes, digo logo. Depois, bem o sabemos, não é trabalho tão simples assim. A semelhança —e as falsas semelhanças!— de nossos idiomas é, com que freqüência, fator de dificuldades e tropeços. É assunto que bordeamos na palestra sobre "Dilemas de um Tradutor", de modo que não insistirei nele.

Traduzir é, além do mais, um ato lúdico, à semelhança do ato de compor poesia original... que é, por sua vez, uma forma de tradução, a tradução primeira, da nebulosa que gira no espírito do poeta (que nele se gerou? ou que ele fisgou sabe-se lá onde) para a organicidade do poema.

—Diga-se propriamente, em vez de *tradução*, *organização* — estou eu mesmo a objetar.

—Sim, mas tal não deixa de ser também uma tradução.

Ludismo, admiração, amor, homenagem, eis o que, no fim das contas, dá razão ao ato de traduzir, quando a justificá-lo não há nem sombra de interesse prático. Pois não é verdade que mais vale um gosto que um vintém?

De toda essa leitura/releitura de Octavio Paz, o que mais me tocou foi um minúsculo poema de *Árbol Adentro*, intitulado "Hermandad". (Deixem-me antecipar, entre parênteses, que me parece haver íntimo parentesco entre esse poema e outro, não menos belo, de

Dante Milano, “O Homem e a sua Paisagem”.) Não é nenhum desafio à compreensão, nem à transposição. Mas me encantou. Ponto. E por isso o traduzo:

IRMANDADE

Homenagem a Cláudio Ptolomeu

Sou homem: duro pouco
e é desmedida a noite.
Mas olho para cima:
as estrelas escrevem.
Sem entender compreendo:
também sou escritura
e eis que alguém neste mesmo
instante me soletra.

TRADUÇÃO INVERSA

Alardeada uma suposta semelhança com o poema de **Dante Milano**, convém trazê-lo à colação. Sem nenhum intuito de pesquisar precedência, mesmo porque um e outro suportam o confronto, e o mais provável é terem inspiração comum. Mas, como o assunto em pauta é tradução, vou apresentá-lo na tradução inversa —isto é, da língua-mãe para outra— que me atrevi a fazer-lhe, para ambicioso projeto de transposição de poesia portuguesa e brasileira ao castelhano, comandado pelo Poeta-Embaixador José Augusto Seabra:

EL HOMBRE Y SU PAISAJE

Hay en el aire un cierto devaneo.
Siento el tiempo parado, inútilmente.
Todo es menos real que lo que veo.

Tu sueño interrumpí, naturaleza.
Puesta ante un ser humano, de repente
Apareces tomada de sorpresa.

En cuanto me rodea estoy suspenso.
Veo en torno un mirar pasmado y mudo
Y la amenaza del silencio denso.

En cada sueño existe un extasiado
Ojo que duerme y a todo ve desnudo...
Señor, soy yo el objeto contemplado.

PABLO NERUDA

Em 1977, uma amiga, cujo fio Átropos implacável já cortou, trouxe-me do Chile um livro de Neruda, saído no ano de sua morte: *El Mar y las Campanas*. Segundo os editores (Losada S.A., Buenos Aires, 1973), continha os últimos poemas por ele escritos, "entre ellos el conmovedor 'Final' que concluyó poco antes de morir".

Em dupla homenagem, à colega e amiga Iná Roland de Araújo e ao grande poeta, traduzi esse "Final", antecedido de outro poema que afetivamente lhe é inconho, "Cada Día Matilde":

CADA DIA MATILDE

Hoje a ti: és esbelta
como o corpo do Chile, e delicada
como uma flor de anis,
e em cada ramo guardas testemunho
de nossas indeléveis primaveras:
Que dia é hoje? O teu.
E é o ontem amanhã, não sucedeu,
nenhum dia se foi de tuas mãos:
guardas o sol, a terra, as violetas
em tua breve sombra quando dormes.
E assim cada manhã
presenteias-me a vida.

FINAL

Matilde, anos ou dias
febris, adormecidos,
aqui e ali,
cravando,
rompendo o espinhaço,
sangrando sangue verdadeiro,
despertando talvez,
ou perdido, dormido:
camas clínicas, janelas estrangeiras,
vestidos brancos das irmãs caladas,
torpitude nos pés.

Depois essas viagens
e de novo o meu mar:
tua cabeça à cabeceira,

tuas mãos voadoras
na luz, em minha luz,
e sobre a minha terra.

Foi tão belo viver
quando vivias!

O mundo é mais azul e mais terrestre
de noite, quando eu durmo,
enorme, em tuas pequeninas mãos.

UMA SONETISTA ARGENTINA

Em 1993, Aglaia Souza me emprestou uma *Antología del Amor*, de uma poetisa argentina que não conhecia: **Julia Prilutzky Farny**. (Em 21.ª edição, pela Editorial Plus Ultra, Buenos Aires, 1983. Espantou-me a tiragem: vinte mil exemplares na primeira edição, dez mil em cada uma das subseqüentes.) Fiquei encantado; e, antes de devolver o volume (pertenço a essa raça estranha que devolve livros, por mais que perca dos seus em razão de empréstimos...), traduzi alguns de seus sonetos. Apresento-os aqui sob numeração arbitrária; mas, para os que tiverem interesse em detalhes, esclareço: o primeiro e o segundo são de *Viagem sem Partida*, onde figuram sob os números VI e XV; o terceiro é o "Largo" da "Pequena Suíte em Tom Menor — Segundo Tempo", integrante de *Intervalo*; o quarto é o "Final" da mesma "Suíte", "Terceiro Tempo"; os dois últimos, de *Não É o Amor*, n.os 4 e 6. Ouçamo-los:

I

E, um dia, será o fim. O fim incerto:
as selvas arderão, pira selvagem,
será o fácil momento da pilhagem,
a hora do terror, do desconcerto.

As naves vagarão no mar aberto,
sucumbirão cidades na voragem.
Rasgar-se-ão as virgens, farão viagem
de fuga as caravanas ao deserto.

E, então, será o fim: nos ares, langue
rumor de enxame, olor de mirto e sangue
e um estalar crescente de querelas,

crispadas mãos, bocas em fogo, pranto.
Além, no irado céu, prossegue, entanto,
a marcha inexorável das estrelas.

II

Este medo de ti, de mim... De todo
o mundo, e do sabido e do entrevisto,
temor ao esperado e ao imprevisto...
Esta angústia ante as nuvens e ante o lodo.

Deixa-me estar. Assim. Não te incomodo?
Aperta o cerco a noite, e já tens visto
como vem o temor: ainda resisto,
porém me leva a ti de estranho modo.

Deixa-te estar. Não lutes: está escrito.
De longe ele nos chega, como um grito
ou uma lerda vertigem rugiente.

Dar-me-ás o mais doce e o mais amargo:
uma breve alegria, um pranto largo...
Sei que vou para a dor. Inutilmente.

III

Este medo de estar com o próprio abismo,
esta necessidade do outro. A urgência
desta fuga febril de toda ausência.
Este opaco viver, sem heroísmo.

Sentir-se triste assim, e, em paroxismo,
culposamente triste na apetência:
impaciência que busca outra impaciência,
egoísmo que encontra outro egoísmo.

Esta tremenda solidão lograda
ante outra solidão inesperada,
este silêncio no silêncio largo:

esta tremenda solidão furtiva
diante da solidão definitiva:
este amor sem amor, disfarce amargo.

IV

Tanto pranto de amor, em vão chorado;
na alma, tanta paixão, tanta tortura,
tanta ansiedade inútil de aventura,
tal cansaço de tudo antecipado.

Fadiga de estender a mão —frustrado
gesto— e afinal colher tanta amargura;
tão constante inquietude, tão escura
essência prima. Andado e desandado,

às raias do fastio, é o destino,
—o coração, imóvel peregrino—
e assim a vida inteira consumada.

Nem memória haverá do próprio olvido:
tanto fogo hoje em cinza convertido,
e ao fim, nas mãos — areia, espuma... nada.

V

Não quero isto de andar enamorado,
estar alegre e triste sem motivo,
saber-se generoso e vingativo,
se adormir sem dormir. E estar cansado.

Não quero. E, sem embargo, é o costumado
milagre de estar trêmulo e altivo,
tanto mais livre quanto mais cativo,
mais rico quanto mais se tenha dado.

Isto de respirar bebendo os ares,
sentir-se rei, tremer ante os desares,
com o gesto indeciso e a fronte alçada

mirando um pranto incerto no horizonte,
sofrer o sol, cuidar que não transmonte,
mirar sem ver. E ver, sem mirar nada.

VI

Não sei, não sei ainda como existe,
de que modo me veio e vai crescendo
a chama sem razão que não acendo
e esta emoção que treme e que persiste.

Não sei se estar alegre ou estar triste,
já não entendo a voz, senão o acento,
não busco, não espero e já não tento:
apenas sei que estou. Que está. Que existe.

Porém como saber se é só um jogo:
neblina, solidão, engano, fogo?
Será jogo? Pois bem, há que jogá-lo

com uma doce complacência esquiva
ou uma total entrega fugitiva.
E caso fosse o amor? Há que aceitá-lo.

SANDRO PENNA

Outro poema que me comoveu —logo que o li, avulso, tudo ignorando sobre o poeta— foi este do italiano Sandro Penna, imediatamente feito objeto de minha homenagem tradutória:

Que me escondam a noite e o doce vento
de minha casa expulso e a ti buscando
meu romântico amigo rio lento.

Olho o céu olho as nuvens olho as luzes
dos homens lá embaixo tão distantes
sempre de mim. E já não sei quem quero[2]
agora amar senão a minha dor.

E a lua ora a esconder-se ora a brilhar
lenta alternância que se move inútil
sobre esta fronte cansada de olhar.[3]

NAVEGANDO EM ÁGUAS GALAICAS
ou
TRÊS FACES DE UM POEMA

Traduzir do galego? É covardia! Ainda mais com uma cola em castelhano...

Mas quero render esta homenagem a meu amigo epistolar **Xosé Rubia Barcia**, natural de O Ferrol, Galiza. O poema é extraído de *A Aza*

Enraizada — Cántigas de Bendizer (Ediciós do Castro, A Coruña, 1981). Vejamos primeiramente o original, em galego:

LEMBRASTE TI MIÑA NENA

A Rosalía

Lémbraste tí miña nena
daquela noite de luar?
Tí contábas as estrelas
i eu as areas do mar.

*

Foi pola banda de Vigo
Ai ondas do peito amigo!
Foi pola banda de Ares
Ai ondas dos meus pesares!

Varados na escura praia
dous pailebotes sen velas
xuntan queixumes e bágoas
no albo pozo das penas.

Nin tí nin eu nos ollamos
outros apagan estrelas.
Nin eu nin tí nos falamos:
outros contan as areas.

Foi pola banda de Vigo
Ai ondas do peito amigo!

A lua é xa cinza morta
con cicatrices na cara,
os luceiros son sospiros
coitelos que á noite calan.

Foi pola banda de Ares
Ai ondas dos meus pesares!

Nin eu nin tí nos lembramos
daquela noite de luar:
tí alma en terra afogada
i eu corpo morto no mar!

O Autor mesmo o verteu para o espanhol. Assim:

¿Te acuerdas tú amor mío
de aquella noche de lunar?
Tú contabas las estrellas
yo las arenas del mar.

*

Fue por la ría de Vigo.
¡Ay olas del pecho amigo!
Fue por la ría de Ares.
¡Ay olas de mis pesares!

En playa oscura varados
dos pailebotes sin velas
quejas y lágrimas juntan
en albo pozo de penas.

Ni tú ni yo nos miramos
otros apagan estrellas
ni yo ni tú nos hablamos
otros cuentan las arenas.

Fue por la ría de Vigo.
¡Ay olas del pecho amigo!

Ceniza muerta es la luna
cicatrices en su cara
los luceros un suspiro
puñal que a la noche calla.

Fue por la ría de Ares.
¡Ay olas de mis pesares!

Ni yo ni tú recordamos
aquella noche de lunar.
¡Tú alma en tierra ahogada
yo cuerpo muerto en la mar!

Por derradeiro, minha versão, mantido o título original:

LEMBRASTE TI MIÑA NENA

A Rosalía

Lembras-te minha querida
daquela noite de luar?
Tu contavas as estrelas
e eu as areias do mar.

*

Foi pela costa de Vigo
Ai ondas do peito amigo!
Foi pela costa de Ares
Ai ondas dos meus pesares!

Varados na escura praia
dois palhabotes sem velas
juntam queixumes e lágrimas
no claro poço das penas.

Nem tu nem eu nos olhamos:
outros apagam estrelas.
Nem tu nem eu nos falamos:
outros contam as areias.

Foi pela costa de Vigo
Ai ondas do peito amigo!

A lua é já cinza morta
com cicatrizes na cara,
os luzeiros são suspiros
cutelos que à noite calam.

Foi pela costa de Ares
Ai ondas dos meus pesares!

Nem eu nem tu nos lembramos
daquela noite de luar:
tu alma em terra afogada
e eu corpo morto no mar!

E com esses versos encerro esta nossa conversa, que já vai de bom tamanho.

Até a próxima.

NOTAS

1. Publico-o aqui, afinal, como Anexo B, o que não quer dizer que tenha mudado de opinião quanto às execuções.

2. Alternativa para o sexto verso:

   sempre de mim que não sei a quem quero.

3. Alternativas para o terceto final:

   a) *A lua ora se esconde ora renasce*
   lenta alternância que se move inútil
   sobre esta fronte cansada de olhar.

   b) *A lua há pouco oculta agora dança*
   lenta alternância a se mover inútil
   sobre esta fronte que de olhar se cansa.

ANEXO A

POEMAS ORIGINAIS

1. De **Nicolás Guillén**:

UN LARGO LAGARTO VERDE

Por el Mar de las Antillas
(que también Caribe llaman)
batida por olas duras
y ornada de espumas blandas,
bajo el sol que la persigue
y el viento que la rechaza,
cantando a lágrima viva
navega Cuba en su mapa:
un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua.

Alta corona de azúcar
le tejen agudas cañas;
no por coronada libre,
sí de su corona esclava:
reina del manto hacia fuera,
del manto adentro, vasalla,
triste como la más triste,
navega Cuba en su mapa:
un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua.

Junto a la orilla del mar,
tú que estás en fija guardia,
fíjate, guardián marino,
en la punta de las lanzas
y en el trueno de las olas
y en el grito de las llamas
y en el lagarto despierto
sacar las uñas del mapa:
un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua.

2. De **Octavio Paz**:

PALABRAS EN FORMA DE TOLVANERA

A José Emilio Pacheco

Abro la ventana
que da
a ninguna parte
La ventana
que se abre hacia dentro
El viento
levanta
instantáneas livianas
torres de polvo giratorio
Son
más altas que esta casa
Caben
en esta hoja
Caen y se levantan
Antes que diga
algo
al doblar la hoja
se dispersan

Torbellinos de ecos
aspirados inspirados
por su propio girar
Ahora
se abren en otro espacio
Dicen
no lo que dijimos
otra cosa siempre otra
la misma cosa siempre
Palabras del poema
no las decimos nunca
El poema nos dice

ENTRE LO QUE VEO Y DIGO...

A Roman Jakobson

1

Entre lo que veo y digo,
entre lo que digo y callo,
entre lo que callo y sueño,
entre lo que sueño y olvido,
la poesía.
Se desliza

entre el sí y el no:
dice
lo que callo,
calla
lo que digo,
sueña
lo que olvido.
No es un decir:
es un hacer.
Es un hacer
que es un decir.
La poesía
se dice y se oye:
es real.
Y apenas digo
es real,
se disipa.
¿Así es más real?

2

Idea palpable,
palabra
impalpable:
la poesía
va y viene
entre lo que es
y lo que no es.
Teje reflejos
y los desteje.
La poesía
siembra ojos en la página,
siembra palabras en los ojos.
Los ojos hablan,
las palabras miran,
las miradas piensan.
Oír
los pensamientos,
ver
lo que decimos,
tocar
el cuerpo de la idea.
Los ojos
se cierran,
las palabras se abren.

ENTRE IRSE Y QUEDARSE

Entre irse y quedarse duda el día,
enamorado de su transparencia.

Todo es visible y todo es elusivo,
todo está cerca y todo es intocable.

Los papeles, el libro, el vaso, el lápiz
reposan a la sombra de sus nombres.

Latir del tiempo que en mi sien repite
la misma terca sílaba de sangre.

La luz hace del muro indiferente
un espectral teatro de reflejos.

En el centro de un ojo me descubro;
no me mira, me miro en su mirada.

Se disipa el instante. Sin moverme,
yo me quedo y me voy: soy una pausa.

HERMANDAD

Homenaje a Claudio Ptolomeo

Soy hombre: duro poco
y es enorme la noche.
Pero miro hacia arriba:
las estrellas escriben.
Sin entender comprendo:
también soy escritura
y en este mismo instante
alguien me deletrea.

3. De **Dante Milano**:

O HOMEM E A SUA PAISAGEM

Toda paisagem tem um ar de sonho.
Vejo o tempo parado, inutilmente.
Tudo é menos real do que suponho.

Interrompi teu sonho, natureza.
Diante de um ser humano, de repente
Apareces tomada de surpresa.

No espaço que me cerca estou suspenso.
Em redor um olhar pasmado e mudo
E no ar a ameaça do silêncio denso.

Em todo sonho existe um extasiado
Olhar adormecido que vê tudo...
Senhor, eu sou o objeto contemplado

4. De **Pablo Neruda**:

CADA DÍA MATILDE

Hoy a ti: larga eres
como el cuerpo de Chile, y delicada
como una flor de anís,
y en cada rama guardas testimonio
de nuestras indelebles primaveras:
Qué día es hoy? Tu día.
Y mañana es ayer, no ha sucedido,
no se fue ningún día de tus manos:
guardas el sol, la tierra, las violetas
en tu pequeña sombra cuando duermes.
Y así cada mañana
me regalas la vida.

FINAL

Matilde, años o días
dormidos, afiebrados,
aquí o allá,
clavando
rompiendo el espinazo,
sangrando sangre verdadera,
despertando tal vez
o perdido, dormido:
camas clínicas, ventanas extranjeras,
vestidos blancos de las sigilosas,
la torpeza en los pies.

Luego estos viajes
y el mío mar de nuevo:
tu cabeza en la cabecera,

tus manos voladoras
en la luz, en mi luz,
sobre mi tierra.

Fue tan bello vivir
cuando vivías!

El mundo es más azul y más terrestre
de noche, cuando duermo
enorme, adentro de tus breves manos.

5. De **Julia Prilutzki Farny**:

I

Y un día, será el fin. El fin incierto:
las selvas arderán, pira salvaje;
será el fácil momento del pillaje,
la hora del terror, del desconcierto.

Ninguna nave llegará a su puerto,
y cubrirá ciudades el oleaje.
Desgarrarán las vírgenes su traje,
huirán las caravanas al desierto.

Y entonces, será el fin: rumor de enjambre
habrá, y olor de mirtos y de sangre
y un estallar creciente de querellas,

manos crispadas, bocas encendidas...
Sobre la airada cima, suspendidas,
continuarán marchando las estrellas.

2

Este miedo de ti, de mí... De todo,
miedo de lo sabido y lo entrevisto,
temor a lo esperado y lo imprevisto,
congoja ante la nube y ante el lodo.

Déjame estar. Así. ¿No te incomodo?
Abajo ya es la noche, y hoy has visto
cómo acerca el temor: aún resisto
pero me lleva a tí de extraño modo.

Déjate estar. No luches: está escrito.
Desde lejos nos llega, como un grito
o como un lerdo vértigo rugiente.

Me darás lo más dulce y más amargo:
una breve alegría, un llanto largo...
Sé que voy al dolor. Inútilmente.

3

Este miedo de estar consigo mismo,
esta necesidad de otra presencia.
Este afiebrado huir de toda ausencia,
este opaco vivir, sin heroísmo.

Sentirse triste así, pero asimismo
culpablemente triste en la apetencia:
impaciencia que busca otra impaciencia,
egoísmo que encuentra otro egoísmo.

Esta tremenda soledad lograda
frente a otra soledad inesperada,
este silencio en el silencio largo:

esta tremenda soledad furtiva
frente a su soledad definitiva:
este amor sin amor, disfraz amargo.

4

Tanto llanto de amor, llorado en vano;
tanta pasión impar, tanta premura,
tanta ansiedad inútil de aventura,
tal cansancio sabido de antemano.

Tanta fadiga de extender la mano
para alcanzar al fin tanta amargura;
tanta inquietud constante, tan oscura
esencia primordial. Tanto desgano.

Andado y desandado fue el camino,
—el corazón, inmóvil peregrino—
y así la vida, toda fue entregada.

Hoy, tal vez ni el recuerdo del olvido,
tanto fuego en ceniza convertido
y en las manos: arena, espuma... Nada.

5

No quiero esto de andar enamorado,
estar triste y alegre sin motivo,
saberse generoso y vengativo,
dormirse sin dormir. Y estar cansado.

Y sin embargo, es el acostumbrado
milagro de estar trémulo y altivo,
tanto más libre cuanto más cautivo,
tanto más rico cuanto más se ha dado.

Esto de respirar bebiendo el aire,
sentirse rey, temblar frente al desaire,
con el gesto indeciso y la mirada

más cerca o más allá del horizonte,
sufrir el sol, tratar que no tramonte,
mirar sin ver. Y ver, sin mirar nada.

6

Yo no sé todavía cómo existe,
cómo ha venido a mí y está creciendo
la indócil llamarada que no enciendo
y esta emoción que tiembla y que persiste.

No sé si estar alegre o estar triste,
ya no entiendo la voz sino el acento,
ya no busco ni espero ni presiento:
apenas sé que estoy. Que está. Que existe.

Pero cómo saber si es sólo un juego:
neblina, soledad, engaño, fuego.
¿Es un juego? Pues bien, hay que jugarlo

con una dulce complacencia esquiva
o una total entrega fugitiva.
¿Y si fuera el amor? Hay que aceptarlo.

6. De **Sandro Penna**:

Mi nasconda la notte e il dolce vento.
Da casa mia cacciato e a te venuto
mio romantico amico fiume lento.

Guardo il cielo e le nuvole e le luci
degli uomini laggiù così lontani
sempre da me. Ed io non so chi voglio
amare ormai se non il mio dolore.

La luna si nasconde e poi riappare
— lenta vicenda inutilmente mossa
sovra il mio campo stanco di guardare.

ANEXO B

CUBA SÍ

Un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua
— Nicolás Guillén

... la anexión de los pueblos de nuestra
América al Norte revuelto y brutal,
que nos desprecia
— José Martí

I

Un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua,
entre as Antilhas se perde
A Ilha, e os olhos deságua,
reencontrada, no em-torno:
água clara em solo escuro.
Em Cuba se erige o forno
que forja o aço mais puro,
água de têmpera humana
e de humana tessitura,
aço-fonte em que dimana
a liberdade futura,
que na vontade do povo
tem sua matéria-prima,
aço, enfim, que, sangue novo,
velhas artérias anima.

Un largo lagarto ardente,
con ojos de piedra y agua,
já no escuro continente
os claros olhos deságua;
olhos claros que são rios
e foram águas paradas,
pedras que em tempos sombrios
foram cadeias odiadas;
mas pedras que não são duras,
mas rios que não são água,
que foram nódoas escuras,

fundas represas de mágoa,
e que são hoje tijolos
na construção da alvorada
e sangue animando os solos
da América escravizada.

Largo lagarto com olhos
de piedra y agua corrente,
água que alui os escolhos
e que, em ubíqua nascente,
desce de Sierra Maestra,
entre o rumor de outras fontes
domina as notas da orquestra,
cintila nos horizontes,
chuva, arco-íris, aliança,
banha a Provincia de Oriente,
no arquipélago descansa,
se espraia no continente,
marulhando em cada canto
sua mensagem de vida,
universal como o pranto
da humanidade oprimida.

Un largo lagarto apenas,
mas que o Dragão desafia.
Homens de peles morenas,
que na alma trazem o dia,
com homens de toda sorte,
brancos, roxos, amarelos,
se fazem perante el Norte
revuelto y brutal mais belos.
Largo lagarto na tarde
del Norte que os desprecia,
con ojos puros em que arde
uma nova peripécia.
Lagarto verde onde medra
novo sol de novos dias.
Un largo lagarto, pedra
no calcanhar de Golias.

II

Pescador, é doce a vida,
vogam suaves as quilhas,
quando o gênio da tormenta
deserta as líqüidas trilhas,

quando o sol rompe o horizonte
e se reflete no olhar,
perdido o medo da tarde,
banido o preço de amar.

Operário, é doce a vida
quando não tens por patrão
águias gordas de rapina
que te roubassem o pão,

quando não morrem teus filhos
de fome, quando na escola
vês que o progresso é um salto
e que tu és sua mola.

Camponês, é doce a vida
quando não topas um Não
nas fachadas das usinas
que construiu tua mão,

quando essa mão não estendes
aos teus algozes sombrios,
quando, num gesto de aurora,
caem por terra os bohíos.

III

Um grande torrão de açúcar
— Cuba — no Mar das Antilhas.
Açúcar que adoça as águas
para o batismo das quilhas
das naus que descem das serras
nos rios da liberdade,
rios de sangue e revolta
de oprimida humanidade.

Um grande torrão de açúcar
— Cuba — no Mar das Antilhas.
Que A Ilha, nunca isolada,
fecunde todas as ilhas,
que de seus campos e usinas,
ferventes de um sangue novo,
fuzis de cana-de-açúcar
atirem mel sobre o povo.

Um grande torrão de açúcar
— Cuba — no Mar das Antilhas.
Claro trecho de futuro

donde abrir-se-ão novas trilhas.
Operário da alvorada,
pescador fisgando a aurora,
camponês lavrando o dia
nas duras trevas do outrora.

Um grande torrão de açúcar
— Cuba — no Mar das Antilhas.
Torrão de açúcar de que ontem
fez as balas das guerrilhas
um povo ardente, de sangue
doce de açúcar de cana,
que explodiu, qual sempre explode
onde se oprima a alma humana.

Um grande torrão de açúcar
— Cuba — no Mar das Antilhas.

Brasília, 19-22 de março de 1962.

UM SONETO DE PETRARCA

VOI CH'ASCOLTATE IN RIME SPARSE IL SUONO

Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono
di quei sospiri ond'io nudriva 'il core
in sul mio primo giovenile errore,
quand'era in parte altr'uom da quel ch'i' sono:

del vario stile in ch'io piango e ragiono
fra le vane speranze e 'l van dolore,
ove sia chi per prova intenda amore,
spero trovar pietà, non che perdono.

Ma ben veggio or sì come al popol tutto
favola fui gran tempo, onde sovente
di me medesmo meco mi vergogno;

e del mio vaneggiar vergogna è 'l frutto,
e 'l pentersi, e 'l conoscer chiaramente
che quanto piace al mondo è breve sogno.

VÓS QUE ESCUTAIS NAS RIMAS DO MEU VERSO

Vós que escutais nas rimas do meu verso
os ais com que eu nutria o peito enleado
desde o primeiro juvenil pecado,
quando era, em parte, do que sou diverso:

do estilo em que ardo e penso e me disperso
em esperanças vãs ou vão cuidado,
se entenderdes por prova amor, prostrado,
perdão espero, em contrição imerso.

Bem vejo agora que feroz tributo
paguei à voz do povo, e de repente*
de mim mesmo comigo me envergonho;

e do meu delirar vergonha é o fruto,
e o arrepender-me, e o ver tão claramente
que quanto agrada ao mundo é breve sonho.

---

* Outra versão:

Bem vejo que na voz do povo bruto
fábula fui, e assim, constantemente ....

MAIS UMA TRADUÇÃO DO SONETO DE ARVERS

SONNET

Mon âme a son secret, ma vie a son mystère,
Un amour éternel en un moment conçu;
Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas! j'aurai passé près d'elle inaperçu
Toujours à ses côtés et toujours solitaire;
Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
N'osant rien demander, et n'ayant rien reçu.

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite bonne et tendre,
Elle ira son chemin, distraite, et sans entendre
Ce murmure d'amour élévé sur ses pas;

A l'austère devoir pieusement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle,
"Quelle est donc cette femme?" et ne comprendra pas.

SONETO

Tenho na alma e na vida um mistério, um segredo:
Um amor eternal que imprevisto se abriu,
Que nem ouso a ninguém confidenciar a medo;
E quem o fez nascer nunca o soube ou sentiu.

Ai! vivi junto dela, e nem sequer me viu,
Anelante, a seu lado. E solitário e quedo
Hei de chegar ao fim do terrenal degredo
Sem dizer deste amor que ninguém pressentiu.

Por mais terna que Deus a tenha feito, pura,
Sem mesmo ouvir o amor que a seus passos murmura,
Distraída, a seguir seu caminho ela irá;

E, do austero dever piedosa sentinela,
Dirá talvez, lendo estes versos cheios dela:
— "Que mulher será essa?" — e não compreenderá.

DE GÉRARD DE NERVAL

LE POINT NOIR

Quiconque à regardé le soleil fixement
Croit voir devant ses yeux voler obstinément
Autour de lui, dans l'air, une tache livide.

Ainsi, tout jeune encore et plus audacieux,
Sur la gloire un instant j'osai fixer les yeux :
Un point noir est resté dans mon regard avide.

Depuis, mêlée à tout comme un signe de deuil,
Partout, sur quelque endroit que s'arrête mon œil,
Je la vois se poser aussi, la tache noire ! —

Quoi, toujours ? Entre moi sans cesse et le bonheur !
Oh ! c'est que l'aigle seul — malheur à nous, malheur ! —
Contemple impunément le Soleil et la Gloire.

O PONTO NEGRO

Aquele que ousa o sol encarar fixamente
Ante os olhos, depois, voar obstinada sente
Uma lívida mancha a circundá-lo, no ar.

Muito jovem ainda, eu, mais audacioso,
Sobre a glória um momento os olhos pus ansioso:
Colou-se um ponto negro em meu ávido olhar.

Desgraça! desde então, como um signo de dor,
Em toda parte, em tudo onde o olhar venha a pôr,
Eu vejo a mancha negra estampar-se ilusória![1]

Sempre, sempre, entre mim e o gozo, a mancha atroz!
Oh! é que a águia somente —ai de nós, ai de nós!—
Sem os olhos desviar contempla o Sol e a Glória.[2]

NOTAS

1. "Notória" na primeira versão.

2. Antes de chegar aqui, passei pelos seguintes caminhos:

Com denodado/destemido/impávido/incorrupto/intrépido olhar contempla
o Sol e a Glória.

Contempla com impune olhar o Sol e a Glória.

Sem mácula no olhar contempla o Sol e a Glória.

Tem o dom de encarar/fitar impune o Sol e a Glória.

É que da águia somente –ai de nós, ai de nós!—
Impunemente o olhar contempla o Sol e a Glória.

FRANÇOIS COPPÉE

AUMÔNE ROYALE

Quand saint Louis trouvait un pauvre en son chemin,
Il lui faisait l'aumône et lui baisait la main;
Car il considérait la pauvreté chrétienne
Comme une majesté plus haute que la sienne.
À ses yeux, la misère était une faveur
Divine qui nous fait ressembler au Sauveur.
Et, songeant à Jésus exposé chez Pilate,
Au fils de Dieu drapé d'un lambeau d'écarlate,
Les épines au front, le roseau dans les doigts,
Le pieux souverain, le meilleur de nos rois,
Devant le malhereux sacré par la souffrance,
Inclinait humblement la couronne de France.

ESMOLA REAL

Quando São Luís topava um pobre em seu caminho,
Não o deixava sem dar-lhe uma esmola e carinho;
Na pobreza cristã achava mais beleza,
Majestade maior que na própria realeza.
Porque a seus olhos era a miséria um favor
Divino que nos faz lembrar o Salvador.
E, pensando em Jesus coroado de espinhos,
Com um manto esfarrapado, aos homens escarninhos
Exposto, e tendo, entanto, a alma plena de amor,
Diante de um infeliz sagrado pela dor,
Vendo em sua desgraça a bem-aventurança,
São Luís inclinava a coroa de França.

LES TROIS ROSES

Le printemps triomphe soudain,
Et trois roses, dans le jardin,
Se sont ouvertes ce matin.

Nouvelles roses de l'année
Qui ne vivrez qu'une journée,
Dites-moi votre destinée.

— Moi, dit l'une, don d'un amant,
Dans la tiédeur d'un sein charmant,
Je dois mourir languissamment.

L'autre a dit : — Dans le cimetière,
Je dois, près d'un nom sur la pierre,
Jeter mon haleine dernière.

Et la troisième a dit : — Le choix
De mon sort est meilleur. Je dois
M'exhaler au pied de la Croix.

Je songe avec mélancolie
A l'amour, si brève folie,
Aux morts que trop vite on oublie.

Fleurs des amants, fleurs des défunts,
Hélas! vos destins sont communs.
Ils se dissipent, vos parfums.

Roses tout à l'heure fleuries,
Vous me semblez déjà flétries,
Excepté toi, rose qui pries.

Car ton âme suave au Ciel
Va monter, rose de l'autel,
Et ton parfum est immortel.

AS TRÊS ROSAS

A primavera chega, enfim,
E três rosas, diante de mim,
Estão abertas no jardim.

Rosas que dais tanta alegria
E não vivereis mais que um dia,
Para onde o destino vos guia?

Diz a primeira, docemente:
— Na tepidez de um seio ardente
Eu morrerei languidamente.

Outra das rosas diz: — Prefiro
Do cemitério no retiro
Exalar o último suspiro.

Diz a terceira: — Melhor sorte
Colho eu, que em místico transporte
Aos pés da Cruz terei a morte.

E eu cismo, quase como em prece:
Tão cedo o amor desaparece,
E os mortos logo o mundo esquece.

Flores do amor e dos finados,
Vossos perfumes delicados,
Ai! breve os tereis dissipados.

Rosas há pouco florescidas,
Vós pareceis já fenecidas,
Menos tu que à prece convidas.

Pois a tua alma virginal
Ascende à glória celestial
E teu perfume é imortal.

PAUL VERLAINE

CHANSON D'AUTOMNE

Les sanglots longs
Des violons
    De l'automne
Blessent mon cœur
D'une langueur
    Monotone

Tout sufoccant
Et blême, quand
    Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens
    Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
    Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
    Feuille morte.

CANÇÃO DE OUTONO

Langues canções,
Longos violões,[1]
    Pelo outono,
Ferem meu ser
De um languescer
    De abandono.

A sufocar,
Quando pelo ar
    Soa a hora,
Um tempo ancião
Meu coração
    Lembra, e chora.

E o vento, ao léu,
De déu em déu
    Me transporta,
Pra cá, pra lá,
Semelhante à
    Folha morta.[2]

NOTAS

1. Em nossa versão, a fidelidade procurada é antes à sonoridade do original que à sua literalidade.

2. Versão anterior:

CANÇÃO DE OUTONO

Langues canções,
Longos violões,
Pelo outono,
Deixam meu ser
Num languescer
De abandono.

A sufocar
Quando pelo ar
Soa a hora,
Um tempo ancião
Meu coração
Lembra, e chora.

E eu vôo ao léu,
Que um vento cruel
Me transporta
Pra cá, pra lá,
Semelhante à
Folha morta.

{E eu vôo ao léu
{Da aura que, cruel,
{Me transporta
{Pra lá, pra cá,

JULES LAFORGUE

NOEL SCEPTIQUE

Noël! Noël! j'entends les cloches dans la nuit...
Et j'ai, sur ces feuillets sans foi, posé ma plume :
O souvenirs, chantez! tout mon orgueil s'enfuit,
Et je me sens repris de ma grande amertume.

Ah! ces voix dans la nuit chantant Noël! Noël!
M'apportent de la nef qui, là-bas, s'illumine,
Un si tendre, un si doux reproche maternel
Que mon cœur trop gonflé crève dans ma poitrine...

Et j'écoute longtemps les cloches, dans la nuit...
Je suis le paria de la famille humaine,
A qui le vent apporte en son sale réduit
La poignante rumeur d'une fête lointaine.

NATAL CÉPTICO

Natal! ouço cantar os sinos noite afora...
Nestas folhas sem fé cai-me a pena insegura:
Ó lembranças, cantai! foi-se-me o orgulho embora,
Vem de novo tomar-me uma antiga amargura.

Ah! estas vozes a cantar Natal! Natal!
Vêm-me, ó noite, trazer, da nave que cintila,
Tão terna e tão sutil censura maternal
Que o coração, a ansiar, no peito se aniquila...

Sinos, sinos que em meio à longa noite escuto...
Ai! da família humana eu sou o pária errante
A quem o vento leva, em seu negro reduto,
O pungente rumor de uma festa distante.

DES FLEURS DU MAL DE BAUDELAIRE

L’ALBATROS

Souvent, pour s’amuser, les hommes d’équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
Le navire glissant sur les gouffres amers.

A peine les ont-ils déposé sur les planches,
Que ces rois de l’azur, maladroits et honteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d’eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu’il est comique et laid!
L’un agace son bec avec un brûle-gueule,
L’autre mime, en boitant, l’infirme qui volait!

Le Poëte est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l’archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l’empêchent de marcher.

O ALBATROZ

Às vezes, em folgança, os homens da equipagem
Capturam o albatroz, a grande ave do mar,
Que segue, companheiro indolente de viagem,
O navio no salso abismo a deslizar.

Mal o privam assim das altitudes francas,
Envergonhado e tonto, esse rei da amplidão
Deixa miseramente as grandes asas brancas,
Como remos, pender e arrastar-se no chão.

Que belo e majestoso era o viajante alado!
Como é frágil no chão, como é grotesco e vil!
Um mete-lhe no bico um cachimbo; outro, arqueado,
Arremeda, coxeando, o exilado do anil.

O Poeta é semelhante ao sublime albatroz
Que ri do arqueiro e arrosta a tempestade no ar;
Exilado no solo em meio à turba atroz,
As asas de gigante impedem-no de andar.[1]

ÉLÉVATION

Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées,
Des montagnes, des bois, des nuages, des mers,
Par delà le soleil, par delà les éthers,
Par delà les confins des sphères étoilées,

Mon esprit, tu te meus avec agilité,
Et, comme un bon nageur qui se pâme das l'onde,
Tu sillones gaiement l'immensité profonde
Avec une indicible et mâle volupté.

Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides;
Va te purifier dans l'air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.

Derrière les ennuis et les vastes chagrins
Qui chargent de leur poids l'existence brumeuse,
Heureux celui qui peut d'une aile vigoureuse
S'élancer vers les champs lumineux et sereins;

Celui dont les pensers, comme des alouettes,
Vers les cieux le matin prennent un libre essor,
— Qui plane sur la viet, et comprend sans effort
Le langage des fleurs et des choses muettes!

ELEVAÇÃO

Muito acima do mar, muito acima dos véus
Das montanhas, além das nuvens, num lugar
Onde nem mesmo a luz dos astros vai brilhar,
Para lá dos confins dos constelados céus,

Ó espírito, como um ágil nadador
Que nas águas se mova e à onda se confunda,
Alegremente vais da imensidão profunda,
Com máscula volúpia, os abismos transpor.

Ergue-te deste chão de mórbidos cansaços;
Vai-te purificar no éter superior,
E bebe, como um puro e divino licor,
O fogo claro que enche os límpidos espaços.

Alijado do tédio e das tristezas más
O peso que lastreia a existência brumosa,
Feliz quem pode voar, com asa vigorosa,
Para os campos de eterna e luminosa paz;

Aquele cuja idéia, irmã das auspiciosas
Calhandras, vai o sol das manhãs receber,
— Quem paira sobre a vida, e é capaz de entender
A linguagem que flui das coisas silenciosas!

CORRESPONDANCES

La Nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,
— Et d'autres, corrompus, riches et triomphants,

Ayant l'expansion des choses infinies
Comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,
Qui chantent les transports de l'esprit et des sens.

CORRESPONDÊNCIAS

A Natureza é um templo onde vivos pilares
Deixam somente ouvir confusas frases; nestas
Paragens o homem passa através das florestas
De símbolos que o vêem com olhos familiares.

Como ecos longos que de longe correspondem
A um som de tenebrosa e profunda unidade,
Tão vasto como a noite e como a claridade,
Os perfumes, os sons e as cores se respondem.

Perfumes frescos há como carnes de infantes,
Doces como os oboés, verdes como inauditas
Campinas, — e outros há, corrompidos, triunfantes,

Ricos, que na expansão das coisas infinitas,
Como o incenso, o benjoim e o âmbar, se levantam
E todo o êxtase da alma e dos sentidos cantam.

HYMNE À LA BEAUTÉ

Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abîme,
O Beauté? ton regard, infernal et divin,
Verse confusément le bienfait et le crime,
Et l'on peut pour cela te comparer au vin.

Tu contiens dans ton œil le couchant et l'laurore;
Tu répands des parfums comme un soir orageux;
Tes baisers sont un philtre et ta bouche une amphore
Qui font le héros lâche et l'enfant courageux.

Sors-tu du gouffre noir ou descends-tu des astres?
Le Destin charmé suit tes jupons comme un chien;
Tu sèmes au hasard la joie et les désastres,
Et tu gouvernes tout et ne réponds de rien.

Tu marches sur des morts, Beauté, dont tu te moques;
De tes bijoux l'Horreur n'est pas le moins charmant,
Et le Meurtre, parmi tes plus chères breloques,
Sur ton ventre orgueilleux danse amoureusement.

L'éphémère ébloui vole vers toi, chandelle,
Crépite, flambe et dit: Bénissons ce flambeau!
L'amoureux pantelant incliné sur sa belle
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.

Que tu viennes du ciel ou de l'enfer, qu'importe,
O Beauté! monstre énorme, effrayant, ingénu!
Si ton œil, ton souris, ton pied, m'ouvrent la porte
D'un Infini que j'aime et n'ai jamais connu?

De Satan ou de Dieu, qu'importe? Ange ou Sirène,
Qu'importe, si tu rends, — fée aux yeux de velours,
Rythme, parfum, lueur, ô mon unique reine! —
L'univers moins hideux et les instants moins lourds?

HINO À BELEZA

Vens tu do céu profundo ou sais de um torvelinho,
Beleza? teu olhar, infernal e sublime,
Verte confusamente o benefício e o crime,
E por isto se pode aproximar-te ao vinho.

Sintetizas no olhar o amanhecer e o ocaso;
Tens os perfumes de uma tarde relampeante;[2]
São teus beijos um filtro e tua boca um vaso
Que o herói tornam covarde e corajoso o infante.

Sobes do negro abismo ou descendes dos astros?
Semeias ao acaso a alegria e a aflição;
O Destino te segue enfeitiçado os rastros,
E governas a tudo, e a tudo dizes não.[3]

Sobrepairas à Morte e da Morte escarneces;
De teus brincos não é o menos belo o Horror,
E o Assassínio, entre os bens mais caros que ofereces,
Sobre o teu ventre heril coleia com amor.

A efêmera, ofuscada, em tua chama, ó vela,
Arde, e crepita, e diz: Bendiga-se esta lampa!
O amoroso a anelar por sobre a sua bela
Tem o ar dum moribundo acariciando a campa.

Que tu venhas do céu ou do inferno, que importa,
Beleza! monstro enorme, horrendo, ingênuo! se
Teu olhar, teu sorrir, teu pé, abrem-me a porta
De um Infinito que amo e jamais conheci?

De Satã ou de Deus, que importa? Anjo ou Sirena,
Que importa! vens fazer, —fada de olhar vibrante,
Ritmo, perfume, luar, imperatriz serena!—
Menos feio o universo e menos longo o instante!

DE PROFUNDIS CLAMAVI

J'implore ta pitié, Toi, l'unique que j'aime,
Du fond du gouffre obscur où mon cœur est tombé.
C'est un univers morne à l'horizon plombé,
Où nagent dans la nuit l'horreur et le blasphème;

Un soleil sans chaleur plane au-dessus six mois,
Et les six autres mois la nuit couvre la terra;
C'est un pays plus nu que la terre polaire;
— Ni bêtes, ni ruisseaux, ni verdure, ni bois!

Or il n'est pas d'horreur au monde qui surpasse
La froide cruauté de ce soleil de glace
Et cette immense nuit semblable au vieux Chaos;

Je jalouse le sort des plus vils animaux
Qui peuvent se plonger dans un sommeil stupide,
Tant l'écheveau du temps lentement se dévide!

DE PROFUNDIS CLAMAVI

A Ti, a quem só amo, imploro-te a piedade.
Em fundo e negro abismo está meu coração.
É torvo este universo, em cuja escuridão
Nadam juntos o horror, a blasfêmia, a ansiedade;

Paira seis meses no alto um astro sem calor,
E os outros seis a noite os horizontes cerra;
É um país mais nu do que a antártica terra;
— Nem bichos, nem verdura, e nem água, e nem flor!

Não existe no mundo horror que sobreleve
A fria crueldade àquele sol de neve
E a esta noite sem fim, gêmea do velho Caos.

Invejo a sorte vil dos quadrúpedes maus
Que podem mergulhar num sono bruto enquanto
Lento desfia o tempo as malhas de seu manto!

LA MUSIQUE

La musique souvent me prend comme une mer!
Vers ma pâle étoile,
Sous un plafond de brume ou dans un vaste éther,
Je mets à la voile;

La poitrine en avant et les poumons gonflés
Comme de la toile,
J'escalade le dos des flots amoncelés
Que la nuit me voile;

Je sens vibrer en moi toutes les passions
D'un vaisseau qui souffre;
Le bon vent, la tempête et ses convulsions

Sur l'immense gouffre
Me bercent. D'autres fois, calme plat, grand miroir
De mon désespoir!

A MÚSICA

A música me envolve às vezes como um mar!
Rumo a vaga estrela,
Sob um teto de bruma ou na amplitude do ar,
Eu faço-me a vela;

O peito projetado e plenos os pulmões
Como inflada tela,
Escalo o dorso azul dos crebros vagalhões
Que a noite me vela;

Sinto em mim o vibrar de todas as paixões
De um barco sensível;
Berça-me a aura em seu seio, e berçam-me os tufões

No vórtice horrível.
Depois, calmoso espelho, onde me vem mirar
Meu desesperar![4]

SPLEEN

Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle
Sur l'esprit gémissant en proie aux longs ennuis,
Et que de l'horizon embrassant tout le cercle
Il nos verse un jour noir plus triste que les nuits;

Quand la terre est changée en un cachot humide,
Où l'Espérance, comme une chauve-souris,
S'en va battant les murs de son aile timide
Et se cognant la tête à des plafonds pourris;

Quand la pluie étalant ses immenses trainées
D'une vaste prison imite les barreaux,
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées
Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux,

Des cloches tout à coup sautent avec furie
Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,
Ainsi que des esprits errants et san patrie
Qui se mettent à geindre opiniâtrement.

—Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme; l'Espoir,
Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.

SPLEEN

Quando o céu, baixo e gris, como uma tampa inerte
Pesa na alma a gemer do tédio ao longe açoite,
E, abraçando o horizonte inteiramente, verte
Um dia negro em nós, mais triste do que a noite;

Quando a terra se torna em cela tenebrosa,
Onde a Esperança, como um tímido morcego,
Contra as paredes bate a pobre asa medrosa
E contra o teto podre a fronte sem sossego;

Quando o céu vaza em chuva as líqüidas montanhas,
As grades a imitar de uma vasta prisão,
E uma população muda e ignóbil de aranhas
Estende a teia infame em nosso crânio, então

Sinos, sinos em fúria o clamor repetino
Atiram contra o céu de um concerto pungente,
Como espíritos que, sem pátria e sem destino,
Vagassem a gemer interminavelmente.

—E em longa procissão fúnebre um coro canta
Surdamente em minha alma: é a Esperança que parte,
Vencida, morta. E a Angústia, a Angústia atroz, implanta
No meu crânio pendido o seu negro estandarte.[5]

LA DESTRUCTION

Sans cesse à mes côtés s'agite le Démon;
Il nage autour de moi comme un air impalpable;
Je l'avale et le sens qui brûle mon poumon
Et l'emplit d'un désir éternel et coupable.

Parfois il prend, sachant mon grand amour de l'Art,
La forme de la plus séduisante des femmes,
Et, sous de spécieux prétextes de cafard,
Accoutume ma lèvre à des philtres infâmes.

Il me conduit ainsi, loin du regard de Dieu,
Haletant et brisé de fatigue, au milieu
Des plaines de l'Ennui, profondes et désertes,

Et jette dans mes yeux pleins de confusion
Des vêtements souillés, des blessures ouvertes,
Et l'appareil sanglant de la Destruction!

A DESTRUIÇÃO

Sempre o Diabo a agitar-se e a me estender a mão,
Nadando-me em redor como um ar impalpável;
Eu o respiro e o sinto abrasar-me o pulmão
E enchê-lo de um desejo infinito e culpável.

Sabendo o meu amor pela Arte, ele não falha:
Toma a forma da mais sedutora mulher,
E, com sofismas, com pretextos de canalha,
Acostuma-me o lábio aos filtros que bem quer.

Assim, longe do olhar de Deus, ele me leva
Arquejante, alquebrado, até o núcleo de treva
Das planícies do Tédio, imensas e desertas,

E atira em meu olhar cheio de confusão
Sujas vestes, cruor de feridas abertas,
E o aparelho de sangue e horror da Destruição![6]

LA MORT DES PAUVRES

C’est la Mort qui console, hélas! et qui fait vivre;
C’est le but de la vie, et c’est le seul espoir
Qui, comme un élixir, nous monte et nous énivre,
Et nous donne le cœur de marcher jusqu’au soir;

A travers la tempête, et la neige, et le givre,
C’est la clarté vibrante à notre horizon noir;
C’est l’auberge fameuse inscrite sur le livre,
Où l’on pourra manger, et dormir, et s’asseoir;

C’est un Ange qui tient dans ses doits magnétiques
Le sommeil et le don des rêves extatiques,
Et qui refait le lit des gens pauvres et nus;

C’est la gloire des Dieux, c’est le grenier mystique,
C’est la bourse du pauvre et sa patrie antique,
C’est le portique ouvert sur les Cieux inconnus!

A MORTE DOS POBRES

Só a Morte consola, e é, neste exílio breve,
A razão de viver; nem é dado supor
Algum outro elixir que tanto embriague e eleve
E nos dê o condão de aguardar o sol-pôr;

Através da procela, e do gelo, e da neve,
Ela em nosso horizonte é o vibrante esplendor;
É o albergue imortal que no livro se inscreve,
E onde não falta o pão, e repouso, e calor;

Ela é um Anjo que tem nos magnéticos dedos
O sono, e o dom do sonho, e do êxtase os segredos,
E que o leito refaz dos pobres e dos nus;

É dos deuses a glória, é o místico celeiro,
É a bolsa do pobre e o seu país primeiro,
É a porta que aos Céus invisíveis conduz![7]

LA FIN DE LA JOURNÉE

Sous une lumière blafarde
Court, danse et se tord sans raison
La Vie, impudente et criarde.
Aussi, sitôt qu'à l'horizon

La nuit voluptueuse monte,
Apaisant tout, même la faim,
Effaçant tout, même la honte,
Le Poëte se dit: "Enfin!

Mon esprit, comme mes vertèbres,
Invoque ardemment le repos;
Le cœur plein de songes funèbres,

Je vais me coucher sur le dos
Et me rouler dans vos rideaux,
O rafraîchissantes ténèbres!"

O FIM DA JORNADA

Sob uma luz de fim de tarde
Corre, dança e volteia em vão
A Vida, em impudente alarde.
Assim, logo que na amplidão

A noite voluptuosa assome,
Tudo acalmando, e pondo um fim
A tudo, mesmo ao nojo e à fome,
O Poeta exclamará: “Enfim!

Minha carne e espírito enleva
No seio, noite; que eu, a ansiar
O coração de angústia seva,

Quero de costas me deitar
E no teu manto me enrolar,
Ó reconfortadora treva!”

NOTAS

1. Fiz três outras tentativas básicas antes de me decidir por esta versão do quarteto (paradoxalmente, o verso final trava a já escassa liberdade de recriação, visto que a tradução literal se impõe). Ei-las:

1.ª) *O Poeta é semelhante a esse albatroz que o ninho*
Faz em meio à tormenta e ri da flecha no ar;
Exilado no solo entre o povo escarninho,
As asas de gigante impedem-no de andar.

2.ª) *O Poeta é semelhante a esse albatroz que no ar*
Zomba do arqueiro e faz na tempestade o ninho;
Exilado no solo entre o povo escarninho,
As asas de gigante impedem-no de andar.

3.ª) *O Poeta é semelhante ao príncipe do anil*
Que ri da flecha e tem na tempestade o lar;
Exilado no solo em meio à turba hostil,
As asas de gigante impedem-no de andar.

2. Trímetro sem cesura medial, modalidade do alexandrino não praticada por Baudelaire.

3. Não raro, precisa o tradutor de poesia *inventar* quase à revelia do original. Pois tem de buscar o difícil equilíbrio entre a fidelidade textual e a fidelidade —mais alta— ao espírito do texto e à qualidade poética. Tem de traduzir sem que o produto *pareça* tradução. Ao menos o tentamos.

4. Variante desta transposição:

A MÚSICA

A música me prende às vezes como um mar!
Rumo a vaga estrela,
Sob um teto de bruma ou na amplitude do ar,
Eu faço-me a vela;

O peito para frente e pandos os pulmões
Como inflada tela,
Escalo o dorso azul dos crebros vagalhões
Que a noite me vela;

Sinto em mim o vibrar de todas as paixões
De um barco sensível;
O bom vento, a tormenta e suas convulsões

Me embalam no abismo.
Outras vezes, langor e calma, grande espelho
De meu desespero!

As versões quase só diferem nas últimas quatro linhas. A primeira mantém rigorosamente a posição dos versos agudos e graves do original; quanto ao esquema rímico, repete nos tercetos, inversamente, as masculinas das quadras. A segunda, visando a maior fidelidade textual, admite nos tercetos dois pares de rimas imperfeitas e os conclui com dois versos graves.

5. A tradução da última estrofe, 1.º verso, é literalmente contrária ao original, sem prejuízo, porém, para o conjunto. A alternativa que ofereceria (lembrando que a forma *orquesta* não fica solitária em nossa literatura) é decerto mais fiel à letra do poema, se bem que menos expressiva, com a agravante de uma colisão:

—E longos coches, sem tambores nem orquesta,
Desfilam lentamente em minha alma; a Esperança,
Vencida, chora, e a Angústia, a Angústia atroz, funesta,
No meu crânio inclinado embebe a negra lança.

6. Às vezes o tradutor se perturba ante alternativas mais ou menos equivalentes, como no verso inicial do segundo quarteto (1.ª versão): "Cônscio do" ou "Confiado em meu amor" etc.; ou no primeiro terceto:

Leva-me o Diabo assim, do olhar de Deus distante,
Moído de fadiga, alquebrado, ofegante,
As planícies do Tédio, imensas e desertas ....

Outras vezes, abrem-se-lhe caminhos tão diversos que ele não sabe fugir à tentação de segui-los até o fim. Foi o caso deste poema, que suscitou uma segunda versão, decassilábica:

A DESTRUIÇÃO

Sempre o Diabo me estende a torva mão,
Nada-me em torno como ar impalpável;
Respiro-o e sinto-o queimar-me o pulmão
E enchê-lo de um desejo indesculpável.

Do meu amor pela Arte tece a malha:
Toma a forma da mais bela mulher,
E, com pretextos dobles de canalha,
Acostuma-me aos filtros que bem quer.

Conduz-me assim, do olhar de Deus distante,
Alquebrado, sonâmbulo, ofegante,
Às planícies do Tédio, amplas, desertas,

E atira-me no olhar em confusão
Sujas vestes, feridas descobertas,
E a máquina bestial da Destruição!

Nesta, empregou-se, a par do heróico (e de um sáfico), o decassílabo com ictos na 4.ª e na 7.ª (um, apenas, é acentuado na 3.ª e na 7.ª), combinação usual na poesia de França, mas infreqüente entre nós, mesmo no Simbolismo. De Baudelaire veja-se exemplo na série de quatro sonetos intitulada "Un Fantôme" (*Les Fleurs du Mal* — "Spleen et Idéal" — XXXVIII).

Em ambas as versões, a dificuldade maior foi o último verso. Na primeira, alexandrina, poderia preservar a força do original, consistente numa incisiva simplicidade, traduzindo literalmente:

E o aparelho sangrento da Destruição!

Este dodecassílabo, entretanto, ficaria o único a distanciar-se da metrificação do autor, fiel à cesura medial, sem a compensação do ritmo ternário encontrada no verso a que se refere a segunda destas notas.

7. A grande dificuldade da tradução é manter o clima efusivo do soneto.

O verso final sofreu evidente queda de expressividade. Penso que substituir *invisíveis* por *ignorados* fora emenda para pior.

A seguinte variante exibe, por um lado, o mérito de se aproximar da fonte no verso final, principalmente no último hemistíquio, e por outro o de evitar as duas diéreses; no entanto, "bolsa do pobre" é expressão que se estereotipou (já não seria um esterótipo?) e —neste caso— por isto mesmo dever-se-ia conservar.

Ela é um Anjo que tem nos magnéticos dedos
O sono, e o dom do sonho, e do êxtase os segredos,
E que o leito refaz dos pobres desvalidos;

É dos Deuses a glória, é o místico celeiro,
É a fortuna do pobre e o seu país primeiro,
É o pórtico que se abre aos Céus desconhecidos!

Seu mais notório defeito, perante a versão principal, é que, em parte pela feminização dos versos oxítonos, apresenta certa perda de euforia.

Terceira solução poderia ser o aproveitamento integral dos doze primeiros versos daquela, ficando os finais: "É a fortuna do pobre e o seu país primeiro, / É o pórtico que aos Céus invisíveis conduz!", não fora o parequema, e a crispação do ritmo.

MARÍTIMA EMBRIAGUEZ

LE BATEAU IVRE

Comme je descendais des Fleuves impassibles,
Je ne me sentis plus guidé par les haleurs :
Des Peaux-Rouges criards les avaient pris pour cibles,
Les ayant cloués nus aux poteaux de couleurs.

J'étais insoucieux de tous les équipages,
Pourteur de blés flamands ou de cotons anglais.
Quando avec mes haleurs ont fini ces tapages,
Les Fleuves m'ont laissé descendre où je voulais.

Dans les clapotements furieux des marées,
Moi, l'autre hiver, plus sourd que les cerveaux d'enfants,
Je courus! Et les Péninsules démarrées
N'ont pas subi tohu-bohus plus triomphants.

La tempête a béni mes éveils maritimes.
Plus léger qu'un bouchon j'ai dansé sur les flots
Qu'on appelle rouleurs éternels de victimes,
Dix nuits, sans regretter l'œil niais des falots!

Plus douce qu'aux enfants la chair des pommes sures,
L'eau verte pénétra ma coque de sapin
Et des taches de vins bleus et des vomissures
Me lava, dispersant gouvernail et grappin.

Et dès lors, je me suis baigné dans le Poème
De la Mer, infusé d'astres, et lactescent,
Dévorant les azurs verts; où, flottaison blême
Et ravie, un noyé pensif parfois descend;

Où, teignant tout à coup les bleuités, délires
Et rythmes lents sous les rutilements du jour,
Plus fortes que l'alcool, plus vastes que nos lyres,
Fermentent les rousseurs amères de l'amour!

Je sais les cieux crevant en éclairs, et les trombes
Et les ressacs et les courants : je sais le soir,
L'Aube exaltée ainsi qu'un peuple de colombes,
Et j'ai vu quelquefois ce que l'homme a cru voir!

O BARCO ÉBRIO[1]

Como eu descesse à flor de Rios impassíveis,
Vi que não mais me guiava a mão dos sirgadores:
Peles-Vermelhas os flechavam, irascíveis,
Após pregá-los nus aos postes multicores.

Levando, indiferente a toda essa equipagem,
De Inglaterra algodões, de Flandres trigo, eu ia.
Os Rios, silenciado o ritual selvagem,
Deixaram-me afinal descer onde eu queria.

Surdo, mais do que o são os cérebros de infantes,
Por entre o marulhar furioso das marés
No outro inverno corri! Penínsulas flutuantes,
Não vivestes jamais tão gloriosas babéis!

A procela abençoou minhas albas marítimas.
Dancei como uma rolha entre as vagas, e, após
Dez noites ao ninar desses berços de vítimas,
Não clamei pelo olhar imbecil dos faróis!

A água verde o caixão do lenho penetrou-me,
Doce como à criança uma ácida maçã,
E de vinhos azuis e vômitos lavou-me
As nódoas, dispersando o leme e a âncora vã.

E desde então me vi banhado no Poema
Do Mar, essa infusão de astros que, lactescendo,
Devora os verdeazuis; onde, às vezes, emblema
Pálido, um afogado, em cismas, vai descendo;

Onde, tingindo azulidades,[2] e transportes,
E ritmos lentos ao luzimento dos dias,
Mais vastas do que a lira e que o álcool mais fortes,
Fermentam as do amor amaras ardentias!

Sei os céus rebentando em clarões, sei as trombas
E a corrente e a ressaca: a tarde, o anoitecer,
A Alba exaltada como uma révoa de pombas;
E algumas vezes vi o que o homem julgou ver!

J’ai vu le soleil bas, taché d’horreurs mystiques,
Illuminant de longs figements violets,
Pareils à des acteurs de drames très antiques
Les flots roulant au loin leurs frissons de volets!

J’ai rêvé la nuit verte aux neiges éblouies,
Baiser montant aux yeux des mers avec lenteurs,
La circulation des sèves inouïes,
Et l’léveil jaune et bleu des phosphores chanteurs!

J’ai suivi, des mois pleins, pareille aux vacheries
Hystériques, la houle à l’assaut des récifs,
Sans songer que les pieds lumineux des Maries
Pussent forcer le mufle aux Océans poussifs!

J’ai heurté, savez-vous, d’incroyables Florides
Mêlant aux fleurs des yeux de panthères à peaux
D’hommes! Des arcs-en-ciel tendus comme des brides
Sous l’horizon des mers, à de glauques troupeaux!

J’ai vu fermenter les marais énormes, nasses
Où pourrit dans les joncs tout un Léviathan!
Des écroulements d’eaux au milieu des bonaces,
Et les lointains vers les gouffres cataractant!

Glaciers, soleils d’argent, flots nacreux, cieux de braises!
Échouages hideux au fond des golfes bruns
Où les serpents géants dévorés des punaises
Choient, des arbres tordus, avec de noirs parfums!

J’aurais voulu montrer aux enfants ces dorades
Du flot bleu, ces poissons d’or, ces poissons chantants.
— Des écumes de fleurs ont bercé mes dérades
Et d’ineffables vents m’ont ailé par instants.

Parfois, martyr lassé des pôles et des zones,
La mer dont le sanglot faisait mon roulis doux
Montait vers moi ses fleurs d’ombre aux ventouses jaunes
Et je restais, ainsi qu’une femme à genoux...

Presque île, ballottant sur mes bords les querelles
Et les fientes d’oiseaux clabaudeurs aux yeux blonds.
Et je voguais, lorsqu’à travers mes liens frêles
Des noyés descendaient dormir, à reculons!

No ocaso vi manchado o sol de horrores místicos,
Longas condensações violáceas alumiando;
E, atores ancestrais de dramas paroxísticos,
Ondas, longe, um tremor de cortinas rolando.

Sonhei a noite verde entre neves luzidas,
Beijo escalando o olhar dos mares com lentores;
Sonhei o circular das seivas não-sabidas
E a alba dourada e azul dos fósforos cantores![3]

Segui, meses a fio, igual às vacarias
Histéricas, no assalto aos corais, a onda estuante,
Sem ver que os pés de luz pudessem das Marias[4]
Constranger o focinho ao Oceano arquejante![5]

Em Flóridas de assombro encontrei confundidos
Flores e olhos cruéis de leopardos estranhos
De pele humana! E íris quais rédeas estendidos,
Sob o dorso do mar, para os glaucos rebanhos!

Pântanos fermentando! e no seu bojo eu via
Todo um Leviatã nos juncos empesteando.
Desabamentos d'água em meio à calmaria!
E os longes para o abismo eu vi cataratando!

Geleiras, sóis de prata, ondas nacáreas,[6] tetos
De brasa, hórridas naus sob abissais cardumes
No golfo a que a serpente, atacada de insetos,
Das árvores se atira, entre negros perfumes![7]

Às crianças mostrar quisera essas douradas
Notas da vaga azul, esses peixes cantantes.
— Uma escuma de flor me embalou nas enseadas
E um inefável vento alou-me por instantes.

Mártir a ansiar de pólo a pólo, e zona a zona,
O mar, que em doces ais me embalava, trazia
Flores de sombra e de ventosas de ouro à tona,
E eu, como uma mulher de joelhos, me esquecia...

Quase ilha, a balouçar-me a bordo os sujos rastos
De aves de louro olhar em turbulento bando.
E eu vogava, e por entre os meus cordames gastos
Desciam a dormir afogados, recuando!

Or moi, bateau perdu sous les cheveux des anses,
Jeté par l'ouragan dans l'éther sans oiseau,
Moi dont les Monitors et les voiliers des Hanses
N'auraient pas repêché la carcasse ivre d'eau;

Libre, fumant, monté de brumes violettes,
Moi qui trouais le ciel rougeoyant comme un mur
Qui porte, confiture exquise aux bons poètes,
Des lichens de soleil et des morves d'azur;

Qui courais, taché de lunules eléctriques,
Planche folle, escorté des hippocampes noirs,
Quand les juillets faisaient crouler à coups de triques
Les cieux ultramarins aux ardents entonnoirs;

Moi qui tremblais, sentant geindre à cinquante lieues
Le rut des Béhémots et les Maelstroms épais,
Fileur éternel des immobilités bleues,
Je regrette l'Europe aux anciens parapets!

J'ai vu des archipels sidéraux! et des îles
Dont les cieux délirants sont ouverts au vogueur :
— Est-ce en ces nuits sans fonds que tu dors et t'exiles,
Million d'oiseaux d'or, ô future Vigueur?

Mais, vrai, j'ai trop pleuré! Les Aubes sont navrantes.
Toute lune est atroce et tout soleil amer :
L'âcre amour m'a gonflé de torpeurs enivrantes.
O que ma quille éclate! O que j'aille à la mer!

Si je désire une eau d'Europe, c'est la flache
Noire et froide où vers le crépuscule embaumé
Un enfant accroupi plein de tristesses, lâche
Un bateau frêle comme un papillon de mai.

Je ne puis plus, baigné de vos langueurs, ô lames,
Enlever leur sillage aux porteurs de cotons,
Ni traverser l'orgueil des drapeaux et des flammes,
Ni nager sous les yeux horribles des pontons.

Ora, eu, batel perdido entre as submersas franças,
Que, pelo furacão no éter sem ave hasteado,
Nem Monitores nem os veleiros das Hansas
A ébria carcaça, ao fim, ter-me-iam repescado;[8]

Livre, fumeando um véu de brumas violetas,[9]
Eu, que furava o céu vermelho como um muro
Em que, fina compota ao gosto dos bons poetas,
Brotam liquens de sol e mormos de azul puro;

Que, prancha louca, de hipocampos escoltada,
Corria, o lenho a arder de lúnulas flamantes,
Quando julho fazia abater-se a paulada
O ultramarino céu nos funis abrasantes;

Eu, que ouvia gemer, hirto, a cinqüenta léguas,
O cio dos Behemots, dos Maelstrons nos leitos,[10]
Das paragens azuis fiandeiro sem tréguas,
Eu anseio da Europa os velhos parapeitos!

Eu vi os siderais arquipélagos! e ilhas
Cujos céus de delírio abrem-se ao viajor:
— Em tais noites sem fundo é que a dormir te exilas,[11]
Ó Milhão de aves de ouro, ó futuro Vigor?

Mas já muito chorei! Ó Albas lancinantes!
Toda lua é atroz e todo sol amargo:
O acre amor me inundou de humores embriagantes.
Oh! que esta quilha rache! e eu me entregue ao mar largo!

Se alguma água d'Europa eu desejo, é a laguna
Negra e fria em que no balsâmico desmaio
Da tarde, cismador, triste, um menino enfuna
Um barco frágil qual borboleta de maio.[12]

Não posso mais, banhado em vosso olvido, ó vagas,
Correr no rasto dos cargueiros de algodões,
Nem o orgulho cruzar de bandeiras aziagas,
Nem nadar sob o olhar horrível dos pontões.[13, 14]

NOTAS

1. *Os antecedentes* — O poema tem outras versões brasileiras. São excelentes a de Gondin da Fonseca, feita especialmente para ilustrar o ensaio de Augusto Meyer *Le Bateau Ivre: Análise e Interpretação* (Livraria São José, Rio de Janeiro, 1955), e a de Augusto de Campos, publicada em jornal e incluída em *Rimbaud Livre* (Perspectiva, São Paulo, 1992). Deixei para reler a primeira e ler a segunda somente após concluída a minha, por entender que leitura prévia me tolheria a pena. Há uma terceira, de Marcos Konder Reis, de cuja indicação bibliográfica não disponho. A minha, feita em 1993 e refeita em 1994, foi publicada na *Revista da Academia Brasiliense de Letras*, em novembro de 1995. É de 1994 o feito de Ivo Barroso, a tradução da *Poesia Completa* (2.ª ed. Topbooks, Rio, 1995); posteriormente, saiu a de Milton Lins (*Rimbaud em Metro e Rima*, UPE, Recife, 1998).

   Fontes — Vali-me dos textos anotados por Suzanne Bernard (*Œuvres*; Garnier, Paris, 1960), por H. de Bouillane de Lacoste (*Pages Choisies*; Hachette, Paris, 1955) e por Alexandre Micha (*Verlaine et les Poètes Symbolistes*; Larousse, Paris, 1943).

   O título — Gondin dá à sua tradução, e assim se lê no livro de Meyer, o título "O Barco Ébrio"; no índice desse livro, todavia, consta "Navio Doido"... Campos intitula a sua "O Barco Bêbado". Optei, como o primeiro, por "O Barco Ébrio", afastando, por questão de eufonia, a alternativa "O Batel Ébrio". Registro, como curiosidade, que em 1992 compusera um soneto —classicizante, e não romântico ou simbolista— a que dera a rimbaldiana denominação de "Velho Navio Bêbedo".

   Procedimentos formais — Como assinala Augusto Meyer, no capítulo dedicado à versificação do "Bateau", encontra-se em alguns de seus versos o que ele chama "*rejet* no hemistíquio" (exemplificando com "Du flot bleu, / ces poissons d'or, / ces poissons chantants" — p. 48), e às vezes o poeta "enche a pausa média com o tempo fraco do artigo e da preposição" (ex. em "Et rythmes lents sous *les* rutilements du jour" — p. 51); mas uma única vez ocorre o "desequilíbrio completo": "Je courus! Et les *Péninsules* démarrées" (p. 51). Mantenho o alexandrino com cesura medial geralmente empregado pelo poeta, permitindo-me tão-só as liberdades que ele se permitiu. Quanto às rimas, tive de sacrificar, quase sempre, a alternância de femininas e masculinas, devido à menor riqueza de nossa língua em palavras oxítonas.

   Sentido geral do poema — O "Bateau Ivre" pode parecer, à primeira vista, uma série de imagens feéricas mas desconexas. À medida que mergulhamos nele, porém, sem nos esquecermos de que o autor é o mesmo vidente de *Une Saison en Enfer*, vamos captando-lhe o sentido profundo — uma antevisão do destino do poeta (um destino que se diria imposto pelo Anjo como resgate de uma dívida imensa, contraída por uma alma superior...). É, de resto, o que sugere Augusto Meyer, no capítulo "Concordância Psicológica" de seu ensaio, onde se lê (p. 84): "É possível .... apontar os momentos de antevidência poética na primeira fase da sua vida, como prenúncio de um destino." Augusto de Campos, por sua vez, afirma, na introdução ao seu *Rimbaud Livre* (pp. 15-16): "Escrito, por incrível que pareça, aos 16 ou 17 anos, este é um biopoema, varado por um sopro cósmico e premonitório, que infunde uma dramaticidade implacável à holovisão do navio-poeta. Como negar a congruência do

poema com os futuros passos da vida de Rimbaud — suas viagens disparatadas, sua ruptura com o mundo civilizado da Europa, seu isolamento final, sua renúncia à poesia, seu silêncio — projetados na alegoria do barco anárquico, vidência ratificada pela vivência?" Diz Micha (*loc. cit.*, p. 47, nota 1: "Ce bateau ivre, poussé à travers les paysages les plus étranges[,] est bien le symbole de la destinée du poète qui, après avoir épuisé toutes les possibilités de la poésie et de l'aventure, s'achemine à la mort". E Suzanne Bernard (em nota na p. 422 da ed. cit.): "Pour certains, le poème 'prophétise' le destin de Rimbaud, ses voyages à travers le monde et son retour final dans l'Europe 'aux anciens parapets'."

2. *Bleuités*, "mot forgé par Rimbaud", segundo Suzanne Bernard (p. 424, nota 12).

3. Alternativa:

   E a manhã auriazul dos fósforos cantores!

4. S. Bernard (p. 425, nota 18) cita a explicação de E. Starkie: "em *Uma Descida no Maelstrom*", diz ela, "E. Poe compara o ruído da tempestade ao de uma tropa de búfalos selvagens. Isso teria levado Rimbaud a pensar nas tropas de combate formadas em Camargue, não longe de Saintes-Maries-de-la-Mer. Donde provavelmente também a alusão às Marias (as três Marias que, segundo a tradição, desembarcaram nesse ponto de Camargue após terem atravessado uma tempestade marinha)."

5. Alternativa:

   Sem suspeitar que os pés de luzes das Marias
   Pudessem constranger o Oceano arquejante!

   Outras opções:

   Barrassem/Desviassem/Torcessem o focinho ao Oceano arfante!

6. "*Nacreux*: mot créé par Rimbaud, semble-t-il" (Bouillane de Lacoste, p. 44, nota 10).

7. B. de Lacoste (p. 44, nota 11) cita a explicação dada a G. Izambard por um "savant voyageur", M. Louis Merlet: os infinitamente pequenos, na Guiana e sob os trópicos em geral, atacam mesmo animais vivos, entre os quais as serpentes, que mergulham na vasa dos rios para se desembaraçar deles.

8. Os *Monitors* são couraçados destinados à guarda costeira; as Hansas, ligas comerciais de cidades marítimas, podiam servir-se de veleiros para proteger a navegação. A propósito desta estrofe e da seguinte, S. Bernard lembra que Chisholm atribui a Rimbaud uma fusão do mar e do céu. (V. pp. 426-427, notas 31 e 32.)

9. Optei por manter a flexão de número, menos canônica em português.

10. De Lacoste (p. 46, nota 1) diz que "os Behemots (nome tomado à Bíblia) são os grandes monstros marinhos". S. Bernard (p. 427, nota 37), que "esse nome bíblico designa o hipopótamo". Na estrofe, entretanto, parece que os Behemots, juntamente com os Maelstrons (Maelstrom é o nome de uma corrente marinha; figuradamente, significa "turbilhão, voragem, movimento vertiginoso de elementos incontroláveis", segundo a *Grande Enciclopédia Delta Larousse*), indicam o "chuchotement préalable des ouragans", evocado por Victor Hugo nos *Trabalhadores do Mar*, que S.B. cita na mesma nota.

11. Neste passo, optei pela rima imperfeita (presente, em rigor, também nas estrofes 3.ª e 4.ª), pela facilidade da tradução quase literal.

12. Alternativa:

Navios frágeis quais borboletas de maio.

13. *Pontões*: barcas chatas, em geral sem propulsão, usadas para fins bélicos, como depósitos ou prisões (cf. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Morais).

14. Transcrevo abaixo a primeira versão, reduzindo as respectivas notas às duas únicas que não subsistiram na segunda:

O BARCO ÉBRIO

Como eu descesse à flor de Rios impassíveis,
Vi que não mais me guiava a mão dos sirgadores:
Peles-Vermelhas os haviam morto, aos gritos,
Tendo-os pregado nus aos postes multicores.

Com anglos algodões e com flamengos trigos,
Sozinho, sem nenhuma equipagem, eu ia.
Silenciado o clamor dos selvagens, os Rios
Deixaram-me afinal descer onde eu queria.

Surdo, mais do que o são os cérebros de infantes,
Por entre o marulhar furioso das marés
No outro inverno corri! Penínsulas flutuantes,
Não vivestes jamais tão gloriosas babéis!

A procela abençoou minhas albas marítimas.
Dancei como uma rolha, em meio aos vagalhões,
Dez noites, e ao ninar desses berços de vítimas
Não clamei pelo olhar imbecil dos faróis!

Penetrou-me a água verde o lenho, doce como
Ao paladar da criança uma ácida maçã,
E as manchas me lavou de um vinho azul e vômitos,
E de âncora e de leme abriu-me a guarda vã.

E desde então me vi banhado no Poema
Do Mar, essa infusão de astros que, lactescendo,
Devora os verdeazuis; onde, pálido, às vezes,
*Flutuação pensativa, um morto vai descendo;**

Onde, tingindo azulidades, e delírios,
E ritmos lentos ao luzimento dos dias,
Mais fortes que o álcool, mais vastas que nossas liras,
*Fermentam as do amor amaras ardentias!***

Sei os céus rebentando em clarões, sei as trombas
E a corrente e a ressaca: a tarde, a noite eu sei,
A Alba exaltada como uma nação de pombas,
E algumas vezes vi o que o homem julgou ver!

No ocaso vi manchar-se o sol de horrores místicos,
Longas condensações violáceas que ilumina,
Semelhante a um ator de dramas muito antigos
O Mar rolando ao longe um tremor de cortina.

Sonhei a noite verde entre neves luzidas,
Beijo escalando o olhar dos mares com lentores;
Sonhei o circular das seivas inauditas
E a alba dourada e azul dos fósforos cantores!

Segui, meses a fio, igual às vacarias
Histéricas, no assalto aos corais, a onda estuante,
Sem ver que os pés de luz pudessem das Marias
Constranger o focinho aos Oceanos arfantes!

Em Flóridas de assombro encontrei confundidos
Flores e olhos cruéis de panteras de humanas
Peles! E arco-íris tais quais rédeas estendidos,
Sob o dorso do mar, para os glaucos rebanhos!

Pântanos fermentando! e no seu bojo eu via
Todo um Leviatã nos juncos empesteando.
Desabamentos d'água em meio às calmarias!
E os longes para o abismo eu vi cataratando!

Geleiras, sóis de prata, ondas nacáreas, céus
De brasa, hórridas naus sob abissais cardumes
No golfo a que a serpente atacada de insetos
Das árvores se atira, entre negros perfumes!

Às crianças mostrar quisera esses dourados
Peixes da vaga azul, esses peixes cantantes.
— Uma escuma de flor embalou-me as enseadas
E um inefável vento alou-me por instantes.

Mártir que se cansou dos pólos e das zonas,
O mar, que em doces ais me embalava, trazia
Flores de sombra e de ventosas de ouro à tona,
E eu, como uma mulher de joelhos, me esquecia...

Quase ilha, a balouçar-me a bordo a grita de aves
De olhos louros e rasto excrementoso, em bando.
E eu vogava, e por entre os meus cordames gastos
Desciam a dormir afogados, recuando!

Ora, eu, que, à toa sob os cabelos das angras,
Lançado pelo vento aos éteres sem pássaros,
Nem Monitores nem os veleiros das Hansas
Ter-me-iam repescado a carcaça ébria d'água;

Livre, fumeando um véu de brumas violetas,
Eu, que furava o céu vermelho como um muro
Em que, fina compota ao gosto dos bons poetas,
Brotam liquens de sol, rompem mormos de azul;

Que, prancha louca, a arder de lúnulas elétricas,
Corria (por escolta os negros hipocampos)
Quando julho fazia, a paulada, abater-se
O ultramarino céu nos funis abrasantes;

Eu, que ouvia gemer, hirto, a cinqüenta léguas,
O cio dos Behemots e dos Maelstrons espessos,
Das paragens azuis fiandeiro eviterno,
Eu anseio da Europa os velhos parapeitos!

Eu vi os siderais arquipélagos! e ilhas
Cujos céus de delírio abrem-se ao viajor:
— Em tais noites sem fundo é que a dormir te exilas,
Ó milhão de aves de ouro, ó futuro Vigor?

Mas já muito chorei! Ó Albas lancinantes!
Toda lua é atroz e todo sol amargo:
O acre amor me inundou de um torpor embriagante.
Oh! que esta quilha rache! Oh! que eu me entregue ao mar!

Se alguma água d'Europa eu desejo, é a lagoa
Negra e fria em que no balsâmico desmaio
Da tarde, cismador, triste, um menino solta
Um barco frágil qual borboleta de maio.

Não posso mais, banhado em teu langor, ó vaga,
Seguir o rasto dos cargueiros de algodões,
Nem o orgulho cruzar de bandeiras e flâmulas,
Nem nadar sob o olhar horrível dos pontões.

* Alternativa para este verso:

Um afogado vai pensativo descendo ....

** Alternativa para a estrofe:

Onde, delírios colorindo, e azulidades,
E ritmos lentos ao luzimento dos dias,
Mais fortes que o álcool, mais que as nossas liras vastas,
Fermentam as do amor amaras ardentias!

OUTROS POEMAS DE RIMBAUD

VÉNUS ANADYOMÈNE

Comme d'un cercueil vert en fer blanc, une tête
De femme à cheveux bruns fortement pommadés
D'une vieille baignoire émerge, lente et bête,
Avec des déficits assez mal ravaudés ;

Puis le col gras et gris, les larges omoplates
Qui saillent; le dos court qui rentre et qui ressort ;
Puis les rondeurs des reins semblent prendre l'essor ;
La graisse sous la peau paraît en feuilles plates ;

L'échine est un peu rouge, et le tout sent un goût
Horrible étrangement; on remarque surtout
Des singularités qu'il faut voir à la loupe...

Les reins portent deux mots gravés : *Clara Venus* ;
— Et tout ce corps remue et tend sa large croupe
Belle hideusement d'un ulcère à l'anus.

VÊNUS ANADIOMENE

Qual de um verde caixão de lata, uma cabeça
De mulher, o cabelo acaju empastado,
De uma velha banheira emerge, lenta e espessa,
Com um déficit geral, assaz mal compensado;

Depois o colo gordo e cinza, as omoplatas
Largas; o dorso curto a avançar e recuar;
Os redondos quadris como a querer pular;
Sob a pele aparece a banha em folhas chatas;

A espinha é um tanto rubra, e o todo tem um ar
Horrendo estranhamente; enfim, são de notar
Uns traços que é mister examinar com lupa...

Clara Venus — tatuou nos quadris soberanos;
— E esse corpo se estende, e exibe a ancha garupa
Bela medonhamente uma úlcera no ânus.

LES EFFARÉS

Noirs dans la neige et dans la brume,
Au grand soupirail qui s'allume,
        Leurs culs en rond,

A genoux, cinq petits — misère ! —
Regardent le Boulanger faire
        Le lourd pain blond.

Ils voient le fort bras blanc qui tourne
La pâte grise et qui l'enfourne
        Dans un trou clair.

Ils écoutent le bon pain cuire.
Le Boulanger au gras sourire
        Grogne un vieil air.

Ils sont blottis, pas un ne bouge,
Au souffle du soupirail rouge
        Chaud comme un sein.

Quand pour quelque médianoche,
Façonné comme une brioche
        On sort le pain,

Quand, sous les poutres enfumées,
Chantent les croûtes parfumées
        Et les grillons,

Que ce trou chaud souffle la vie,
Ils ont leur âme si ravie
        Sous leurs haillons,

Ils se ressentent si bien vivre,
Les pauvres Jésus pleins de givre,
        Qu'ils sont là tous,

Collant leurs petits museaux roses,
Au treillage, grognant des choses
        Entre les trous,

MENINOS DE RUA[1]

Negros na neve e na penumbra,
Junto ao respiro que os alumbra,
De joelhos, são

Cinco meninos —Cristo!— ao ar,
Vendo o Padeiro preparar
O louro pão.

Um braço forte e branco esconde
A massa num buraco donde
Vem um clarão.

O Padeiro é calmo e preciso;
Tem nos lábios gordo sorriso,
Velha canção.

Agachados, já a noite em meio,
Ao sopro quente como um seio
Ou um coração

Que vem do forno se elevando,
Ei-los, imoveis, escutando
Cozer o pão.

E quando, enfim, noite alta e feia,
Para alguma tardia ceia
Tira-se o pão,

E sob as traves enfumadas
Cantam as côdeas perfumadas
Tenra canção,

Nesse quente sopro de vida
A sua alminha embevecida
Sente-se alçar

Dentre os farrapos, leve, leve,
Pobres Jesus cheios de neve;
E a suspirar,

Tout bêtes, faisant leurs prières
Et repliés vers ces lumières
        Du ciel rouvert,

Si fort, qu'ils crèvent leur culotte
Et que leur chemise tremblote
        Au vent d'hiver.

Colando os míseros rostinhos
À grade, entre finos gritinhos,
        Por contemplar

O céu que do fundo os aquece,
Debruçam-se sobre ele em prece,
        Com tanto ansiar

Que rasgam das calças o zuarte,
E as camisas, como estandarte,
        Se estiram no ar.

LE DORMEUR DU VAL

C’est un trou de verdure où chante une rivière
Accrochant follement aux herbes des haillons
D’argent ; où le soleil, de la montagne fière,
Luit : c’est un petit val qui mousse de rayons.

Un soldat jeune, bouche ouverte, tête nue,
Et la nuque baignant dans le frais cresson bleu,
Dort ; il est étendu dans l’herbe, sous la nue,
Pâle dans son lit vert où la lumière pleut.

Les pieds dans les glaïeuls, il dort. Souriant comme
Sourirait un enfant malade, il fait un somme :
Nature, berce-le chaudement : il a froid.

Les parfums ne font pas frissonner sa narine ;
Il dort dans le soleil, la main sur sa poitrine
Tranquille. Il a deux trous rouges au côté droit.

O ADORMECIDO DO VALE

É um poço de verdura onde canta um ribeiro
E de fiapos de prata os ramozinhos nus
Vai vestindo; onde o sol, desde o monte altaneiro,
Brilha: é um pequeno vale a espumejar de luz.

Jovem soldado, a boca aberta, nua a fronte,
Banha a nuca no azul das águas; nem se move,
Estendido na relva, ao embalo da fonte,
Branco, no leito verde onde a luz de ouro chove.

Gladíolos aos pés, dorme sorrindo como
Sorriria um menino enfermo, em suave cromo:
Nina-o, Natura, aquece-o: ele está frio e langue.

Já perfumes não pede o olfato ausente, esfeito;
Repousa ao sol, a mão sobre o tranqüilo peito.
No destro lado tem duas manchas de sangue.

MA BOHÈME
(Fantaisie)

Je m'en allais, les poings dans mes poches crevées ;
Mon paletot aussi devenait idéal ;
J'allais sous le ciel, Muse ! et j'étais ton féal ;
Oh ! là là ! que d'amours splendides j'ai rêvées !

Mon unique culotte avait un large trou.
— Petit-Poucet rêveur, j'égrenais dans ma course
Des rimes. Mon auberge était à la Grande-Ourse.
— Mes étoiles au ciel avaient un doux frou-frou.

Et je les écoutais, assis au bord des routes,
Ces bons soirs de septembre où je sentais des gouttes
De rosée à mon front, comme un vin de vigueur ;

Où, rimant au milieu des ombres fantastiques,
Comme des lyres, je tirais les élastiques
De mes souliers blessés, un pied près de mon cœur !

MINHA BOÊMIA
(Fantasia)

Eu caminhava ao léu, mãos nos bolsos furados;
Meu paletó também se tornava ideal;
Eu ia sob o céu, Musa! e te era leal;
Sonhei sonhos de amor nunca dantes sonhados!

Minha última calça abria-se em rasgões.
— Pequeno Polegar, sonhando, semeador
De rimas, meu albergue era a Ursa Maior,
E as estrelas no céu eram como canções.

E eu ouvia-as, sentado a uma beira de estrada,
Nas noites de setembro, e em gotas a orvalhada
Vinha-me à fronte, como um vinho forte; e então,

Rimando em meio à sombra e aos rumores dos matos,
Por liras, estirava os cordões dos sapatos
E tocava-os, um pé perto do coração!

LES CORBEAUX

Seigneur, quand froide est la prairie,
Quand dans les hameaux abattus,
Les longs angelus se sont tus...
Sur la nature défleurie
Faites s'abattre des grands cieux
Les chers corbeaux délicieux.

Armée étrange aux cris sévères,
Les vents froids attaquent vos nids !
Vous, le long des fleuves jaunis,
Sur les routes aux vieux calvaires,
Sur les fosses et sur les trous
Dispersez-vous, ralliez-vous !

Par milliers, sur les champs de France,
Où dorment des morts d'avant-hier,
Tournoyez, n'est-ce pas, l'hiver,
Pour que chaque passant repense !
Sois donc le crieur du devoir,
O notre funèbre oiseau noir !

Mais, saints du ciel, en haut du chêne,
Mât perdu dans le soir charmé,
Laissez les fauvettes de mai
Pour ceux qu'aux fond du bois enchaîne,
Dans l'herbe d'où l'on ne peut fuir,
La défaite sans avenir.

OS CORVOS

Senhor, quando frios os prados,
Quando nos destruídos povoados
Forem os sinos silenciosos...
Sobre a desflorida natura
Fazei abater-se da altura
Os caros corvos deliciosos.

Estranho exército, com feros
Gritos, atacam frios ventos
Vossos ninhos! Sobre os barrentos
Rios e os caminhos severos
E os fossos e os grotões, ativos,
Dispersai-vos, e reuni-vos!

Aos mil, sobre os campos de França,
Onde na morte se descansa,
Voejai por todo o inverno, que ante
O quadro medite o passante!
Fúnebre ave negra, vai ser
O arauto do nosso dever!

Mas, céus, nas altas franças negras
Do carvalho, perdido mastro,
Deixai de maio as toutinegras
Para os que no bosque, por lastro,
Sobre a erva a que não há fugir,
Deita a derrota sem porvir.[2]

LES ASSIS

Noirs de loupes, grêlés, les yeux cerclés de bagues
Vertes, leurs doigts boulus crispés à leurs fémurs,
Le sinciput plaqué de hargnosités vagues
Comme les floraisons lépreuses des vieux murs ;

Ils ont greffé dans des amours épileptiques
Leur fantasque ossature aux grands squelettes noirs
De leurs chaises ; leurs pieds aux barreaux rachitiques
S'entrelacent pour les matins et pour les soirs !

Ces vieillard ont toujours fait tresse avec leurs sièges,
Sentant les soleils vifs percaliser leur peau,
Ou, les yeux à la vitre où se fanent les neiges,
Tremblant du tremblement douloureux du crapaud.

Et les Sièges leur ont des bontés : culottée
De brun, la paille cède aux angles de leurs reins ;
L'âme des vieux soleils s'allume emmaillotée
Dans ces tresses d'épis où fermentaient les grains.

Et les assis, genoux aux dents, verts pianistes,
Les dix doigts sous leur siège aux rumeurs de tambour,
S'écoutent clapoter des barcarolles tristes,
Et leurs caboches vont dans des roulis d'amour.

— Oh ! ne les faites pas lever ! C'est le naufrage...
Ils surgissent, grondant comme des chats giflés,
Ouvrant lentement leurs omoplates, ô rage !
Tout leur pantalon bouffe à leurs reins boursouflés.

Et vous les écoutez, cognant leurs têtes chauves
Au murs sombres, plaquant et plaquant leurs pieds tors,
Et leurs boutons d'habit sont des prunelles fauves
Qui vous accrochent l'œil du fond des corridors !

Puis ils ont une main invisible qui tue :
Au retour, leur regard filtre ce venin noir
Qui charge l'œil souffrant de la chienne battue,
Et vous suez, pris dans un atroce entonnoir.

OS ASSENTADOS

Quistos negros, o olhar entre uns anéis aziagos,
Verdes, nos fêmures crispando as mãos nodosas;
A ornar o sincipúcio, uns rabugismos vagos
Como de um velho muro as florações leprosas;

Enxertaram, mercê de amores epilépticos,
Sua estranha ossatura em negras armações
De cadeiras; os pés aos varais esqueléticos
Enlaçam-se da aurora aos noturnos bulcões.

Entrelaçados às cadeiras, sentem, breve,
Percalizar-se a pele aos raios das manhãs,
Ou, olhos na vidraça onde desfaz-se a neve,
Tremem com o tremor doloroso das rãs.

E os Assentos lhes são gentis: a palha, flava
Outrora, hoje marrom, já lhes cede aos quadris;
Nessas tranças de espiga em que o grão fermentava,
A alma dos velhos sóis decai do louro ao gris.

E os Assentados, na boca os joelhos, pianistas
Verdes, os dedos sob o assento —de tambor—,
Marulham tristes barcarolas, e aos artistas
Vêem-se as calvas a ondear em balanços de amor.

— Oh! não os tireis do assento! É o naufrágio... Quais gatas
Maltratadas, ó raiva! erguem-se a resmungar,
Abrindo lentamente as grandes omoplatas!
Sobre os inchados rins vede as calças inflar!

Podeis ouvir bater as calvas com estouro
Na parede, e o patear dos desconformes pés.
No casaco os botões fingem pupilas de ouro
Do fundo do salão a fisgar-vos de viés!

E, depois, têm por trunfo invisível espada
Que mata: seu olhar filtra o veneno vil
Que há no olhar sofredor da cadela espancada,
E entalados suais num medonho funil.

Rassis, les poings noyés dans des manchettes sales,
Ils songent à ceux-là qui les on fait lever
Et, de l'aurore au soir, des grappes d'amygdales
Sous leurs mentons chétifs s'agitent à crever.

Quand l'austère sommeil a baissé leurs visières,
Ils rêvent sur leur bras de sièges fécondés,
De vrais petits amours de chaises en lisière
Par lesquelles de fiers bureaux seront bordés ;

Des fleurs d'encre crachant des pollens en virgule
Les bercent, le long des calices accroupis
Tels qu'au fil des glaïeuls le vol des libellules
— Et leur membre s'agace à des barbes d'épis.

Reassentados, na manga imunda o punho laxo,
Consideram nos que os fizeram levantar
E, o dia inteiro, das amígdalas o cacho
Pulula sob o queixo infirme, a rebentar.

Se o austero sono vem baixar-lhes as viseiras,
Sonham nos braços ter poltronas fecundadas
E, anjinhos, em redor, pequeninas cadeiras
Que haverão de debruar escrivaninhas gradas;

Vírgulas a escarrar, ninando-os, aos pecíolos
Flores de tinta os têm de cócoras, a aflar
Quais libélulas nas lâminas dos gladíolos
— E nas barbas de espiga os membros a excitar.[3]

NOTAS

1. Versão livre, a partir do título.

2. Primeira versão:

OS CORVOS

Senhor, quando frios os prados,
Quando nos destruídos povoados
Forem os sinos silenciosos...
Sobre a desflorida natura
Fazei abater-se da altura
Os caros corvos deliciosos.

Estranho exército, aos severos
Gritos, atacam vossos ninhos
Os frios ventos! Sobre os rios
Barrentos e as estradas poentas,
Sobre os fossos e os cemitérios,
Dispersai-vos, e reuni-vos!

Aos mil, sobre os campos de França,
Onde dormem mortos de anteontem,
Revoluteai o inverno todo,
Para que medite o passante!
Sê, pois, o arauto do dever,
Ó nossa fúnebre ave negra!

Mas, ó céus, no alto do carvalho,
Mastro perdido em tarde calma,
Deixai toutinegras de maio
Para os que à erva do bosque jazem
Atados, sem poder fugir,
Pela derrota sem porvir.

3. Na versão inicial, acolhi alexandrinos arcaicos e rimas assonantes:

OS ASSENTADOS

Negros de lupas, de olhos sublinhados de argolas
Verdes, nodosos dedos nos fêmures crispados,
Chapado o sincipúcio de rabugismos vagos
Como dos velhos muros as florações leprosas;

Enxertaram, por força de amores epilépticos,
Sua estranha ossatura nos negros esqueletos
Das cadeiras; seus pés de raquíticas barras
Se entrelaçam pelas manhãs e pelas tardes!

Trançados desde sempre com as próprias cadeiras,
Sentem percalizar-lhes a pele os vivos sóis,
Ou, olhos na vidraça onde a neve desfaz-se,
Tremem com o tremor doloroso do sapo.

E os Assentos lhes fazem gentilezas: marcada
Das calças, cede a palha nos ângulos dos rins;
A alma dos velhos sóis enfuma-se enredada
Nessas tranças de espigas em que os grãos fermentavam.

E aos Assentados, joelhos nos dentes, pianistas
Verdes, os dedos sob a cadeira em tambor,
Ouve-se um marulhar de barcarolas tristes,
E as calvas lhes oscilam em balanços de amor.

— Oh! não os façais erguer-se! É o naufrágio... Eles se alçam
Resmungando quais gatos maltratados, ó raiva!
Abrindo lentamente as omoplatas! Suas
Calças inflam-se à altura dos rins intumescidos.

E vós podeis ouvi-los batendo as calvas contra
As paredes sombrias, pateando com os pés tortos,
E os botões dos casacos são pupilas douradas
Que fisgam o olho desde o fundo dos corredores!

Depois, têm Ea mão invisível que mata:
Em volta, seu olhar filtra o negro veneno
Que há no olhar sofredor da cadela espancada,
E vós suais entalados num medonho funil.

Reassentados, nas sujas mangas boiando os punhos,
Eles pensam naqueles que os fizeram erguer-se
E, da manhã à tarde, os cachos das amígdalas
Se agitam sob os queixos débeis, a supurar.

Se o austero sono vem baixar-lhes as viseiras,
Eles têm sonhos com cadeiras fecundadas
E lindas cadeirinhas de gatinhas, em fraldas,
Que haverão de debruar nobres escrivaninhas;

Flores de tinta escarram polens de ponto e vírgula,
E ninam-nos, ao longo dos cálices vergados
Como junto aos gladíolos o vôo das libélulas,
— E seu membro se excita contra barbas de espigas.

A segunda versão ganha alexandrinos mais compatíveis com a metrificação de Rimbaud e um punhado de rimas consoantes:

OS ASSENTADOS

Negros de lupa, o olhar sublinhado de argolas
Verdes, nodosas mãos nos fêmures crispadas,
A ornar o sincipúcio uns rabugismos vagos
Como de um velho muro as florações leprosas;

Enxertaram, mercê de amores epilépticos,
Sua estranha ossatura em negros esqueletos
De cadeiras; seus pés de raquíticas barras
Entrelaçam-se da manhã ao fim da tarde.

Entrelaçados com suas próprias cadeiras,
Sentem aos vivos sóis percalizar-se a pele,
Ou, olhos na vidraça onde a neve desfaz-se,
Tremem com o tremor doloroso dos sapos.

E os Assentos lhes são gentis: cede, marcada
Pelas calças, a palha à altura de seus rins;
A alma dos velhos sóis, nessas tranças de espigas
Em que o grão fermentava, enfuma-se enredada.

E aos Assentados, na boca os joelhos, pianistas
Verdes, os dedos sob o assento —de tambor—,
Ouve-se um marulhar de barcarolas tristes,
Vêem-se as calvas a ondear em balanços de amor.

— Oh! não os façais erguer-se! É o naufrágio... Quais gatos
Maltratados, ó raiva! alçam-se a resmungar!
Abrindo lentamente as grandes omoplatas!
Sobre os inchados rins vede as calças inflar!

E já os podeis ouvir batendo as calvas contra
A sombria parede, a patear com os pés tortos.
No casaco os botões fingem pupilas de ouro
Fisgando o olhar desde o fundo dos corredores!

Depois, têm uma mão invisível que mata:
Em redor, seu olhar filtra o veneno vil
Que há no olhar sofredor da cadela espancada,
E entalados suais num medonho funil.

Reassentados, na manga imunda o punho em riste,
Eles pensam nos que os fizeram levantar
E, da manhã à tarde, os cachos das amígdalas
Pululam sob o queixo infirme, a supurar.

Se vem o austero sono as viseiras baixar-lhes,
Eles têm sonhos com cadeiras fecundadas
E cadeirinhas de gatinhas, em fraldinhas,
Que haverão de debruar nobres escrivaninhas;

Ninam-nos, a escarrar polens de ponto e vírgula,
Flores de tinta: sobre os cálices vergados
Quais libélulas sobre as lâminas das palmas
— Os membros a roçar contra barbas de espigas.

Transcrevo ainda uma terceira versão, apesar de mais próxima da definitiva (?), fiel ao compromisso de exibir os passos de nosso trabalho:

OS ASSENTADOS

Negros de lúpia, o olhar sublinhado de uns arcos
Verdes, nos fêmures crispando as mãos nodosas;
A ornar o sincipúcio uns rabugismos vagos
Como de um velho muro as florações leprosas;

Enxertaram, mercê de amores epilépticos,
Sua estranha ossatura em negras armações
De cadeiras; os pés aos varais esqueléticos
Enlaçam-se da aurora aos noturnos bulcões.

Entrelaçados às próprias cadeiras, sentem
Percalizar-se a pele aos raios das manhãs,
Ou, olhos na vidraça onde desfaz-se a neve,
Tremem com o tremor doloroso das rãs.

E os Assentos lhes são gentis: marrom, marcada
Das calças, cede a palha à altura dos quadris;
Nessas tranças de espiga em que o grão fermentava,
A alma dos velhos sóis decai do louro ao gris.

E aos Assentados, na boca os joelhos, pianistas
Verdes, os dedos sob o assento —de tambor—,
Ouve-se um marulhar de barcarolas tristes,
Vêem-se as calvas a ondear em balanços de amor.

—Oh! não os tireis do assento! É o naufrágio... Quais gatos
Maltratados, ó raiva! alçam-se a resmungar!
Abrindo lentamente as grandes omoplatas!
Sobre os inchados rins vede as calças inflar!

E já os podeis ouvir batendo as calvas contra
A parede, a patear com os desconformes pés.
No casaco os botões fingem pupilas de ouro
Desde o fundo da sala a fisgar-vos de viés!

Depois, têm uma mão invisível que mata:
Em redor, seu olhar filtra o veneno vil
Que há no olhar sofredor da cadela espancada,
E entalados suais num medonho funil.

Reassentados, na manga imunda o punho em riste,
Eles pensam nos que os fizeram levantar
E, da manhã à tarde, os cachos das amígdalas
Pululam sob o queixo infirme, a supurar.

Se o austero sono vem baixar-lhes as viseiras,
Eles têm sonhos com cadeiras fecundadas
E cadeirinhas de gatinhas, em cueiros,
Que haverão de debruar escrivaninhas gradas;

Ninam-nos, a escarrar polens de ponto e vírgula,
Flores de tinta: ei-los nos cálices a aflar
Quais libélulas nas lâminas dos gladíolos
— E nas barbas de espiga os membros a excitar.

ALAIN BORNE

JE NE SAURAIS JAMAIS...

Je ne saurais jamais retenir la fraîcheur de l'eau
dans mes mains crispées
ni la tiédeur de l'oiseau.

Mon regard est fixé sur le malheur
poussière lointaine qui devient le monde.

Ne reste pas dans la prison
de mon amour et de ma vie.

Mon regard est fixé sur le destin et la mort
et supprime tout le ruban des heures de pur soleil
et de neige et de fleur.

NÃO SABERIA JAMAIS...

Não saberia jamais conservar o frescor da água
nas mãos contraídas
nem a mornidão do pássaro.

Meu olhar se fixou sobre a desgraça
remota poeira que se torna o mundo.

Não permanece na prisão
de meu amor e minha vida.

Meu olhar se fixou sobre o destino e a morte
e suprime toda a fita das horas de puro sol
e de neve e de flor.

QUATRO POEMAS DE RILKE

Q.v. em “Dilemas de um Tradutor”, na p. [14], comentário sobre estas traduções.

DIE ENGEL

Sie haben all müde Münde
und helle Seelen ohne Saum.
Und eine Sehnsucht (wie nach Sünde)
geht ihnen manchmal durch den Traum.

Fast gleichen sie einander alle;
in Gottes Gärten schweigen sie,
wie viele, viele Intervalle
in seiner Macht und Melodie.

Nur wenn sie ihre Flügel breiten,
sinde sie die Wecker eines Winds:
Als ginge Gott mit seinen weiten
Bildhauerhänden durch die Seiten
im dunklen Buch des Anbeginns.

OS ANJOS

Têm todos uma boca lassa,[1]
e a alma diáfana, sem margens.[2]
E a nostalgia do pecado
muita vez em seus sonhos passa.

Têm todos quase a mesma face,
mudos, de Deus pelos jardins,
como incontáveis intervalos[3]
em sua força e melodia.

Só, quando desdobram as asas,
um vento acorda a vibração:
como se Deus, com a grande mão
de escultor, folheasse as páginas
do obscuro livro da Criação.

MENSCHEN BEI NACHT

Die Nächte sind nicht für die Menge gemacht.
Von deinem Nachbar trennt dich die Nacht,
und du sollst ihn nicht suchen trotzdem.
Und machst du nachts deine Stube licht,
um Menschen zu schauen ins Angesicht,
so musst du bedenken: wem.

Die Menschen sind furchtbar vom Licht entstellt,
das von ihren Gesichtern träuft,
und haben sie hachts sich zusammengesellt,
so schaust du eine wankende Welt
durcheinandergehäuft.
Auf ihren Stirnen hat gelber Schein
alle Gedanken verdrängt,
in ihren Blicken flackert der Wein,
and ihren Händen hängt
die schwere Gebärde, mit der sie sich
bei ihren Gesprächen verstehn;
und dabei sagen sie: *Ich* und *Ich*
und meinen: Irgendwen.

HOMENS NA NOITE

As noites não são feitas para a turba.
De teu vizinho aparta-te a noturna
treva, e na treva o não procurarás.
Se à noite fazes luz em tua casa
a fim de olhar os homens bem na face,
pergunta-te antes quais.

À noite os homens são desfigurados
pela luz que lhes rora do semblante,
e se os vires então aglomerados
verás confusamente amontoado
um mundo vacilante.
Das frontes num clarão amarelado
os pensamentos vão
fugindo; têm o olhar aguardentado;
pendem de cada mão
pesados gestos, com os quais em seu
confuso conversar se entendem bem;
diz cada um deles: *Eu* e *Eu*,
pensando: Não importa quem.

HERBST

Die Blätter fallen, fallen wie von weit,
als welkten in den Himmeln ferne Gärten;
si fallen mit verneinender Gebärde.

Und in den Nächten fällt die schwere Erde
aus allen Sternen in die Einsamkeit.

Wir alle fallen. Diese Hand da fällt.
Und sieh dir andre an: es ist in allen.

Und doch ist Einer, welcher dieses Fallen
unendlich sanft in seinen Händen hält.

OUTONO

Caem as folhas como de bem longe.
De que jardim celeste cairão?
Elas caem com um gesto que diz não.

Também, pesada, à noite a Terra tomba,
dentre as estrelas todas, na soidão.

Caímos todos nós. Cai esta mão,
e tudo cai, em sucessão eterna.

Mas há Alguém que essas quedas na mão terna
colhe, com infinita mansidão.

FORTSCHRITT

Und wieder rascht mein tiefes Leben lauter,
als ob es jetzt in breitern Ufern ginge.
Immer verwandter werden mir die Dinge
und alle Bilder immer angeschauter.
Dem Namenlosen fühl ich mich vertrauter:
Mit meinen Sinnen, wie mit Vögeln, reiche
ich in die windigen Himmel aus der Eiche,
und in den abgebrochnenTag der Teiche
sinkt, wie auf Fischen stehend, mein Gefühl.

PROGRESSO

E novamente em voz mais alta ruge
a minha vida, a progredir profunda
entre margens que se olham mais distantes.
E são minhas irmãs todas as coisas
e meu olhar se grava em cada imagem.
O inominado entrega-se ao meu sonho:
com meus sentidos, como se ajudado
pelos libertos pássaros, exploro
os céus atormentados pelos ventos,
e no dia refrato das lagoas[4]
escoa o meu sentir como se fora
sobre o dorso dos peixes transportado.

NOTAS

l) Para evitar esse *calaça*, pensei em:

Têm todos uma boca exausta

ou

Têm, todos, boca fatigada

ou ainda

Têm a boca esbatida, lassa ....

2) Forma anterior:

E a alma inconsútil e clara.

3) Alternativa:

como intervalo inumerável ....

4) Forma anterior:

e na luz refratada das lagoas ....

UM SONETO DE SHAKESPEARE

LV

Not marble, nor the gilded monuments
Of princes, shall outlive this powerful rhyme,
But you shall shine more bright in these contents
Than unswept stone, besmear'd with sluttish time.
When wasteful war shall statues overturn,
And broils root out the work of masonry,
Nor Mars his sword, nor war's quick fire, shall burn
The living record of your memory.
'Gainst death, and all oblivious enmity,
Shall you pace forth, your praise shall still find room,
Even in the eyes of all posterity
That wear this world to the ending doom.
So, still the judgement that yourself arise,
You live in this, and dwell in lovers' eyes.

LV

Mármor não há, nem áureo monumento,
Que sobreviva ao meu potente verso,
Mas tu nele terás mais luzimento
Do que a pedra, que ofusca o tempo adverso.
De Marte a espada arrasa a cantaria,
E as estátuas soverte-as o tumulto;
Mas nem da guerra o fogo apagaria
O vívido registro do teu culto.[1]
Vencendo a morte, o teu louvor constante
Os pósteros lerão, até o momento
Em que tu mesma te erguerás triunfante
Para o final divino julgamento.
Assim, tu nos meus versos viverás,
E nos olhos dos que amam brilharás.[2]

NOTAS

1. Alternativa para o quarteto:

Se márcia espada arrasa a alvenaria,
E as estátuas soverte-as o tumulto,
Nem da guerra o cruor apagaria
O vívido registro do teu culto.

2. Alternativa para o verso final:

E no olhar dos amantes brilharás.

Para o terceiro quarteto e o dístico:

De morte e olvido o teu louvor triunfante
Os pósteros lerão, até o momento
Em que tu mesma te erguerás perante
Os céus, para o postreiro julgamento.
Hás de viver nos versos meus constantes,
E brilharás nos olhos dos amantes.

À indiferenciação rimática dos versos 9/11 e 13/14 corresponde procedimentoanálogo no original (versos 6/8 e 7/9).

O *TYGRE* DE BLAKE

THE TYGER

Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye
Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies
Burnt the fire of thine eyes?
On what wings dare he aspire?
What the hand dare seize the fire?

And what shoulder, & what art,
Could twist the sinews of thy heart?
And when thy heart began to beat,
What dread hand? & what dread feet?

What the hammer? what the chain?
In what furnace was thy brain?
What the anvil? what dread grasp
Dare its deadly terrors clasp?

When the stars threw down their spears,
And water'd heaven with their tears,
Did he smile his work to see?
Did he who made the Lamb make thee?

Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye
Dare frame thy fearful simmetry?

O TIGRE

Tigre! Tigre! a rutilar
Nas florestas da noite, o ar
De medonha simetria
Que imortal mão comporia?

Em que longe abismo ou céu
Do olho o fogo te acendeu?[1]
Com que asas se atreve a voar?
Que mão ousa o sol pegar?

Que ombro poderia, e que arte,
As fibras da alma entrançar-te?
E, insuflado[2] o coração,
Que atro pé? que horrenda mão?

Que martelo? que corrente?
Em que forno ardeu-te a mente?[3]
Que manopla, em que bigorna,
De mortal terror a exorna?[4]

Quando arpões os sóis lançaram,
E de pranto o céu molharam,
Sorriu ele[5] ao ver-te inteiro?
Quem te fez, fez o Cordeiro?

Tigre! Tigre! a rutilar
Nas florestas da noite, o ar
De medonha simetria
Que imortal mão te ousaria?[6]

NOTAS

1. Primeiras versões:

O fogo do olhar te ardeu?

Te ardeu do olho o fogaréu?

2. Ou "formado", ou "acionado".

3. Literalmente:

Em que forno ardeu tua mente?

Alternativa:

Que martelo? que cadeia?
Em que forno ardeu-te a idéia?

4. Alternativa para "Que manopla": "E que punho".

Para os dois versos:

Que incude? que mão de horrores
Lhe inscreve os mortais terrores?

Versão anterior:

Que bigorna, e por que norma,
Seus mortais terrores forma?

5. Refere-se ao conseqüente, em vez de a um sujeito antecedente, se bem analiso –em termos sintáticos– a construção, cujo inusitado procuro manter.

6. Valeram-me, para a compreensão geral do texto e para um que outro pormenor, as traduções de Oswaldino Marques, Paulo Vizioli e José Jeronymo Rivera.

Parecem-me fantasiosas algumas interpretações do poema. Entendo que a identificação do Tigre com o Cristo é contraditada pela quinta estrofe.

BREVE NOTÍCIA DOS POETAS

ALAIN BORNE (1915–1962) – Nascido em Saint-Pont, perto de Vichy. Em 1922 vai com a família para Montélimar, que se tornaria, a partir de 1968, a cidade escolar que leva seu nome. Morreu num acidente automobilístico. Em *Poèmes à Lislei* (Seghers, 1946) estão os versos, que traduzi em 1961.

ALGERNON CHARLES SWINBURNE (1837–1909) — Poeta inglês, precursor do Simbolismo. Obras: *Poems and Ballads* (1866), *Songs before Sunrise* (1871), *Tristram of Lyonesse* (1882).

BALTASAR DEL ALCÁZAR (1530–1606) — Sevilhano. Dedicou-se especialmente à composição de letrilhas e epigramas, imitando Horácio e Marcial. Escreveu, todavia, poemas amorosos delicados em forma e pensamento.

CECÍLIA MEIRELES (1901–1964) — Jornalista, educadora, cronista, realizou poesia das mais altas de nossa língua. Obras principais: *Viagem*, *Vaga Música*, *Mar Absoluto*, *Retrato Natural*, *Romanceiro da Inconfidência*, *Metal Rosicler*, *Solombra*. "Reinvenção" é de *Vaga Música*.

CHARLES BAUDELAIRE (1821–1867) — Pilar da poesia moderna, de que é, na expressão de seu ilustre tradutor Ivan Junqueira, "o maior de todos os precursores". Além do legado supremo, que são *Les Fleurs du Mal*, deixou obras da importância dos *Petits Poèmes en Prose* (ou *Le Spleen de Paris*) e *Les Paradis Artificiels, Opium et Haschisch*.

DANTE MILANO (1899–1991) — Primoroso tradutor de Dante e Baudelaire. Escultor. Estreou tarde em livro, com *Poesias* (1948). Dele disse Manuel Bandeira ser "um dos nossos poetas mais fortes e mais perfeitos".

FÉLIX ARVERS (1806–1850) — Parisiense. Tornou-se famoso pelo soneto, escrito no álbum de uma senhora, geralmente conhecido como "Soneto de Arvers".

FRANCESCO PETRARCA (1304–1374) — De Arezzo, Itália. Durante toda a vida, dedicou intenso amor platônico a Laura de Noves, aristocrata provençal, transformando-a, mercê dos trezentos e dezessete sonetos que

lhe dedicou, num dos maiores ícones da lírica moderna, de que é considerado o fundador.

FRANCISCO DE QUEVEDO Y VILLEGAS (1580-1645) — Madrileno. Por ter matado um homem, em defesa de uma dama, fugiu para a Itália. Foi secretário do Grão-Duque de Ossuna. Encarcerado por Filipe IV, em São Marcos de Leão, passou quatro anos na masmorra, da qual saiu doente, vindo a morrer em Vilanova dos Infantes. Prócer do conceptismo, situa-se ao lado dos maiores líricos espanhóis, como Garcilaso, Lope de Vega, Fray Luis de León e Gôngora.

FRANÇOIS COPPÉE (1842–1908) — Escreveu *Le Reliquaire*, *Intimités*, *Les Humbles*, *Le Cahier Rouge*. *Poésies* (1890–1905) compreende *Dans la Prière et dans la Lutte* (de que extraímos "Aumône Royale", *De Pièces et de Morceaux* e *Des Vers Français* (donde "Les Trois Roses").

GÉRARD DE NERVAL (1808–1855) — Nome literário de Gérard Labrunie. Nascido em Paris, onde, cerca de 47 anos depois, o encontram enforcado. Sua vida oscilou entre internações por motivos psicológicos e períodos de lucidez. Sua obra-prima são os belos e misteriosos sonetos de *Les Chimères* (1854). "Le Pont Noir" é de *Les Petits Châteaux de Bohème* 1852).

GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER (1836–1870) — É, decerto, o poeta mais amado do Romantismo espanhol (embora, cronologicamente, não se enquadre com justeza na escola). São universalmente conhecidas e apreciadas as suas *Rimas*, traduzidas entre nós por José Jeronymo Rivera (Embaixada da Espanha/Thesaurus Editora, Brasília, 2002).

GUTIERRE DE CETINA (1515?–1557?) — Sevilhano. Douto em humanidades, militar, escreveu canções, letrilhas, sonetos e madrigais muito apreciados pela fantasia e musicalidade. Ardentemente apaixonado por Dona Leonor de Osma, foi morto por um rival "ao pé de seus balcões".

JEAN-ARTHUR RIMBAUD (1854–1891) — Gênio precoce, vida aventurosa. Aos dezenove anos tinha já completa sua luminosa obra. Data de 1873 *Une Saison en Enfer*. *Les Illuminations*, escritas em 1971-1973, foram publicadas por Verlaine em 1886. Também por Verlaine foram publicadas suas *Poésies Complètes*, em 1895.

JEAN COCTEAU (1889–1963) — Desenhista, pintor, teatrólogo, cineasta, romancista, engajou-se em movimentos de vanguarda. De sua obra poética, citem-se *Cap de Bonne-Espérance* (1919), *Poésies* (1920), *Clair-Obscur* (1954), *Réquiem* (1962).

JORGE LUIS BORGES (1899–1986) — Argentino, um dos mais prestigiosos escritores da América hispânica. Antes conhecido por suas ficções do que pela poesia, embora se incluam neste gênero seus primeiros livros: *Fervor de Buenos Aires*, *Luna de Enfrente*, *Cuaderno San Martín*. O poema traduzido pertence a *El Otro, el Mismo*.

JOSÉ MARTÍ (1853–1895) — Patriota cubano, pan-americanista. Como poeta, foi precursor do Modernismo, com grande influência nas letras hispano-americanas. Entendia a literatura como "expresión y forma de la vida de un pueblo", defendendo uma poesia com "raíz en la tierra, y base de hecho real".

JULES LAFORGUE (1860–1887) — Nascido em Montevidéu, integrou o Simbolismo francês. Obras: *Les Complaintes*, *L'Imitation de Notre Dame la Lune*, *Le Concile Féerique*, *Derniers Vers*, *Des Fleurs de Bonne Volonté*, *Le Sanglot de la Terre*.

JULIA PRILUTZKY FARNY (1912–2002) — Escritora argentina (nascida na Ucrânia), com diversificada obra publicada desde 1936. Sua *Antología del Amor*, saída em 1977, tem merecido sucessivas reedições. Data de 1983 a 21.ª edição.

NICOLÁS GUILLÉN (1902–1989) — Poeta cubano. Autor de *Motivos de Son*, *Sóngoro Cosongo*, *West Indies, Ltd.*, *España*, *El Son Entero*, *Elegías*, *La Paloma de Vuelo Popular* (em que está "Un Largo Lagarto Verde"), *Tengo*, *Poemas de Amor*.

OCTAVIO PAZ (1914–1998) — Mexicano. Prêmio Nobel de Literatura em 1991. Importante ensaísta e conferencista (*El Laberinto de la Soledad*, *El Arco y la Lira*, *El Mono Gramático*, *Los Hijos del Limo*, *Sor Juana Inés de la Cruz o las Trampas de la Fe*). Alguns livros de poesia: *Piedra de Sol*, *Salamandra*, *Blanco*, *Vuelta*, *Árbol Adentro*.

PABLO NERUDA (1904–1973) — Nome literário de Neftalí Ricardo Reyes. Chileno. Prêmio Nobel de Literatura em 1971. Obras: *Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada* (traduzido por Domingos Carvalho da Silva), *Residencia en la Tierra*, *Oda a Stalingrado*, *Tercera Residencia*, *Canto General*, *Odas Elementales*, etc.

PAUL VERLAINE (1844–1896) — Um dos primeiros e mais altos nomes do Simbolismo francês. Obra: *Poèmes Saturniens* (a que pertence a "Chanson d'Automne"), *Fêtes Galantes*, *La Bonne Chanson*, *Romances sans Paroles*, *Sagesse*, *Jadis et Naguère*.

PEDRO SALINAS (1892–1951) — Nascido em Madri e falecido em Boston. Adepto da poesia pura, autor de uma poesia amorosa refinada,

deixou oito livros, entre os quais *Seguro Azar*, *La Voz a Ti Debida* e *Razón de Amor*.

RAINER MARIA RILKE (1875–1926) — Nascido em Praga, mas de cultura alemã, "não se pode todavia dizer que Rilke adotasse outra pátria além da Poesia" (Geir Campos). Dentre suas obras: *Livro de Imagens, Livro de Horas*, *Elegias de Duíno*, *Sonetos a Orfeu*.

RUBÉN DARÍO (1867–1916) — Félix Rubén García y Sarmiento. Nicaragüense, mestiço de índio. *Azul*, de 1888, é um marco do Modernismo hispano-americano. Diplomata, percorreu a Europa e a América. "A Machado d'Assis" e "La Victoria de Samotracia" são de *Del Chorro de la Fuente*; "Visión", de *El Canto Errante*; "Coloquio de los Centauros", de *Prosas Profanas*.

SANDRO PENNA (1906–1977) — Natural de Perugia, Itália. Autor de *Poesias* (1939), *Apontamentos* (1950), *Uma Estranha Alegria de Viver* (1956), *Cruz e Delícia* (1958) e *Todas as Poesias* (1970).

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ (1651–1695) — Mexicana, pai espanhol e mãe crioula, foi autodidata e aos 14 anos era já conhecida por seu saber e sua poesia. Ingressou na Ordem Carmelita e depois na Ordem Jerônima. Defendeu como poucos os direitos da mulher. Morreu de peste, contraída enquanto cuidava de suas irmãs religiosas.

VICENTE HUIDOBRO (1893-1947) — Chileno. Dos maiores poetas da América. Instituiu o Criacionismo. Em Paris desde 1916, escreveu em francês parte de sua obra. Alguns títulos: *Horizon Carré* (1917), *Tour Eiffel*, *Hallalí* (1918), *Saisons Choisies* (1921), *Automne Regulier* (1925), *Altazor* (1931). Dos poemas aqui traduzidos, "Mares Articos" é de *Poemas Articos* (1918); os dois outros, de *Espejo de Agua* (1916).

WILLIAM BLAKE (1757–1827) — Poeta, prosador e gravador inglês. Místico e visionário. Sua extraordinária poesia está em *Canções da Inocência*, *O Casamento do Céu e do Inferno*, *Canções da Experiência*, *Jerusalém*, entre outros títulos.

WILLIAM SHAKESPEARE (1564–1616) — Inglês, considerado um dos maiores poetas e dramaturgos de todos os tempos. Algumas obras: *Romeu e Julieta*, *Sonho de uma Noite de Verão*, *O Mercador de Veneza*, *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear*, *Macbeth*. Deixou, também, poesia desvinculada do palco, a exemplo dos *Sonetos*.

XOSÉ RUBIA BARCIA (1914–1997) — Nasceu em O Ferrol, Galiza. Formou-se em Filosofia e Letras pela Universidade de Granada. Exilou-se em 1939, em razão da ditadura franquista, e a partir de 1947 lecionou

Literatura na Universidade da Califórnia, de cujo Departamento de Espanhol e Português foi diretor. Obras em galego, espanhol e inglês.

ÍNDICE DOS POETAS
COM OS POEMAS TRADUZIDOS

ALAIN BORNE
Je ne saurais jamais...
Não saberia jamais...
A. C. SWINBURNE
A *Ballade of Dreamland*
Balada do País do Sonho
BALTASAR DEL ALCÁZAR
Tres cosas me tienen preso
Três Coisas
CECÍLIA MEIRELES
Reinvenção
Reinvención
CHARLES BAUDELAIRE
L'Albatros
O Albatroz
Élévation
Elevação
Correspondances
Correspondências
Hymne à la Beauté
Hino à Beleza
De Profundis Clamavi
De Profundis Clamavi
La Musique
A Música
Spleen
Spleen
La Destruction
A Destruição
La Mort des Pauvres
A Morte dos Pobres
La Fin de la Journée
O Fim da Jornada
DANTE MILANO
O Homem e a sua Paisagem
El Hombre y su Paisaje
FÉLIX ARVERS
Sonnet
Soneto
FRANCESCO PETRARCA
Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono
Vós que escutais nas rimas do meu verso

FRANCISCO DE QUEVEDO

Amor Constante más Allá de la Muerte

Amor Constante para Além da Morte

Fue sueño ayer, mañana será tierra

Ontem foi sonho, logo será terra

Exhorta a los que amaren...

Exorta os que amarem...

Amor me ocupa el seso y los sentidos

Amor a mente ocupa-me e os sentidos

GÉRARD DE NERVAL

Le Point Noir

O Ponto Negro

FRANÇOIS COPPÉE

Aumône Royale

Esmola Real

Les Trois Roses

As Três Rosas

GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER

Espíritu sin nombre

Espírito sem nome

"¿Qué es poesía?"

"Que é poesia?"

Los suspiros son aire

Os suspiros são ar

GUTIERRE DE CETINA

Madrigal

Madrigal

JEAN-ARTHUR RIMBAUD

Voyelles

Vogais

Vénus Anadyomène

Vênus Anadiomene

Les Effarés

Meninos de Rua

Le Dormeur du Val

O Adormecido do Vale

Ma Bohème (Fantaisie)

Minha Boêmia (Fantasia)

Les Corbeaux

Os Corvos

Les Assis

Os Assentados

Le Bateau Ivre

O Barco Ébrio

JEAN COCTEAU

J'ai trop aimé

Eu muito amei

JORGE LUIS BORGES
Soneto del Vino
Soneto do Vinho
JOSÉ MARTÍ
Cultivo una rosa blanca
Cultivo uma rosa branca
JULES LAFORGUE
Noël Sceptique
Natal Céptico
JULIA PRILUTZKY FARNY
Y un día, será el fin. El fin incierto
E, um dia, será o fim.O fim incerto
Este miedo de ti, de mí... De todo
Este medo de ti, de mim... De todo
Este miedo de estar consigo mismo
Este medo de estar com o próprio abismo
Tanto llanto de amor, llorado en vano
Tanto pranto de amor, em vão chorado
No quiero esto de andar enamorado
Não quero isto de andar enamorado
Yo no sé todavía cómo existe
Não sei, não sei ainda como existe
NICOLÁS GUILLÉN
Un Largo Lagarto Verde
Um Grande Lagarto Verde
OCTAVIO PAZ
Palabras en Forma de Tolvanera
Palavras em Forma de Redemoinho
Entre lo que Veo y Digo...
Entre o que Vejo e o que Digo...
Entre Irse y Quedarse
Entre Ir e Ficar
Hermandad
Irmandade
PABLO NERUDA
Cada Día Matild
Cada Dia Matilde
Final
Final
PAUL VERLAINE
Chanson d'Automne
Canção de Outono
PEDRO SALINAS
Presagios – 41
Presságios – 41
RAINER MARIA RILKE
Die Engel

Os Anjos
Menschen bei Nacht
Homens na Noite
Herbs
Outono
Forschritt
Progresso

RUBÉN DARÍO

A Machado d'Assis
A Machado de Assis
La Victoria de Samotracia
A Vitória de Samotrácia
Visión
Visão
Coloquio de los Centauros
Colóquio dos Centauros

SANDRO PENNA

Mi nasconda la notte e il dolce vento
Que me escondam a noite e o doce vento

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ

Este que ves, engaño colorido
Este, que vês, engano colorido
Al que ingrato me deja, busco amante
O que ingrato me deixa busco amante

VICENTE HUIDOBRO

Arte Poética
Arte Poética
El Espejo de Agua
O Espelho de Água
Mares Articos
Mares Árticos

WILLIAM BLAKE

The Tyger
O Tigre

WILLIAM SHAKESPEARE

Not marble, not the gilded monuments
Mármor não há, nem áureo monumento

XOSÉ RUBIA BARCIA

Lembraste ti miña nena
Lembras-te minha querida